



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA**

LÍLIAN MARILAC CORNÉLIO DE FREITAS PEIXOTO

**A FALA DO VAQUEIRO DO SERTÃO BAIANO:
ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL**

Salvador
2007

LÍLIAN MARILAC CORNELIO DE FREITAS PEIXOTO

**A FALA DO VAQUEIRO DO SERTÃO BAIANO:
ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota.

Salvador
2007

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

P377 Peixoto, Lílian Marilac Cornélio de Freitas.
A fala do vaqueiro do sertão baiano : análise semântico-lexical / Lílian Marilac Cornélio de Freitas Peixoto. - 2007.
108 f. : il.

Inclui anexos.
Orientadora : Profª. Drª. Jacyra Andrade Mota.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2007.

1. Léxico. 2. Semântica. 3. Dialectologia. 4. Vaqueiros.
5. Identidade sociolingüística e cultural I. Mota, Jacyra Andrade. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 401.41
CDU - 81'42

DEDICATÓRIA

À minha família, aos meus pais, minhas irmãs, meus filhos e meu esposo, pela importância que tiveram na trajetória de mais esta realização, pela compreensão, pelo carinho e incentivo.

Ao meu espírito aventureiro e ousado, que me ensinou a nunca temer as mudanças e me fez conhecer a Bahia e a terra sertaneja de Teofilândia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela vida.

Ao meu esposo, pelas madrugadas necessárias às viagens para Salvador.

Aos baianos, que tão bem me acolheram e muito me ensinaram, cujo contato me rendeu muitos amigos.

Aos professores, funcionários e colegas da UFBA, pelo apoio e dedicação.

À professora Jacyra Andrade Mota, que não mediu esforços com a paciência, competência e dedicação.

Aos vaqueiros, pela disponibilidade não só de tempo mas também de atenção e carinho.

“Daqui a uns ano, a catinga mesmo tá acabano, só tem mesmo pastaria. Daqui a uns cinco, deiz ano, esses minino novo que tá vino aí, eles num vão sabê nem o que que é um gibão, uma pernera... Só aquela que o pai dexá pindurada num tronco...”

(Vaqueiro Fernando Marinho)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise semântico-lexical de alguns aspectos da fala de uma comunidade específica, como essa utiliza o léxico de sua língua, aqui considerado um conjunto de formas lingüísticas que os falantes compreendem, empregam e modificam para a sua comunicação. Para tal, tornou-se necessário o apoio nos arcabouços teóricos da Dialectologia, Semântica e Lexicologia, prioritariamente, passando pelos caminhos da Sociolingüística e da Etnolingüística, entendido o léxico como ponto de encontro destes estudos. O *corpus* desta pesquisa constituiu-se de uma comunidade de vaqueiros do município de Teofilândia, região do sertão da Bahia. Para a efetivação deste estudo, conforme se relata no capítulo referente à Metodologia, foram obedecidos os passos da pesquisa de campo relativos à coleta de dados, por meio de gravação de entrevistas, narrativas e cantigas, com a utilização de questionário específico, organizado em quatro subcampos semânticos, buscando-se contemplar os conteúdos **o gado** e **o vaqueiro**; transcrição grafemática, seguida de detalhada descrição das formas lexicais recolhidas, com base na consulta a dicionários de sinônimos e etimológico, aos atlas lingüísticos *ALS* e *APFB* e à literatura regional acerca do léxico do vaqueiro. Os informantes são todos residentes no município de Teofilândia, sem terem se afastado da localidade mais de 100 km, nos últimos três anos, sendo profissionalmente ativos. Os dados recolhidos mostram alguns aspectos referentes ao gado, motivo maior do trabalho do vaqueiro, como características físicas, raças etc.; à vida do vaqueiro, suas atividades diárias, suas dificuldades, suas alegrias e perspectivas para o futuro da profissão. É decorrência natural deste estudo o conhecimento da realidade sociocultural dos informantes, cuja fala deixa transparecer as relações que mantêm entre si e com o meio. Assim sendo, a documentação e descrição do léxico dessa comunidade específica permitem a sua preservação e, conseqüentemente, fornecem subsídio para o conhecimento do português do interior do Brasil, no resguardo de sua sobrevivência e de nossa identidade social, lingüística e cultural.

Palavras-chave: Léxico. Semântica. Dialectologia. Vaqueiros. Identidade sociolingüística e cultural.

ABSTRACT

This study presents a lexical-semantic analysis of some of the speech aspects of a specific community and how it uses the language's lexis – here considered as a set of linguistic forms which the speakers understand, use and modify in order to communicate. For that, it became necessary the support from, primarily, the general theory of Dialectology, Semantics and Lexicology, and also meandering through Sociolinguistics and Ethnolinguistics, with the lexis being the meeting point of these fields of study. The corpus of this research was formed by a cowboy community in the town of Teofilândia, in the “sertão” of Bahia. For the completion of this study, as it is described in the methodology section, the steps of field research were followed in relation to data collection. The collection was done through recording of interviews, narratives and folklore songs. A specific questionnaire was organized into four semantic subfields, in order to focus on the themes The cattle and The cowboy, graphematic transcription, which is followed by a detailed description of the lexical forms collected, based in the consultation of not only etymology and synonym dictionaries, but also in the regional literature on the cowboys' lexis. The subjects are all Teofilândia's residents, all professionally active, haven't been further than 100 km away from the town in the last three years. The data shows some aspects in reference to the cattle - the greatest reason for the cowboys' work – such as physical traits, breeds, etc. They also describe the subjects' daily activities, their difficulties, joys and perspectives for the future of the profession. It is a natural consequence of this study the knowledge of the sociocultural reality of the subjects, whose speech demonstrate the relationships they have amongst themselves and their environment. Therefore, the lexis documentation and description of this specific community allow its preservation and, consequently, provide means for the knowledge of the Portuguese used in the Brazilian countryside. Besides, it assure its survival and the survival of our social, linguistic and cultural identity.

Keywords: Lexic. Semantics. Dialectology. Cowboys. Social, linguistic and cultural identity

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS

INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 O ENFOQUE LÉXICO-SEMÂNTICO	22
2.1.1 A Lexicologia	22
2.1.2 A Terminologia	26
2.1.3 A Socioterminologia	31
2.1.4 A Semântica	32
2.2 O ENFOQUE DIALETOLÓGICO E SÓCIO-ETNOLINGÜÍSTICO	37
2.2.1 A Dialectologia	37
2.2.1.1 A Dialectologia no Brasil	40
2.2.2 A Sociolingüística	44
2.2.3 A Etnolingüística	46
3 METODOLOGIA	49
3.1 O CONHECIMENTO DA COMUNIDADE E A INSERÇÃO DO DOCUMENTADOR	50
3.2 A ESCOLHA DOS INFORMANTES	51
3.3 OS INSTRUMENTOS DE INQUÉRITO	53
3.4 A RECOLHA DOS DADOS	54
3.5 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS	56
4 TEOFILÂNDIA: a localidade dos inquéritos	58
5 ANÁLISE SEMÂNTICO- LEXICAL	62

5.1	O GADO	63
5.1.1	Partes do corpo	63
5.1.2	Fases do desenvolvimento do gado	67
5.1.3	Características físicas	69
5.1.3.1	Vaca que não cria	69
5.1.3.2	Vaca que dá muito leite	70
5.1.3.3	Rês que não tem chifres	70
5.1.3.4	Rês pronta para o abate	72
5.1.3.4.1	Gado criado para o consumo próprio	73
5.1.3.5	Tipos de couro	74
5.1.3.6	Tipos de chifre	76
5.1.3.7	Raças	77
5.1.4	Comportamento do gado	81
5.1.5	Doenças do gado	83
5.1.6	Alimentação do gado	90
5.2	O VAQUEIRO	95
5.2.1	A vestimenta	95
5.2.2	O trabalho com o gado	98
5.2.2.1	A rotina	99
5.2.2.1.1	Atividades relacionadas à manutenção da área em que o gado se encontra, à alimentação e verificação do estado dos animais	99
5.2.2.1.2	Atividades que se destinam a separar o gado para determinados procedimentos	102
5.2.2.1.3	Atividades relativas à identificação do gado, prevenção, profilaxia e cura das doenças	103
5.2.2.1.4	Atividades relacionadas à condução do gado	103
5.2.2.1.4.1	A condução do gado no campo ou em curtas distâncias	103

5.2.2.1.4.2	A condução do gado em longas distâncias	109
5.2.2.1.5.	Atividades relativas à subsistência do vaqueiro	114
5.2.2.2	A vaquejada	115
5.2.2.3	O aboio ou cantiga de trabalho	118
5.2.2.4	Compra e venda do gado	125
5.2.2.5	O cavalo	126
5.2.2.6	Lugar onde se cria o gado	128
5.2.2.6.1	Tipos de madeira para cercar o local onde se cria o gado	131
5.2.2.6.2	Fechamento da propriedade ou do pasto	138
5.2.2.7	As dificuldades	139
5.2.2.8	As crenças e superstições	142
5.2.2.9	O futuro da profissão	143
5.2.3	Instrumentos para o manejo com o gado	144
5.2.3.1	Para impulsionar o gado	145
5.2.3.2	Para aprisionar o gado	148
5.2.3.3	Para controlar e conduzir o gado	150
5.2.3.4	Para marcar o gado	155
5.2.3.5	Para retirar o chifre do gado	157

CONSIDERAÇÕES FINAIS	158
-----------------------------	-----

REFERÊNCIAS

ANEXOS

ANEXO I: QUESTIONÁRIO SOBRE O LÉXICO DO VAQUEIRO DO SERTÃO BAIANO

ANEXO II: QUADRO DE OCORRÊNCIA DE ALGUMAS FORMAS LEXICAIS

ANEXO III: DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

LISTA DE ABREVIATURAS

acepç. : acepção
adj. : adjetivo
adp./adapt. : adaptado(a)/adaptação
afer. : aférese
ALS: Atlas Lingüístico de Sergipe
ant. : anterior
APFB: Atlas Prévio dos Falares Baianos
ár. : árabe

b. :baixo
bras. : brasileiro

cat. : catalão
cast. : castelhano
célt. : céltico, celta
cf./conf. : conforme, confira
cient. : científico(a)
cog. : cognato
comp. : composto(a)/composição
controv. : controvertido(a)
cp. : compare

der./deriv. : derivado(a)
design. : designativo(a)
dev./deverb. : deverbais
divg. : divergente

el./elem. : elemento
erud. : erudito
esp. : espanhol
ex. : exemplo
ext. : extensão

fam. : família
f./fem. : feminino
fig. : figurado
fr. : francês
fut. : futuro

g. : gênero
gen. : genitivo
germ. : germânico
gír. : gíria
gót. : gótico
gr. : grego
hebr. : hebraico
hisp. : hispânico
hist. : história

id. : idem
indic. : indicativo
inf. : informação, informante
infl. : influência
ing. : inglês
irl. : irlandês
it. : italiano

lat. : latim
ling. : linguagem

mar. : marinha, marítimo
m. : masculino, médio

orig. : original (acepção)

p. : por, pronominal
part. : particípio
perf. : perfeito
plat. : platino
port. : português
pref. : prefixo
pret. : pretérito
prov. : provençal, proveniente

rad. : radical
red. : redução
regr. : regressivo(a)

s./sc. ; “a saber”
s. / subst. : substantivo
séc. : século
seg. : segundo (a)
sf. : substantivo feminino
signf. : significado, significa
sm. : substantivo masculino
subfam. ; subfamília

substv. : substantivado

suf. : sufijo

superl. : superlativo

tar. ; tardio

tur. : turco

us. : usado

v. : verbo

vulg. : vulgar, vulgarmente

INTRODUÇÃO

Contra a opinião dos que negam o dialeto brasileiro, opinião que vai de encontro a tudo o que está estabelecido em relação à evolução das línguas, se opõe a realidade que não exige demonstrações. Nem o dialeto brasileiro nos envergonha.

É um fenômeno cuja espontaneidade não podemos deter nem governar, é uma força viva que surge das massas populares ao impulso de tendências lógicas e naturais e cuja expansão devemos estudar e observar, mas que não está em nós orientar, porque ela se dirige de acordo com leis glóticas certas e imutáveis. (MARROQUIM, 1945, p.15)

O empenho à realização deste estudo se deve ao conhecimento e à apreciação das cantigas de vaqueiro no sertão da Bahia, mais especificamente na região do município de Teofilândia, em uma primeira instância, e à percepção da importância da descrição da realidade lingüística local, com vistas à sua preservação e, conseqüentemente, à compreensão da rica diversidade do português do Brasil. Torna-se, desta maneira, bastante atual e, por que não dizer, extemporânea, a opinião de Marroquim (1945), tamanhas a riqueza e a complexidade que o português brasileiro nos apresenta.

Segundo a visão antropológica de Queiroz (1988), nada caracteriza mais a espécie humana do que a linguagem, porque esta se torna o seu meio de existência e atuação no mundo. Não se sabe de nenhuma sociedade humana que exista, ou que tenha existido, em qualquer época, privada da capacidade da fala e, por outro lado, é do nosso conhecimento a existência de sociedades ágrafas.

A língua é um poderoso instrumento de identificação de uma raça ou povo. A fala é a modalidade mais comum, autêntica e dinâmica de uso da língua e, por isso, é um instrumento cuja utilização é das mais eficazes para a delimitação de comunidades nas pesquisas lingüísticas. O discurso falado, constituindo-se no uso do vernáculo como o veículo de comunicação em situações naturais de interação social, permite ao interlocutor-pesquisador não só depreender o estilo individual do falante mas também filiá-lo a um determinado grupo ou realidade social.

Uma das mais difíceis tarefas de quem se aventura pelos caminhos da lingüística é adquirir a capacidade de considerar a língua falada em seus próprios fundamentos, sem se deixar influenciar pela idéia de que a pronúncia de uma palavra ou expressão seja, ou deva ser, determinada por sua ortografia.

O vaqueiro é, ainda hoje, personagem importante na história dos tipos caracterizadores da realidade interiorana brasileira. Ele constitui um grupo social determinado não apenas pelo tipo de trabalho que exerce, pela sua participação na configuração econômica do Brasil, mas também pela criação e uso de elementos que constituem um vocabulário formador de uma espécie de linguagem profissional, identificando-se, conseqüentemente, como um exemplo de resistência cultural na comunidade. E isso constitui a mola mestra desta pesquisa, que pretende constatar a existência desta expressão lingüística peculiar e, assim sendo, satisfazer a necessidade de se descrevê-la e de se documentá-la, porque ela é guardiã de uma realidade lingüístico-cultural que se encontra ameaçada de extinção.

Além disso, o estudo do léxico é um caminho seguro para se trilhar nesta empreitada, pois o acervo lexical de uma língua evidencia claramente a realidade cultural da comunidade ou grupo que a possui, nas transparências inevitáveis das relações entre falantes e mundo, quando se trata de uma pesquisa deste porte.

O léxico consiste num conjunto de saberes sociolingüísticos e culturais compartilhados pelos integrantes de uma dada comunidade. Além disso, o léxico revela o modo como este mesmo grupo interpreta e representa a sua realidade e como modifica essa mesma realidade, relacionando-se, assim, estreitamente, com o percurso histórico dos grupos humanos que o empregam. (SANTOS, 2002, p. 9)

Ainda no que toca à relação entre léxico e cultura, Martinet (1975 *apud* SANTOS, 2002, p.9), afirma que o caráter dinâmico das línguas é motivado por necessidades comunicativas do grupo que as emprega, as quais, por sua vez, relacionam-se diretamente com a evolução intelectual, social e econômica desse mesmo grupo. E o léxico reflete isso de maneira bastante clara.

Para o estudo de tão rico aspecto da nossa realidade lingüística, torna-se indispensável a referência à história do Nordeste do país, mesmo que feita aqui de forma pouco consistente, cujo estudo tem permitido o conhecimento do português do Brasil e sua diversidade.

Ao se fazer uma retrospectiva acerca da ocupação da região nordestina brasileira, não há como ignorar a participação do vaqueiro na atividade de pecuária e, com esta, o pastoreio do gado, que, devido ao seu caráter nômade, atua como um fator decisivo na povoação da região.

Quando, em fins do século XVII e ao longo de todo o século XVIII, a necessidade de expansão colonizadora empurrou o homem para além das léguas agricultáveis do massapé, projetando-o no universo cinzento da caatinga, fez surgir um novo tipo de cultura, cujos traços mais salientes podem ser resumidos na predominância do individual sobre o coletivo – no plano do trabalho – e nos sentimentos de independência, autonomia, livre arbítrio e improvisação, como características principais do homem condicionado por esse cenário agressivo e vastíssimo que é o Sertão. Nele, diferentemente do que ocorreu na Mata, tudo se fez na insegurança. Dois anos de seca se mostravam suficientes para destruir o trabalho de dez, comprometendo a indispensável progressividade da economia, desestimulando iniciativas de vulto, gerando a inconstância de uma vida sem raízes, indefesa diante da irregularidade dos elementos. O sedentarismo, como forma de vida inspirada pelo sistema de produção, já ficou para trás. A pecuária nascente, bem ao contrário, sugere o nomadismo, o que se revela facilmente compreensível, se atentarmos para a pobreza do pasto nas regiões semi-áridas, a exigir, por força de um rápido exaurimento, a abertura de áreas sempre novas para o gado. (MELO, 1988, p.14)

Duas “civilizações” diferentes originaram-se do processo de constituição do Nordeste brasileiro: uma do açúcar, de maior relevo, pelo significativo desempenho na economia brasileira, cuja história já está bem contada e conhecida, e outra do gado, de menor projeção vertical e menor prestígio, mas de grande participação no desbravamento do espaço, horizontalmente conquistando o interior do país.

O ciclo do pastoreio teve como berço as terras que se limitam pelo Médio São Francisco e pelo Tocantins, abrangendo o Norte de Minas Gerais, histórica e geograficamente, um prolongamento da Bahia.

A caatinga, apesar de representar um entrave à penetração povoadora e exigir muita coragem e espírito pioneiro do homem que trata com o gado, é mais favorável à formação de pastos do que a região de mata.

Ao mesmo tempo em que o pastoreio desvendava a caatinga, a caatinga fazia conhecer o homem forte que se adaptava às agruras do clima do sertão.

Enquanto o açúcar afugentava os investidores, devido às despesas que o seu cultivo demandava, a criação de gado era de baixo custo e, para a sua prática, não necessitava da derrubada das matas.

Havia chances de aquisição de pastos, já que os vaqueiros recebiam, *in natura*, $\frac{1}{4}$ da produção, podendo, em quatro ou seis anos, através do arrendamento de tratos territoriais, adquirirem suas próprias terras.

Outro fator que favorecia o pastoreio era o transporte: o gado é mercadoria que se move por si mesma e, por isso, não havia inconveniente em adentrar muito longe do litoral. A pecuária realizava o trabalho de preenchimento dos buracos demográficos, inacessíveis aos engenhos e, neste sentido, apesar de fixar um número populacional inferior ao dos canaviais, foi muito superior à mineração, segundo palavras de Porto (1959). Enquanto a mineração não tinha raízes fundas, a pecuária se fixava, ia penetrando por contigüidade, caminhando aos poucos e sem pressa, conservando os novos currais, que, mais tarde, davam origem aos núcleos populacionais coesos e fortes.

Sem o apoio da costa, o interior se firma e se consolida. Não há luxo mas há riqueza. Os rebanhos garantem aos fazendeiros uma vida de bem-estar e fartura.

O principal produto dos rebanhos não era a carne e sim o couro, que satisfazia a necessidade da economia colonialista de exportação.

A carne, consumida pelos próprios moradores do povoado, passou a ser industrializada como “carne seca” ou “charque”, abastecendo o litoral.

O couro, matéria-prima de muita utilidade, adquiriu alta colocação e rentabilidade no mercado externo.

O leite abastecia a farta cozinha das fazendas.

Ao longo do tempo, descobriu-se que do boi só se perde o berro.

Portanto, o Nordeste deve à cana e ao gado a sua formação e, em especial, aos baianos, pelo papel de destaque nesta empreitada, particularmente os ribeirinhos do São Francisco, num esforço anônimo e incessante, contra as agruras das condições ambientais.

Isolados pela Serra do Espinhaço, ao Leste, os habitantes da Capitania de Francisco Pereira saíam rumo ao Norte e, transpondo o curso do Rio Real, foram semeando currais pela vastidão do sertão, enquanto os colonos de Olinda, seduzidos pelo açúcar, deixavam-se ficar pelo litoral.

Constituem-se, assim, duas realidades que se completam e delineiam a fisionomia socioeconômica dessa região do Brasil: canavial e pastoreio, senhor-de-engenho e vaqueiro, casas grandes e currais. E, nessa paisagem, o vaqueiro é o protagonista de uma história de liberdades e limitações, senhor de suas próprias improvisações, do seu trabalho, mesmo que governado pelas condições físicas do ambiente, tendo a seca como seu único patrão. De espírito aventureiro, tem imenso orgulho de sua história; místico e supersticioso, faz questão de demonstrar o apego aos

seus valores e crenças. O vaqueiro é dotado de força, de caráter e de corpo, de orgulho pessoal e coragem exagerados, incitados pelo apego à terra, à família e ao animal, conforme as palavras de Boaventura (1989 *apud* CARVALHO, 2005, p.21):

Fez-se combativo, heril, vertical, o homem do pastoreio com a faina da vida, que enrijece o físico e aprimora o moral. Alma telúrica a do sertanejo, que se fez através da alma da terra, que o traduz, que o explica. Completam-se ambos. Difícil uma disjunção sua.

Considerando-se tão vasta e rica fonte do *corpus*, esta pesquisa não se restringe ao percurso da documentação e descrição do conteúdo lexical da área em estudo, ou o que se refere aos estudos dialetológicos sintópicos. Tendo como ponto de partida a Dialetologia, a Semântica e a Lexicologia, trilhou também os caminhos suscitados pelos princípios teóricos da Etno e da Sociolingüística.

Assim sendo, este estudo se justifica com base na

- **Dialetologia**, por ser possível, a partir da descrição da modalidade falada da língua, caracterizar-se, geográfica e socioculturalmente, um dialeto;
- **Etnolingüística**, pela oportunidade de se fazer o estudo da língua sob o seu aspecto cultural e entender esta como um meio para a cultura subsistir;
- **Sociolingüística**, por compreender as condições sociais de determinada comunidade, por meio da sua *performance* lingüística;
- **Semântica**, pela possibilidade de se conhecer a forma como a comunidade apreende e utiliza o acervo lexical sob o seu domínio e
- **Lexicologia**, por se poder estudar o léxico como um processo de relação dos falantes entre si e destes com o seu meio, o que identifica uma comunidade.

Quase todas as comunidades interioranas do Brasil têm sua origem e organização em razão da atividade profissional. O trabalho, fator determinante da sobrevivência e identificação do homem no meio social, tem, na região sertaneja do Nordeste da Bahia, incalculável valor, às vezes de difícil compreensão para quem não está imerso naquela realidade.

O vaqueiro é reconhecido pela profissão. Nas paragens do sertão baiano, é personagem guardião de uma linguagem típica, expressa no seu vocabulário, suas cantigas e narrativas, levando à identificação daquele que lida com o gado, seu pastoreio e transporte, no seio de sua comunidade.

Por meio de pesquisas bibliográficas, pôde-se constatar que, se, por um lado, não é pouco o conteúdo registrado sobre o assunto, por outro, muito há ainda a se conhecer a respeito da identidade lingüística das comunidades do interior do Brasil, especialmente nesta região da Bahia, o que leva a considerar como justificativa para este projeto de pesquisa:

- a possibilidade de conhecimento e de preservação da fala característica da população de vaqueiros e de sua realidade cultural;
- a contribuição à documentação e preservação do português falado no interior do Brasil.

Pretende-se identificar os elementos lexicais que caracterizam a fala do homem que trabalha com o gado, na região de Teofilândia, no sertão da Bahia, numa confirmação da hipótese de que há uma modalidade de língua oral específica da realidade sociocultural em observação, constituindo-se também num exemplo de resistência desta comunidade.

Duas foram as principais situações motivadoras para a escolha do tema deste estudo, sendo a primeira determinante da segunda: a audição e leitura das letras das cantigas de vaqueiro, que muito contam sobre o vaqueiro da região, sua vida familiar e social, sua faina diária e o contato com a obra lingüístico-antropológica, de Queiroz, *Histórias de vaqueiros: vivências e mitologia*, que permitiu, de forma contundente e fiel, o conhecimento prévio do perfil do vaqueiro, também servindo de apoio para consultas ao longo da análise do conteúdo lexical recolhido.

A investigação a campo foi facilitada pela proximidade física do documentador e informantes, pelo fato de residirem todos na mesma localidade e região da pesquisa, fato que eliminou, já de início, boa parte das dificuldades de inserção do documentador na comunidade de inquérito.

Para o cumprimento de tais objetivos, esta dissertação apresenta: o fato motivador para a pesquisa, os princípios teóricos que lhe serviram de apoio, a metodologia da pesquisa de campo e das etapas posteriores a ela, a história e caracterização da região dos inquéritos, a análise

dos dados, palavras sobre as cantigas de trabalho do vaqueiro, considerações finais e, em anexo: o questionário lingüístico onomasiológico utilizado na recolha dos dados, um quadro de ocorrência das formas lexicais e algumas fotografias relativas à região de inquérito, aos vaqueiros e aos instrumentos do trabalho com o gado.

A observação do comportamento lingüístico de uma comunidade de vaqueiros sugere a existência de uma língua especial, que, conforme Dubois e outros (2004), de agora em diante, referido apenas como Dubois (2004), refere-se a uma língua falada por uma comunidade delimitada e específica e reconhecida como tal. E o estudo desta realidade torna-se necessário diante da ameaça de sua extinção. Isso tem afetado comunidades interioranas do Brasil, bem como aquelas de configuração profissional, como é o caso dos vaqueiros de Teofilândia.

Um dos indícios dessa situação está na preocupação não apenas dos vaqueiros mas também da população da região com relação à extinção das cantigas de vaqueiro, incluindo o aboio, as quais, hoje, fazem sucesso nos palcos das festas comemorativas do lugar e de época. No decorrer das entrevistas, foi constante o lamento dos informantes acerca da perda desta tradição e conseqüente morte da história dos habitantes da região.

A localidade se tornou oficialmente cidade há apenas 40 anos e é com grande orgulho que muitos vaqueiros entrevistados lembram o momento. O vaqueiro é especialmente venerado nessa história, por ter sido protagonista da descoberta do lugar, há pelo menos 283 anos.

O vaqueiro, identificado com o seu canto e, conseqüentemente, com o seu trabalho, tem papel fundamental no folclore da região, fato que talvez seja mais importante para o povo do que sua expressiva participação na economia local.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ENFOQUE LÉXICO-SEMÂNTICO

2.1.1 A Lexicologia

Observa-se, hoje, uma maior preocupação dos lingüistas em reconhecer a capacidade dos falantes de criar palavras, rejeitar outras, estabelecer relações entre os itens lexicais, reconhecer a estrutura de um vocábulo, enfim, de utilizar o **léxico** de sua língua.

Mas, o que vem a ser “léxico”, dentro dessa perspectiva?

O léxico vem a ser o acervo vocabular partilhado por uma comunidade falante, é o elo que a une à sua condição sociocultural, instrumento de evolução e sobrevivência do grupo. Sendo assim, o léxico está estreitamente relacionado à história cultural da comunidade.

O léxico corresponde não apenas a uma mera lista de palavras e seus significados, onde se tem acesso à consulta de sua sinonímia, sua formação e composição, como um conjunto de catalogações cristalizadas, expostas a uma espécie de dissecação, mas muito mais a um universo lingüístico em que palavras já existentes, palavras novas e aquelas que ainda estão por se criar estão ao dispor do falante e ao mesmo tempo o condicionam. O léxico é vivo porque envolve a criação, porque é a condição existencial do falante materializada na forma lingüística.

Afinal, qual o critério para se afirmar que uma palavra realmente existe? Seu uso consagrado? Sua gramaticalização? Sua dicionarização?

O fato de uma palavra estar registrada no dicionário, segundo Basílio (1992), não é o único critério para se afirmar sobre a sua existência. Termos peculiares a uma determinada comunidade lingüística não são dicionarizados e, às vezes, palavras que constituem arcaísmos lá estão. Portanto, podemos dizer que uma palavra existe sempre, pois sua existência está condicionada ao seu uso ou à sua criação. Se ela não existe, é perfeitamente possível criá-la.

É importante, neste momento, abrir parênteses para a lembrança de que a nomenclatura “forma lexical” utilizada com freqüência, na análise dos dados desta pesquisa, abarca os conceitos de **lexema** e **unidade lexical**, considerados por Sandmann (1997) como sinônimos, compreendendo uniformidade semântica e formal de significado e significante. Aqui,

também “forma lexical” abrange o termo **palavra**, na concepção de Basílio (1992), quando a autora o utiliza com o mesmo significado de **lexema**.

A criação lexical é também objeto de estudo da Lexicologia, que, assim como outras ciências da língua, somente há pouco tempo, cerca de duas décadas, vem tratando o estudo do léxico sob o cunho científico. Os estudos nomeados, de forma fragmentada, de semântica lexical, terminologia, morfologia lexical etc. têm, no léxico, o espaço comum para o estudo científico da língua, hoje atribuído especialmente à Lexicologia, cuja tarefa esta divide com a Lexicografia e a Terminologia.

Por muito tempo, a descrição do léxico ficou reservada à Lexicografia, responsável pelo registro e definição dos signos lexicais como rótulos de conceitos cristalizados, na cultura de determinada comunidade falante, ou o que se tinha como elaboração de dicionários. Por meio dos tratados de ortografia e dos intermináveis glossários literários e científicos, a essa ciência ficou reservado o estudo do significado das palavras.

O interesse pelas palavras, sua descrição, representação e classificação, sempre existiu, apesar de os estudos lingüísticos, em muitos momentos, focalizarem a linguagem. Os estóicos (300 a.C), continuadores de Aristóteles, no que diz respeito aos estudos filosóficos da língua, concretizaram a oposição existente entre forma e sentido, desenvolvendo interesses sobre sua relação arbitrária e convencional, numa época em que se julgava conhecer o significado das palavras por meio das pesquisas etimológicas.

À Lexicologia cabe o estudo do léxico das línguas de forma completa e integrada: compreende a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática, além da prática de elaboração de dicionários e outras disciplinas em que o léxico tem papel relevante.

A lingüística teórica e a lingüística aplicada têm dotado a descrição do léxico de ferramentas metodológicas provenientes tanto da gramática gerativa quanto da gramática tradicional.

A noção estruturalista de morfema e as regras derivacionais da morfologia gerativa são exemplos de constructos teóricos que auxiliam o trabalho com o léxico, destacando-se, nos últimos 50 anos da lingüística, os estudos sobre a capacidade cognitiva da linguagem. Novos modelos para o estudo do processamento automático da linguagem natural, que já eram preocupação da lingüística formal, compartilham a consideração de dois grandes módulos: a

gramática e o léxico, fazendo com que o *status* que o componente lexical adquire nos modelos gramaticais seja uma preocupação da Lexicologia hoje.

A Gramática Gerativa Transformacional vê o léxico como o detentor de informação mínima, como um dos constituintes, juntamente com o categorial, do componente de base da gramática. A Hipótese Lexicalista de Chomsky passa a considerar o léxico como um modelo autônomo diferenciado dos processos sintáticos, dando impulso à Morfologia Gerativa e à Lingüística Formal. Desenvolveram-se interesses lexicológicos de descrição dos processos de criatividade lexical e de tentativas de criação de modelos de estruturação do léxico.

Jackendoff (1975 apud LORENTE, 2004, p.26), lança a Teoria da Entrada Plena: “O léxico deixa de ser um depósito para converter-se em uma fábrica, que contém matéria-prima (lexemas e morfemas), produto acabado (palavras e locuções) e maquinaria (regras lexicais, morfológicas e semânticas)”.

A Morfologia derivacional gerativa, para Basílio (1992), diferentemente da concepção tradicional, que tem como foco a descrição da formação e estrutura das palavras, vê, nessa nova concepção do léxico, a grande importância da competência do falante nativo no léxico da sua língua, o que a autora nomeia competência lexical.

Para um falante nativo ser competente no léxico da sua língua, é necessário que tenha conhecimento de uma lista de entradas lexicais, da estrutura interna destes itens e de como se estabelecem as relações entre eles, para, a partir daí, ter a capacidade de formar novas entradas lexicais gramaticais e de rejeitar as agramaticais. Por **entrada lexical** considera-se aqui uma forma lingüística de uso do falante, sendo que as relações que o falante estabelece entre as entradas lexicais constituem o léxico de sua língua. A ampliação do repertório de signos ou entradas lexicais de determinada comunidade falante se dá na medida direta de sua evolução. No mundo contemporâneo, este crescimento é incontrolável, assim como o domínio do acervo lexical de determinada língua, encontrando-se, portanto, os estudiosos do léxico em posição bastante ousada perante o tratamento científico que estes atribuem a ele.

A lingüística dos últimos vinte anos considerou importante para o estudo do componente lexical a sua localização e o seu conteúdo. A Lingüística Formal, Funcionalista e Cognitiva consideram-se lexicalistas.

A Lingüística Formal, segundo Lorente (2004) aproxima os diversos aspectos de estudo do léxico: morfológico, sintático e semântico, priorizando a descrição lingüística de pares

atributo-valor, com base na sua função lógica; a Funcionalista vê a linguagem como um processo dinâmico e pragmaticamente motivado, um fenômeno social e a Cognitiva, por sua vez, não estuda a linguagem como uma faculdade humana separada das demais de caráter cognitivo e está baseada no experiencialismo: “O pensamento se modula a partir da percepção, do movimento corporal e das vivências físicas e sociais. O conteúdo semântico é o fundamento da linguagem e não deriva da gramática” (p.27).

São muitas as aplicabilidades do estudo do léxico sob o enfoque cognitivista, visto que este pressupõe a análise de aspectos semânticos, morfológicos, sintáticos, fonológicos e pragmáticos.

O estudo do léxico de uma determinada comunidade lingüística procede da organização do vocabulário da língua, cuja forma mais usual é o dicionário. Tal atitude não se concretiza sem o entendimento de processos de constituição do acervo lingüístico.

Estudar o léxico de uma língua é constatar como seus falantes nomeiam e apreendem a realidade em que vivem por meio de signos lingüísticos, as palavras; é conhecer aspectos evolutivos dessa sociedade, suas transformações culturais e sociais. O léxico de uma língua natural é seu patrimônio vocabular, constituído a partir da prática da função referencial da linguagem.

Os estudos que envolvem o léxico apresentam um nível de abertura e liberdade não admitidos na Morfologia, Sintaxe e Fonologia, por exemplo. Cada item lexical transita pelos eixos paradigmático e sintagmático da estrutura da língua, possibilitando um universo ilimitado de significações, de conceptualizações de caráter predominantemente arbitrário e particular, apesar de fundado no modelo universal de constituição lingüística. O léxico é um ponto de encontro de caminhos:

O léxico está situado em uma espécie de interseção lingüística que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso lingüístico e das situações comunicativas (pragmática). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes. (LORENTE, 2004, p. 83)

Na visão de Piel (1989) o estudo da palavra no seu ambiente conceitual-significativo ou, segundo a Semântica lexical, no seu campo semântico, é proposta da Lexicologia, método

que permite pesquisar mais profundamente a estruturação do vocabulário ou a formação de uma língua com a reconstituição histórica de determinado vocábulo e o seu papel na situação lexical respectiva.

A Lexicologia tem pontos de contato com a Morfologia lexical, quando se preocupa com a formação das palavras e com a criação lexical; aproxima-se da Estatística léxica ou Léxico-estatística, ao se interessar pelas pesquisas sobre tipologia lingüística, aliando-se à Glotocronologia. Com a Semântica a Lexicologia faz par indissolúvel e imprescindível ao estudo do léxico, sendo ainda irrefutável a fronteira que faz com ciências como a Dialectologia, a Etno e a Sociolingüística.

Alguns autores, dentre eles Dubois (2004), entendem a Lexicologia como o estudo científico do vocabulário, opondo-se léxico a dicionário.

O atraso dos estudos lexicológicos, relativamente a alguns ramos da lingüística, deveu-se à consideração do vocabulário como um nível assistemático da língua e ao desinteresse pelo significado das unidades lexicais. Mas a lexicologia já está presente nas idéias de Saussure, quando este admite que a palavra é susceptível de ser estudada nas relações sintagmática e paradigmática.

Os estudos lexicológicos modernos trabalham com a noção de morfema, que é considerado a menor unidade portadora de sentido e de lexema, que é a unidade léxica de base. Constata-se, na atualidade, a necessidade de se identificarem unidades de significação superiores à palavra.

2.1.2 A Terminologia

A Terminologia, acerca da qual é pertinente ressaltar alguns aspectos teóricos – visto que a pesquisa em questão é permeada pela relação “termo-conceito”, pelo seu caráter referencial e onomasiológico – é uma ciência hoje considerada, segundo Lorente (2004), no âmbito da Lexicologia e tem por objetivo o estudo do funcionamento das unidades lexicais específicas de situações comunicativas profissionais, acadêmicas ou científicas. Aos mesmos princípios teórico-metodológicos aplicáveis no tratamento do léxico em geral se submete o estudo do léxico especializado.

A preocupação com a relação entre signo e conceito remonta à Antigüidade greco-latina e, ainda hoje, é presente no pensamento semântico.

Solo cuando apareció entre los científicos y los enciclopedistas del siglo XVIII el estudio sistemático de la taxonomía natural y de los conceptos con que se comenzaban a organizar las ciencias modernas, los términos que vehiculaban tales conceptos merecieron atención, aun cuando su especificidad de signos lingüísticos haya sido siempre secundaria en relación con los conceptos, y probablemente concebida como un obstáculo inevitable, impuesto por la necesidad de hablar de los conceptos con la interferencia de las lenguas. (LARA, 2007)¹

Tradicionalmente, a Terminologia é vista como técnica e método para a nominalização. Suas primeiras realizações – Eugen Wüster – tiveram forte influência da filosofia positivista do conhecimento e do pragmatismo tecnológico.

A Terminologia dos anos 50 aos 70, considerada uma fusão da idéia platônica com o pragmatismo anglo-saxônico, cresceu num meio intelectual de tendências materialistas, cujos princípios são responsáveis pela organização e autonomia dessa ciência da palavra.

O legado de Eugen Wüster, conforme palavras de Rey (2007), apesar da natureza limitada de sua estrutura epistemológica – “o plano de um sistema adequado para descrições detalhadas de ferramentas de uma máquina e seu vocabulário em várias línguas” – foi de grande importância histórica, numa certificação de que, no universo cognitivo, o que se refere aos objetos de conhecimento tecnológico é específico por natureza e o tecnólogo-terminólogo desenvolve as categorias semânticas que são evocadas por e a serviço de funções particulares.

No século XVIII, considerando-se a definição de ciência como o conjunto organizado e verificável de conhecimento capaz de prever a realidade, exigiu-se que, sob a forma de uma linguagem elaborada, fosse apresentado o fato científico. Houve, portanto, a conscientização da necessidade de uma estrutura terminológica como acesso à leitura e conhecimento da realidade científica experimental e observável.

¹ Somente quando apareceu entre os cientistas e os enciclopedistas do século XVIII o estudo sistemático da taxonomia natural e dos conceitos com que começavam a se organizar as ciências modernas, os termos que veiculavam tais conceitos mereceram atenção, mesmo que sua especificidade de signos lingüísticos tenha sido sempre secundária em relação aos conceitos e provavelmente concebida como um obstáculo inevitável, imposto pela necessidade de apresentar os conceitos tendo em vista a interferência das línguas. (Tradução da autora)

A criação da Terminologia, juntamente com a exploração científica e o desenvolvimento do conhecimento, acompanhou a revolução que se processou na filosofia epistemológica de Kant a Hegel e atualmente.

Hoje, assiste-se a uma Terminologia voltada à sociolinguística, preocupada com a perda da identidade de comunidades diante do imperialismo cultural, submetida à teoria do discurso, advindo daí as denominações “língua especial” e “língua para propósitos específicos”, direcionadas à formação do discurso do conhecimento e à regulamentação social.

A ciência Terminologia conta com um contexto histórico escassamente documentado, com bases teóricas arcaicas e incompletas e estudos divergentes, situação que, segundo Rey (2007), tem suscitado providências urgentes dos estudiosos da área.

(...) ...uma revisão do campo da terminologia exige o apoio de estudos recentes sobre o conhecimento, a saber, estruturas de conhecimento, definições e os “rótulos para conceitos” que se supõe serem os termos – funcionalmente diferentes das unidades-signo da língua natural, mas freqüentemente idênticos na sua forma. (REY, 2007, p.328)

Para Rey (2007), esta revisão por que devem passar os estudos terminológicos precisa apoiar-se nos recentes avanços da ciência linguística, especialmente da teoria da enunciação e do discurso, na pragmática, na sociolinguística, na semântica, na lógica, na ciência cognitiva, na teoria da comunicação e informática.

Assim, considera-se a Terminologia como uma atividade voltada para o reconhecimento de áreas organizadas do conhecimento, cujas definições e conceitos são registrados por meio de recursos lexicais, para o qual se torna indispensável o estudo do valor semântico e do processo de nominalização em línguas naturais bem como o seu relacionamento com diferentes línguas.

Diferentes são os universos constituídos pelas “línguas especiais”, os quais, na visão de Rey (2007), organizam-se em quatro tipos: o que diz respeito às unidades funcionais formadas por dedução, na formulação de pressupostos e axiomas; o que se refere à interpretação da realidade científica, à relação entre um sujeito da ciência e os objetos científicos revelados pela observação; o que é estruturado de acordo com a função ou uma seqüência de atividades práticas na busca de resultados e, ainda, aquele universo que permite a produção de um discurso de

interpretação, organização e normalização das relações humanas ou da concepção coletiva de mundo.

À Terminologia interessa uma análise completa da unidade lexical que integre os aspectos semânticos, morfológicos, sintáticos, fonológicos e pragmáticos.

Biderman (1998) considera a Terminologia como a ciência voltada para o subconjunto lexical de uma língua que se refere ao conhecimento específico. O estudo terminológico pressupõe uma teoria de referência porque trata da correlação conhecimento de mundo e código lingüístico, da correspondência entre estrutura conceptual e estrutura léxica de determinada língua.

“(...) Os terminógrafos, considerados os práticos da Terminologia, têm por objetivo a atribuição de denominações, atuando, pois, do conceito para o termo (processo onomasiológico)”, nas palavras de Cabré (1993 *apud* BIDERMAN, 1998, p.17).

A função referencial da linguagem está intimamente relacionada ao processo cognoscitivo da língua e é dos mecanismos mais primitivos de expressão lingüística vividos pelo homem na aquisição do conhecimento: a nomeação e classificação por meio de símbolos, enumeráveis e, muitas vezes, delimitados pelo sistema lingüístico.

A referência, ponto central da Terminologia, implica a existência de um acervo lexical. O léxico é a ponte entre o conceito e o conhecimento de mundo. Os itens lexicais são signos ou etiquetas com os quais podemos manipular o conhecimento.

A forma lexical não define todas as interpretações que os falantes fazem do conceito ao qual ela se refere, residindo aí a complexidade do estudo do léxico de uma língua. Admite-se que, com relação ao vocabulário especializado, isso pode ser amenizado, graças à normalização terminológica. A padronização de termos ou itens lexicais, segundo Biderman (1998), possibilita a comunicação eficaz entre os membros de determinada comunidade lingüística, se estes compartilharem de um mesmo repertório de signos e esses itens lexicais designarem o mesmo referente na estrutura geral do conhecimento. O estudo das línguas profissionais passa por esse crivo.

A partir do século XVIII, com o crescimento do espírito científico, observa-se o emprego do termo especializado.

Para os terminólogos, o termo é o objeto, a significação dos nomes dos termos se dá pelo seu uso, conforme Carvalho (1990).

O **tecnoleto**, dentro de cujo escopo se insere a língua profissional, corresponde ao conjunto de termos necessários a determinada comunidade especializada, cuja origem se atribui, muitas vezes, à atividade profissional comum.

O tecnoleto difere da **gíria** e do **jargão**. A gíria equivale a uma variedade lingüística que resulta do desejo de diferenciação de determinado grupo em relação à sua comunidade lingüística, distingue-se do tecnoleto por se referir a um tipo de discurso. O tecnoleto é relativo a uma linguagem particular. Um jargão, antes considerado uma gíria, é uma forma de o grupo de falantes, geralmente marginal, não ser compreendido pelos demais, dentro de uma sociedade. O jargão tem uma conotação pejorativa.

A língua profissional se insere no âmbito dos estudos de que se ocupa a Lexicologia, que, segundo Biderman (1998), visa ao estudo e análise da palavra, da categorização lexical e da estruturação do léxico. Para a autora, todos esses três aspectos apresentam dificuldades quanto à sua exploração. A amplitude e dinamicidade do léxico e sua interdependência semântico-estrutural trazem dificuldade para a definição de **unidade lexical**; a classificação das palavras é conhecida apenas do ponto de vista tradicional da gramática e a compreensão da estrutura do léxico de uma língua não tem sido proposta sob o cunho científico, para além da concepção do léxico como uma lista inerte de palavras utilizáveis pelos falantes de uma mesma língua.

A Terminologia tem diversas funções: enumerativa, cognitiva, documentativa, neológica, jurídica, publicitária e comunitária, tendo, portanto, sua dimensão social e, conseqüentemente, entrando no domínio da política das línguas nacionais a definição do seu limite em determinado sistema lingüístico e cultural.

Criado o léxico especializado, a base da Terminologia é a Lexicografia técnica, apesar de contarem estas ciências com diferenças quanto à metodologia: a Lexicografia é descritiva, enquanto a Terminologia é normativa.

Um estudo da situação da Terminologia na teoria geral da língua, aconselha Rey (2007), deve se iniciar e ser organizado em relação à teoria geral dos signos, a Semiótica dos Estóicos, desenvolvida ao longo dos séculos e explicitamente adotada por Locke, antes de ser teorizada e explicada por Charles Peirce, Saussure, Hjelmslev e outros.

2.1.3 A Socioterminologia

Apesar do seu caráter objetivo e específico, a prática terminológica tem revelado que nem sempre teoria e realidade andam juntas e estudos têm comprovado a ocorrência de variantes terminológicas evidentes de que a relação entre forma e conteúdo dos termos nem sempre é unívoca.

Se se parte do critério de que os termos são elementos lingüísticos como o resto dos componentes do léxico da língua (...), que os que utilizam o tecnoléxico são tão falantes como quaisquer outros e como tais estão submetidos a similares condicionamentos sociais, psicológicos etc., há que se admitir que no termo estão potencialmente presentes todos os fenômenos próprios do léxico de uma língua dada (...) Alpizar (1997 *apud* ALVES, 2000, p.2)

Dessa forma, pode-se falar em Socioterminologia, que consiste em considerar o discurso de onde a produção terminológica provém porque nenhum termo é empregado fora do contexto em que é criado.

A Socioterminologia corresponde à Terminologia situada no espaço da interação social.

No Brasil, segundo palavras de Faulstich (1995), “a história da Socioterminologia se confunde com a formação da sociedade brasileira por meio da mistura de falares dos habitantes naturais da terra e dos que para cá vieram (...)... a diversidade da cultura brasileira aparece refletida na Terminologia cotidiana”.

A Socioterminologia nasce da proposta de Boulanger (1991 *apud* FAULSTICH, 1995) de “atenuar os efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas, tornando-se, mais tarde, uma reação às hipernormalizações que desconsideravam situações lingüísticas próprias a cada país, buscando a interseção da sociologia da linguagem com a harmonização lingüística”.

A Socioterminologia volta-se para o âmbito social do uso dos termos, buscando uma análise das relações entre trabalho e linguagem.

Considerada uma abordagem nova e satisfatória para o estudo do termo científico e técnico, a Socioterminologia torna-se um ramo da Terminologia que explora a relação entre esta e a sociedade.

(...) os primeiros terminólogos registravam somente o uso aceito ou aprovado de um termo, o que correspondia a algo como uma forma recomendada. Atualmente, porém, se reconhece que a fixação de uso, mediante uma prescrição ou normalização, deve obedecer ao uso estabelecido, em vez de precedê-lo. Até pouco tempo, os dicionários e glossários registravam somente o uso da linguagem escrita, todavia, nesse momento em que a linguagem falada adquire importância, por meio da mídia, é necessário investigar as formas faladas do léxico. (FAULSTICH, 1995, p.1)

2.1.4 A Semântica

Com o advento do estruturalismo empirista, a proposta de Bloomfield, nos idos de 1939, de uma pesquisa lingüística baseada na descrição de componentes autônomos, na Fonologia, na Sintaxe, na Morfologia e no Discurso, fez com que o estudo do léxico se concentrasse no seu aspecto formal, a partir da noção de morfema.

A mentalidade científica da época desprezava o estudo do significado do léxico pelo seu caráter imensurável e pouco objetivo, apesar das provas em contrário do estruturalismo europeu – Hjelmslev, Jakobson, Pottier e Coseriu – com a possibilidade de análise semântica por meio da decomposição do significado em componentes e campos semânticos, evidenciando a postura européia frente aos estudos do léxico: o entendimento da palavra em sua estrutura interna, formal e semântica.

Na tentativa de aplicação do modelo de descrição estruturalista ao estudo do significado e do vocabulário, Martinet (1957 *apud* ULLMANN, 1964, p.496), foi cético ao opinar: “(...) mas o léxico propriamente dito parece menos redutível à normalização estrutural (...)”. Outros lingüistas da época deram seguimento às suas idéias, propondo a distinção entre o lado estrutural e o lado semântico da língua. Na realidade, não havia uma negação da forma do vocabulário de determinada língua e sim a necessidade de reconhecimento de uma estrutura semântica diversa daquela que se compreendia no sistema fonológico, por exemplo.

Os diversos modelos teórico-lingüísticos de estudos gramaticais, ao longo dos últimos 50 anos, têm se constituído em ferramentas poderosas para o estudo do léxico, sob o ponto de vista do seu funcionamento estrutural e conteúdo semântico, porque cresce cada vez mais a consciência de que trabalhar o léxico de uma língua não é simplesmente elaborar listas e descrições intermináveis, assim como construir uma teoria lingüística não é somente especular.

Um dos vanguardistas da lingüística estrutural, na defesa de um plano básico de composição de qualquer língua, Edward Sapir² contribuiu para a proposta de organização da estrutura semântica das línguas, com a percepção da relação entre linguagem e mente, fase em que os estudos voltados para os princípios de organização do vocabulário das línguas dão um passo gigantesco, na busca da sistematização do acervo semântico das mesmas.

Segundo a proposta desta dissertação, seria inadmissível que princípios da Semântica atual, frutos das idéias saussureanas, não fossem tomados como referência, a partir do momento em que os critérios para o estudo da fala do vaqueiro buscam na relação sentido e referência, na análise estrutural do significado, na existência da forma lexical e seu campo semântico suas bases.

As definições de campo semântico e de campo léxico, segundo estudos lexicológicos atuais, não se distinguem totalmente: referem-se ao domínio de significação de uma palavra ou grupo de palavras. O campo léxico de determinada palavra, no vocabulário de uma língua, corresponde às diversas acepções com que esta é empregada ou aos diversos contextos em que um único sentido é veiculado pelos falantes.

A Teoria dos campos semânticos está inserida na esfera da Semântica formal, que, segundo Oliveira (1996), compõe, juntamente com a Semântica enunciativa e a Semântica cognitiva, os três caminhos seguros para o estudo do significado da palavra.

A Lingüística Cognitiva, conforme nos apresenta Oliveira (2004), abarca estudos que vão da Fonologia à Pragmática, na abordagem do significado como o centro da investigação sobre a linguagem.

Pertencente à Teoria Funcionalista do estudo lingüístico, a Semântica Cognitiva prega que a forma é consequência do significado, já que, a partir da construção do significado, o falante apreende a lógica e a linguagem, e esta não se reduz a uma relação de correspondência direta com

² A Hipótese de Edward Sapir, lingüista e antropólogo norte-americano (1844-1939) e seu discípulo Benjamim Lee Whorf (1897-1941) enfatizava o valor positivo da diversidade lingüística e cultural e se ligava aos princípios do idealismo romântico, combinando determinismo lingüístico com relatividade lingüística.

o mundo. Assim sendo, o significado não nasce desta situação mas é motivado no falante pela sua interação física com o meio em que vive. A referência não se constrói na própria linguagem. O significado é, portanto, existencial, corpóreo, não exclusivamente lingüístico, atrelado ao espaço.

São, portanto, as nossas ações no mundo que nos permitem apreender diretamente esquemas imagéticos espaciais e são esses esquemas que dão significado às nossas expressões lingüísticas. O significado está no corpo que vive, que se move, que está em várias relações com o meio e não na correspondência entre palavras e coisas. (OLIVEIRA, 2004, p.34)

As idéias defendidas por Ullmann (1964) são aqui bastante visitadas, pelo fato de se poder depreender do conjunto de seus trabalhos o tratamento relevante que o autor dá ao plano da fala, especialmente a sua preocupação com o condicionamento contextual desta.

Ullmann (1964) considera que as pesquisas acerca do vocabulário de determinada língua se fizeram sob três aspectos: o das palavras isoladas, das esferas conceituais e do vocabulário em sentido geral. Os campos associativos de Bally, herança das constelações de Saussure, vieram propor que a palavra possui um campo associativo, formado por uma rede de associações, que se devem à semelhança semântica; o estudo das esferas conceituais impulsionou as pesquisas em Semântica estrutural, quando buscou, na crença de que qualquer língua é um todo orgânico que exprime a individualidade da comunidade que a fala, o que se referia à teoria dos campos semânticos, que corresponderiam a pontos entrelaçados do vocabulário, no qual cada item está delimitado pelo seu vizinho e o delimita, respondendo pela organização dos dados de nossa experiência.

Apesar de pecarem pelo exagero nas pressuposições e, muitas vezes, por suas limitações nas pesquisas, tais idéias deixaram importante herança para os estudos semânticos: o método estrutural, que, só mais tarde, veio a se consagrar; a concepção da palavra na própria estrutura do campo semântico como um todo e, por fim, a abordagem da questão da influência da linguagem no pensamento, de grande valor para os estudos semânticos da língua.

Novos rumos para o estudo do campo semântico já se notavam nas idéias do lingüista francês Matoré (1951 *apud* ULLMANN, 1964, p.526) com a inclusão dos critérios sociais, chegando a definir a Lexicologia como uma disciplina sociolingüística: “É partindo do estudo do vocabulário que tentaremos explicar uma sociedade”.

O discurso sobre o vocabulário de uma língua traz implícito o conceito do significado, diferente, portanto, do que se considera o sentido, segundo Ullmann (1964). Para este estudioso da Semântica, o significado é o aspecto que maior controvérsia e ambigüidade traz, quando se propõe o estudo da linguagem, a natureza do significado é o núcleo de todo estudo semântico e parece ser o problema para o qual jamais se encontre uma resposta única.

Talvez a mais famosa proposta de elucidação da definição do significado seja a de Ogden e Richards (1972), que, dentro da Escola Analítica ou Referencial, apresentam, por meio de um triângulo, os componentes básicos do significado: o pensamento ou referência, o símbolo e o referente. As formas expressivas (palavras) simbolizam um pensamento, que se refere a um fato ou coisa, de que falamos, não havendo relação direta entre as palavras e as coisas.

Nas considerações de Ullmann (1964), três são os termos que definem o significado: nome, sentido e coisa, relacionados, respectivamente, com o aspecto fonético, com a informação que este nome transmite e com o aspecto não-lingüístico do que se fala. “Há, portanto, uma relação recíproca e reversível entre o nome e o sentido: se alguém ouvir a palavra, pensará na coisa e, se pensar na coisa, dirá a palavra. É a esta relação recíproca e reversível entre o som e o sentido que proponho chamar significado da palavra”. Percebe-se, a partir de tais considerações, a distinção entre significado e sentido, ficando esclarecida a maior abrangência do primeiro com relação ao segundo, o que levou à opção pela forma “significado” ao longo deste estudo.

Outras contribuições, conforme ressalta Oliveira (2004), foram de grande importância para o avanço dos estudos relativos à elucidação do significado, como o legado que o lógico alemão Gottlob Frege (1848-1925) deixou à semântica em geral, segundo o qual, por meio do sentido, chegamos a uma referência de mundo e à Semântica cabe o estudo dos aspectos objetivos do significado, aqueles que são fruto da uniformidade e do assentimento entre os membros de uma comunidade.

Nos últimos dez anos, registra-se o aparecimento das Teorias dinâmicas do significado, para as quais a forma como uma expressão se apresenta pode alterar o sentido de interpretação da frase, o que reflete sobre o conceito de significado visto até então. Equivale ao aspecto dinâmico do significado: o uso que se faz das expressões em situações de troca de informações, estreitando as fronteiras entre a Semântica e a Pragmática. A Semântica dinâmica propõe que o significado de uma frase é o seu potencial para alterar a informação mais do que expressá-la.

Assim sendo, “Um dos modos de o significado se manifestar é através da ligação sistemática entre as formas lingüísticas e as coisas ou aspectos do mundo, isto é, aquilo acerca de que falamos, colocando o falante como o mediador entre estas duas realidades”, nas conclusões de Oliveira (1996, p.334).

Partindo-se da proposta de se fazer uma análise semântico-lexical do *corpus* aqui apresentado, é preciso reconhecer a Semântica como um dos domínios da linguagem que têm apresentado sérias dificuldades para a investigação científica, devido à amplitude e à complexidade inerentes aos fenômenos relativos ao significado e ao conhecimento que ainda se necessita obter a respeito da ciência da significação.

Estudar a semântica é estudar o significado e, na tentativa de estudo do significado, já foi este considerado parte integrante da gramática e também um domínio extralingüístico. Afirmar que a Semântica estuda o significado das palavras, hoje, passou a ser até mesmo um clichê, quando se entende a complexidade do que seja o significado. Hoje, a lingüística aborda o significado como parte do conhecimento lingüístico do sujeito falante.

Dentro do próprio grupo de semanticistas, há divergências quanto à descrição do significado. Uma das razões para essa dificuldade está na diversidade de situações em que o termo se aplica e na co-ocorrência de fatores extralingüísticos nessa definição.

Nos estudos mais modernos, a Semântica passou a ser tratada como um domínio da teoria lingüística, de influência decisiva nos rumos da Teoria gramatical e de toda a chamada Ciência da linguagem. Observou-se uma inserção da Semântica na chamada “competência lingüística e comunicativa dos falantes”, um tratamento de aspectos semânticos implícitos na linguagem, com base na capacidade que têm as pessoas de perceber e apreender, intuitivamente, o significado das formas lingüísticas, de julgar a aceitabilidade, a logicidade e a coerência de elementos vocabulares, de sintagmas, de sentenças e de textos, falados ou escritos, de sua língua.

O entendimento da heterogeneidade da Semântica torna-se possível, na medida em que se aceita a linguagem, tradução do significado da língua, como um organismo de duplo e complexo aspecto: o universal e o individual.

Quiçá a valorização desta complexidade leve-nos ao maior entendimento da faculdade humana da linguagem.

2.2 O ENFOQUE DIALETOLÓGICO E SÓCIO-ETNOLINGÜÍSTICO

2.2.1 A Dialectologia

A Dialectologia, por seu caráter descritivo, tem na modalidade falada da língua o seu objeto de pesquisa e na busca de elucidação da variação geográfica e social, a que a fala está sujeita, o norte para os seus estudos, o que evidencia o caráter imprevisível, dinâmico e ilimitado dos caminhos que pretende trilhar.

Somente a partir do século XIX – época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas pelo espírito positivista, desenvolviam-se por métodos histórico-comparativos – veio a se formalizar o estudo das variações da fala. Foram os neogramáticos, que, com o incremento da fonética descritiva, desenvolveram os estudos das línguas vivas por meio da modalidade oral. Com isso, a exaltação de tudo o que se relacionava ao povo, característica do movimento romântico, deu margem aos estudos dialetais europeus e, conseqüentemente, à publicação dos primeiros atlas lingüísticos. A observação do funcionamento da língua, em comunidades pequenas, fez com que questões como a divisão dialetal e o empréstimo dialetal fossem admitidas como extremamente complexas e flutuantes. Também as mudanças fonéticas foram reconhecidas como vulneráveis à delimitação geográfica e ao fator tempo, tornando os especialistas em dialectologia e geografia lingüística os mais árdios críticos da doutrina neogramática da universalidade das leis fonéticas, dentre eles, Jules Gilliéron, responsável pela elaboração do *Atlas Lingüístico da França* e numerosos estudos etimológicos franceses.

Os primeiros trabalhos de geografia lingüística atribuem-se à autoria do alemão Georg Wenker, que, a partir de 1876, faz uma vasta pesquisa que resultou na visualização, em mapa, de dialetos alemães, a partir de uma lista de quarenta frases-teste.

Os trabalhos de Jules Gilliéron e de Edmond Edmont (1897-1901), que resultaram no *Atlas Lingüístico da França*, ALF, visavam à concretização dos estudos acerca dos patoás galo-romanos, para o conhecimento dos aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e mesmo sintáticos destas modalidades lingüísticas e vieram sanar problemas detectados na obra de Wenker. Gilliéron defendia a idéia de que toda palavra tem a sua própria história, na valorização da individualidade etimológica das palavras. A importância do ALF refletiu-se nos atlas lingüísticos que o sucederam e é reconhecida ainda nos dias de hoje.

Mais tarde, desenvolveram-se trabalhos dialetais com o objetivo de estudar a relação entre palavras e coisas, com a meticulosa observação da história e distribuição geográfica dos objetos da cultura material de determinada comunidade e a forma lexical empregada para designá-los, o que resultou na publicação da revista *Wörter und Sachen*, por Meringer e Shuchardt, em 1909, segundo a qual a etimologia das palavras só é explicada pelo estudo detalhado da realidade que elas designam e do conhecimento que as cercam.

Os estudos dialetológicos avançaram com a pesquisa sobre a variação lingüística e sua condicionalidade, na França, com Gaston Paris, cujo estudo visava à valorização das manifestações populares e ao conhecimento da evolução histórica das formas lingüísticas, chamando a atenção para a necessidade de as descrições dialetais serem realizadas com o rigor exigido pelas ciências naturais, com uma metodologia definida. O método dialetológico e comparativo pressupunha o registro, em mapas especiais, de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fônicas, lexicais, morfológicas), comprovadas mediante pesquisa direta e unitária, numa rede de determinado território, ou que, pelo menos, desse conta da distribuição das formas no espaço geográfico correspondente às línguas ou dialetos estudados.

Por se tratarem de termos bastante comuns não apenas ao vocabulário dialetológico mas também ao conteúdo deste estudo, cabem aqui alguns parênteses com relação à busca de definições para tais formas – dialeto e falar – nos trabalhos que envolvem a língua.

O conceito de **dialeto** está em Ferreira (1995) como “variação regional de uma língua” e em Houaiss (2001), como

conjunto de marcas lingüísticas de natureza semântico-lexical, morfossintática e fonético-morfológica, restrito a dada comunidade de fala inserida numa comunidade maior de usuários da mesma língua, que não chegam a impedir a intercomunicação da comunidade maior com a menor. O dialeto pode ser *geográfico* ou *social*, o mesmo que *registro*, *jargão*, *patoá*, *gíria*; qualquer variedade lingüística coexistente com outra e que não pode ser considerada uma *língua* (p.ex.: no português do Brasil, o *dialeto caipira*, o *nordestino*, o *gaúcho* etc.), *falar*, *linguajar*. (...)...proveniente “do lat. *dialectos* ou *dialectus*, i 'linguagem particular de um país, maneira de falar', adp. do gr. *dialektos*, ou fem. 'conversa, discussão por perguntas e respostas, linguagem corrente, linguagem própria de um país', ligado ao v.gr. *dialego* 'distinguir, separar' cog. de *lego* 'dizer, falar, pronunciar uma palavra' e de *leksis, eos* 'palavra, uso da fala', por infl. do fr. *dialecte* (1550); cp. ing. *dialect* (1650) e demais línguas.

Relativamente a **falar**, Houaiss (2001) registra como variedade de uma língua peculiar a um quadro geográfico; tem-se o *falar regional*, próprio de uma área mais ampla (p.ex.: o *falar nordestino*) e o *falar local*, próprio de uma cidade, de uma vila etc., dialeto, fala; variedade de língua (com características específicas na sintaxe e no léxico) que caracteriza um determinado grupo sociocultural; dialeto, linguajar, “do lat. *fabulo, as, avi, atum, are* 'falar, entreter-se conversando, conversar', por *fabulari*; com prov. infl. de *calar*, com o qual figura em muitos provérbios; divg.: *fabular*”.

Em Dubois (2004), tem-se que a forma do grego *dialektos* significava diferentes sistemas lingüísticos utilizados na Grécia para os vários gêneros literários:

O **dialeto** é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que a própria língua. (...) ...é um sistema de signos e regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o *status* cultural e social desta língua... (...)

Por oposição a dialeto, vê-se, na mesma obra, acerca do **falar**:

considerado como relativamente coeso sobre uma área muito extensa e delimitada por meio dos critérios lingüísticos da dialetologia e da geolingüística, o falar é um sistema de signos e regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia) e no qual, de saída, o status social é indeterminado. Uma língua ou dialeto estudados num ponto preciso, o são, pois, estudados como falares.

Ferreira (1996, p. 482-483) afirma inexistirem diferenças de valor estritamente lingüístico entre língua e dialeto, havendo somente variação quanto ao estatuto:

o dialeto é sempre uma variedade de um determinado sistema lingüístico reconhecido oficialmente como Língua. Geralmente, considera-se dialeto de uma língua a variedade lingüística que caracteriza uma determinada zona. Os dialetos têm, pois, um antecedente lingüístico e um sistema comuns.

Quanto ao falar, a mesma autora cita: “Alguns dialetólogos distinguem entre variedades lingüísticas mais distanciadas umas das outras ou da língua padrão – a que chamam dialetos – e variedades que apresentam menor grau de afastamento – a que chamam falares”.

Cintra (1995 *apud* FERREIRA, 1996, p.483) refere-se a dialeto como uma variedade percebida numa zona e falar como relativo a uma comunidade.

Para Coseriu (1978), a fala pode ser considerada a forma como a competência lingüística (linguagem) e a competência extralingüística (conhecimento de mundo) são expressas. O dialeto é uma unidade sintópica: relativa à delimitação idiomática diatópica, está próxima de uma língua histórica, cabendo à Dialectologia o estudo das manifestações dialetais.

Conforme Cardoso e Ferreira (1994), os termos dialeto e falar se confundem, sob a perspectiva dialetológica, estando ambos submetidos, em uma primeira instância, a uma configuração geográfica e política.

O que se observa é que a dificuldade na delimitação destes conceitos está presente não apenas no entendimento do senso comum mas também nos estudos lingüísticos especializados e, segundo as propostas desta pesquisa, cabe utilizar o termo falar, algumas vezes substituído por fala, como sinônimo do conjunto de dados que se obteve da recolha, caracterizadores da expressão lingüística da comunidade de vaqueiros.

2.2.1.1 A Dialectologia no Brasil

Segundo observam Cardoso e Ferreira (1994), a história da Dialectologia, no Brasil, inicia-se com Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, quando da sua colaboração para o *Atlas Etnográfico do Globo*, de Adrien Balbi (1924-1925). Seguiram-se a estes outros estudos do léxico regional, com o intuito de levantar traços característicos de cada região estudada no território nacional.

Com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920, obra precursora no tratamento monográfico do estudo do dialeto regional, houve a preocupação com o falar em um âmbito mais amplo, considerando-se os aspectos fônicos, morfossintáticos e lexicais.

Outras obras de referência vieram juntar-se a *O dialeto caipira*: *O linguajar carioca* em 1922, de Antenor Nascentes (1922); *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934); *O falar mineiro* (1938) e *A linguagem de Goiás* (1944), de José Aparecido Teixeira, as quais muito contribuíram e têm contribuído para o conhecimento da realidade lingüística brasileira.

O que se conhece, hoje, muito se deve também à elaboração dos atlas lingüísticos. Clara está a evolução por que esses passaram, que, segundo nos mostra a história dos grandes atlas românicos nacionais, caracterizavam-se por serem monodimensionais, monostráticos, monogeracionais e monofásicos, limitavam-se à apresentação da variação diatópica e, dentro desse parâmetro, optavam por grupos sociais fixados em áreas rurais, pelo fato de serem estes ambientes menos sujeitos às interferências e às mutações decorrentes do processo de urbanização e desenvolvimento socioeconômico. Restringiam-se a um estado social único, aquele que representava a população de pouca instrução formal ou de escolaridade nula, fixavam-se numa única geração – a dos idosos – com o argumento de que estes eram os detentores de formas dialetais ameaçadas de desaparecer.

Os atlas lingüísticos regionais, hoje, evidenciam a moderna feição da Geolingüística, caracterizando-se pela pluridimensionalidade:

O que se espera dos Atlas Lingüísticos, hoje, é que possam dar a imagem real da pluralidade e das inter-relações dos fenômenos da variação. A nova configuração do mundo contemporâneo, a mobilidade social, a distribuição demográfica, entre outros, constituem-se em fatores que exigem um redirecionamento dos caminhos da metodologia dialetal, sem, contudo, quebrar-se a fidelidade ao princípio de que à Dialetologia cabe, prioritariamente, investigar a diversidade diatópica. (MOTA; CARDOSO, 2006, p.239-259)

Segundo Cardoso e Ferreira (1994), a primeira fase da periodologia dos estudos dialetológicos, no Brasil, de 1826 a 1920, caracteriza-se pela produção de glossários regionais do português brasileiro para dicionários portugueses, destacando-se Domingos Borges de Barros.

A segunda, de 1920 até o início do século XX, que tem como marco inicial a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920) – este considerado o primeiro dialetólogo brasileiro, por apresentar estudos de cunho mais científico, inclusive com pesquisas de campo – tem como principais representantes Antenor Nascentes e Mário Marroquim.

O decreto para elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil, em 20 de março de 1952, inaugura a terceira fase do desenvolvimento dos estudos dialetológicos no Brasil, na qual se destacam Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Antenor Nascentes defendia a idéia de que o conhecimento efetivo do português do Brasil somente se daria no momento em que tivesse sido feita a descrição da língua em todo o território nacional.

Serafim da Silva Neto nos legou, em 1957, com o seu “Guia para estudos dialectológicos”, o caminho que tem sido norteado pelos que se dedicam à pesquisa dialectológica. No preâmbulo da “Introdução” do Guia, dizia: “No Brasil, ... é preciso, antes de mais nada, criar mentalidade dialectológica, preparando um ambiente favorável às pesquisas de campo” (p.9).

A obra de Celso Cunha contempla a língua nos seus mais diversos aspectos, inclusive com relação à preocupação com o ensino da língua materna; foi incentivador da Geolingüística no Brasil e defensor do estudo da língua isenta de regras e exceções, em que fica evidente o seu interesse pelo estudo do aspecto falado da língua e sua localização.

Nelson Rossi tornou-se o pioneiro, no Brasil, na elaboração do atlas lingüístico regional, com a concretização do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, em 1963. A Dialectologia se constituía numa das outras vertentes de suas preocupações e interesses e a ela dedicou-se com afinco e tenacidade e sobretudo com um pensamento muito claro do que fazer e do como fazer: “É, talvez, mais que tudo, fazer desde já o melhor que pudermos, com o senso de realismo sem o qual não há nenhuma esperança para a Dialectologia e conscientes de que esta só se aprende a fazer... fazendo.”, como é lembrado por Cardoso e Ferreira (1994, p. 48).

Para este percurso dos estudos dialetológicos, até os últimos anos, Cardoso e Mota (2006, p.19), a partir do desenvolvimento alcançado, atualmente, pelos estudos dialetais no Brasil, propõem o início de uma quarta fase: “A retomada, em 1996, do projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, decorrido quase meio século do citado decreto que determinava a sua realização, pode ser vista como marco de uma nova fase”.

A idéia da construção do Atlas Lingüístico do Brasil e dos atlas regionais é colocada em prática na quarta fase deste percurso, caracterizando-se estes novos tempos da Dialectologia por explorar outras variáveis além das diatópicas, assumindo a preocupação com o aspecto social da pesquisa, sob a influência das ciências de cunho social. O falante é reconhecido não apenas como detentor do espaço físico mas também do social.

Conforme proposta deste estudo, não pode ficar a descrição aqui feita isenta do olhar analítico com foco na questão sócio-profissional, delimitada pela variação diastrática.

Segundo o que nos apresentam alguns estudiosos da nossa diversidade lingüística, as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas do que socioculturais:

Mas esta variação dialetal brasileira é palidamente importante ao lado da variação socioletal. É que condições externas da dialetalização cessaram no século XIX, com o agigantamento dos centros urbanos, para os quais não pararam de convergir as populações dos meios rurais mais pobres. Hoje, as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o seu vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. (CASTRO, 1991, p.46-47)

Nascida a partir de uma realidade profissional, a comunidade de vaqueiros reflete, na sua fala, o léxico de que se apropriaram todos aqueles envolvidos com esta profissão. Sabe-se que o espaço geográfico submete os seus habitantes a determinada relação econômica que, ao mesmo tempo, não é autônoma e independente, fato que determina e influencia a cultura.

Segundo Alvar (1990), dentro de toda sociedade, as primeiras influências que sente o homem vêm do gesto e da palavra. Por meio da palavra, estuda-se a cultura ou estuda-se a mensagem lingüística em seu contexto cultural. A análise objetiva da linguagem de uma sociedade, entendendo-se, aqui, linguagem como a capacidade de expressão lingüística, implica observar o seu conteúdo dentro do contexto original do seu autor. O vaqueiro pode falar de seu trabalho numa cidade grande mas não será o seu discurso fiel ao seu ambiente natural.

Portanto, o estudo dialetológico, hoje, pretende, concomitantemente à construção de isoglossas, na localização dos dialetos, a compreensão da relação entre o falante e o seu espaço físico, no reconhecimento de que muito há para ser descoberto com relação aos aspectos socioculturais. Daí a importância do trabalho de campo para a pesquisa dialetológica.

Isquerdo (2004) vê a Dialetologia como uma ciência que não se retém a quatro paredes, lembrando as palavras de Cintra, quando este enaltece a importância das relações humanas na pesquisa dialetológica, ao comentar a própria experiência:

(...) Ao fim de dois ou três dias, sentíamo-nos por vezes verdadeiros amigos, quase irmãos. Eu não tinha podido dar-lhes senão um pouco de atenção, de simpatia. Eles tinham-me dado uma lição magnífica, decisiva para o meu modo de sentir e de pensar a partir daquele momento. Atrás dos falares que tinha vindo estudar, era toda uma humanidade humilde mas digna, vivendo intensamente os sentimentos simples, lutando corajosamente pela sobrevivência, com que a dialetologia me tinha colocado em contato. (...) Através das palavras que

emprega, através das conversas que estas palavras sugerem e provocam, o homem que temos na nossa frente vai-se-nos, pouco a pouco, desvendando. CINTRA (1983 *apud* ISQUERDO, 2004, p.53-54),

Na realidade, os caminhos trilhados pelo dialetólogo, pelo sociolinguísta e pelo etnolinguísta se aproximam no que diz respeito ao *corpus* pesquisado. Um dos aspectos comuns a essas três vertentes do estudo da fala é a necessidade de uma comunidade linguística, cuja descoberta pressupõe uma ampla projeção de estudos nos quais se pode aventurar.

Já é de conhecimento dos envolvidos com a pesquisa científica da língua que a Dialetologia atual não mais se restringe à preocupação com a diferenciação espacial da língua, abrangendo também a questão social do falante, num entrecruzamento com a sociolinguística.

Os estudos de Trudgill (1974), citado por Chambers e Trudgill (1994) relativos à variação fônica do (ng) do inglês em Norwich, determinada pela classe social do falante, são exemplos dos novos rumos que os estudos dialetológicos tomaram, especialmente aqueles voltados para a área urbana. Para estes estudiosos, muitas formas de diferenciação social estão potencialmente relacionadas com a variação linguística e a variação espacial é apenas mais uma maneira de se concretizarem estas relações.

2.2.2 A Sociolinguística

A percepção da relação entre o social e o linguístico abre o caminho, sem retorno, do novo olhar científico sobre a língua: a sociolinguística, que, na década de 60, nasce de uma lacuna nos estudos linguísticos até então (a ausência do caráter social, nos estudos chomskyanos), quando se valorizava como objeto de estudo apenas a língua bruta, as estruturas linguísticas funcionais, consideradas em si mesmas, como sistemas homogêneos e unitários.

O desenvolvimento da ciência sociolinguística que temos hoje se deve à percepção de pesquisadores como Labov (1972) acerca da falta do componente “variedade linguística”, ignorado pela linguística estrutural. A variação passa, então, a ser estudada como normal e integrante do funcionamento do sistema linguístico, influenciando nos processos de mudança que ocorrem neste e não como fator de oposição ao seu desempenho.

Se a língua reflete a comunidade que a fala, é inegável o seu caráter heterogêneo e variável, conforme o que nos comprovaram os lingüistas Weinreich, Labov e Herzog (2006), o que a Sociolingüística tem apresentado, nos últimos trinta anos, em defesa da interdependência das faces funcional e social da linguagem.

Na tentativa de definir os contornos da Sociolingüística, Coseriu (1978) cita o gramático português Fernão de Oliveira, que, já em 1536, sabia, pelo menos intuitivamente, que sua prática correspondia a uma teoria sociolingüística nela implícita. Graças à sua apurada intuição, foi exímio observador dos fatos lingüísticos, tendo-os registrado na ainda hoje considerada *Grammatica da lingoagem portuguesa*, introduzindo, assim, a prática da análise social da linguagem.

A ciência Sociolingüística tem como objeto de pesquisa a atuação lingüística dos falantes condicionada à estrutura e relações sociais às quais estão submetidos.

Para Coseriu (1978, p.5), a Sociolingüística corresponde ao “estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes”, o que não se pode depreender sem a fala.

Se a linguagem, concretizada por meio da fala, sempre se dá em um contexto social, a partir do qual as comunidades se organizam, o trabalho do vaqueiro, uma atividade socialmente engajada, mesmo que ainda não seja reconhecida legalmente, no país, como uma profissão³, apesar de representar um percentual satisfatório na economia regional e nacional, torna essa comunidade um campo fértil para os estudos sociolingüísticos.

A prática desta pesquisa desenvolve princípios da Sociolingüística quando, de posse dos aspectos lexicais da fala vaqueira que se pretende analisar, conhece-se também o caráter sociocultural da comunidade investigada.

A definição de uma comunidade lingüística, segundo Gadet (1992 *apud* FERREIRA, 1996), sugere isso, quando este considera pertencentes à mesma comunidade os indivíduos que, além de suas relações comunicativas, compartilham de mesmos valores com relação ao prestígio e comportamento, representando, na percepção do pesquisador, a mais antiga tradição do falar da região.

A abrangência da Sociolingüística, hoje, inclui o estudo do grau de conhecimento e de emprego da língua comum por parte dos diferentes estratos socioculturais de uma comunidade e a

³ Segundo pesquisa, no *site Google*, da Classificação Brasileira de Ocupações, do Ministério do Trabalho, em 17/12/06.

preocupação com o surgimento e a extinção de línguas, segundo Coseriu (1978). A pesquisa acerca do léxico do vaqueiro na região do sertão baiano se identifica com essa proposta.

2.2.3 A Etnolingüística

Os princípios teóricos e alguns dos estudos desenvolvidos por Coseriu (1978), Alvar (1969) e Velarde (1991) acerca da Etnolingüística também compuseram o suporte para este trabalho.

A Etnolingüística muito tem contribuído para o avanço do entendimento da relação entre a linguagem e a realidade cultural do falante.

As idéias de Malinowski, nas décadas de trinta e quarenta do século passado, unem a lingüística à antropologia, no estudo da significação entendida como a relação entre a linguagem e o mundo da experiência, na consideração da linguagem como parte do acervo cultural de uma comunidade, antecipando, assim, os princípios dos estudos etnolingüísticos.⁴

Em se tratando do estudo do léxico de uma comunidade específica e concebendo a linguagem como uma forma de cultura, a aproximação desta pesquisa com a Etnografia ou a chamada “arqueologia da cultura”, em Várvaro (1998 *apud* SANTOS, 2002, p.4), torna-se inevitável, uma vez que, além de documentar o fato lingüístico em curso, preocupa-se também com a possibilidade de contribuir para a preservação da cultura que este representa, visto que é latente a sua extinção.

A etnolingüística está presente nos trabalhos pioneiros de descrição da relação entre aspectos culturais e lingüísticos, como o movimento *Wörter and Sachen* e outros estudos geolingüísticos em que se documentou a correspondência direta entre a língua, mais especificamente o léxico, e a cultura popular material de determinada comunidade.

Os estudos etnolingüísticos, conforme apresenta a própria terminologia, incluem a noção de **etnia**. Por etnia entende-se “uma realidade determinada pela geografia imposta pela natureza, pela cultura criada pelo homem e pelo intercâmbio e relações entre diferentes grupos ou inter-etnias”, na concepção de Alvar (1978 *apud* ARRUDA, 1990, p.6) ou ainda, nas considerações de Velarde:

⁴ Refere-se, aqui, ao seu trabalho acerca da fala dos Kula, nas Ilhas Trobriand, em 1922.

Los antropólogos entienden por etnia (del griego, “pueblo, grupo”) el grupo humano en el que la cohesión social que une a sus miembros entre sí, se basa en la unidad de formas de vida, de vocación histórica y de concepción del mundo o cosmovisión; es decir, la etnia se caracteriza por ser el conjunto de individuos con la misma cultura.⁵ (VELARDE, 1991, p.40),

A língua é a ponte entre a raça, o povo, e a sua cultura, incluindo-se neste conceito tudo o que este último termo abarca: costumes e hábitos, formas de produção econômica, relações sociais e familiares, formas de exploração da natureza, de transmissão das tradições (o que inclui formas de uso da língua), culinária etc. E, ainda, nas palavras de Guizzetti (1957 *apud* VELARDE, 1991, p.40), é o “(...) conjunto coherente de elementos materiales y espirituales; conjunto sistemático unitário y tendente a la íntegra satisfacción de las necesidades psicossomáticas de hombre en su vida individual y social”.⁶

Apesar da dificuldade quanto à instituição de sua nomenclatura e à delimitação do seu objeto de estudo, a Etnolingüística, definida por Coseriu como “o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades falantes” (1978), vem se firmando, hoje, mesmo que de forma casual e fragmentária, como a ciência que trata o uso da língua sob o seu aspecto cultural e entende esta como um meio para a cultura subsistir.

A Etnolingüística, assim sendo, adquire interdisciplinaridade com a Sociolingüística, a Etnografia e a Antropologia e, mesmo compartilhando o objeto de pesquisa, mantém a particularidade de seus objetivos. Fazer um estudo etnolingüístico implica considerar os fatos da língua como resultado de conhecimentos acerca das coisas, como uma forma de apreensão do real por meio da utilização do léxico. Na busca do entendimento da estreita relação entre a linguagem e a cultura, ou se toma como ponto de partida a linguagem – e se faz o estudo da expressão idiomática de uma cultura – ou se parte da cultura – e se procede à análise cultural de uma língua. A proposta em questão identifica-se com o primeiro caso: por meio da expressão lingüística do

⁵ Os antropólogos entendem por etnia (do grego, “povo, grupo”) o grupo humano em que a coesão social que une seus membros se baseia na unidade de formas de vida, de origem histórica e de concepção de mundo ou cosmovisão; ou seja, a etnia se caracteriza por ser o conjunto de indivíduos com a mesma cultura. (Tradução da autora)

⁶ Conjunto coeso de elementos materiais e espirituais, sistemático, unitário e voltado para a íntegra satisfação das necessidades psicossomáticas do homem em sua vida individual e social. (Tradução da autora)

vaqueiro, é possível o conhecimento de aspectos de sua cultura. Sabe-se que a língua não pode ser concebida fora do seu contexto sociocultural, sendo considerada parte do conjunto cultural de determinado povo.

A partir dessas considerações, as razões para o estudo da fala, numa comunidade definida tornam-se mais claramente justificáveis.

Este suporte teórico reitera a hipótese que responderá à pergunta que é condição *sine qua non* para este estudo: a modalidade da língua oral utilizada pelos vaqueiros é específica desta comunidade do sertão da Bahia?

3 METODOLOGIA

Este capítulo detalha aspectos do percurso metodológico utilizado para a efetivação desta pesquisa: a inserção na comunidade de informantes, a escolha dos informantes, a prática das entrevistas, os instrumentos para a recolha das respostas, a sua documentação e os critérios para a análise dos dados, procedimentos comuns e constantes de toda pesquisa deste porte, não fosse seu caráter de extrema fidelidade e respeito ao *corpus*. Vencer os passos metodológicos equivale a se ter certeza de que as idéias e teorias de suporte ganharam corpo e se concretizaram, na efetivação do ato de pesquisar e, especialmente, na obtenção dos resultados.

Esta pesquisa entende-se por descritiva e qualitativa, características comuns a este tipo de estudo, que contempla, em especial, a percepção do fato lingüístico, sua existência e não seu número de incidência em determinado grupo de falantes, visto que pretende conhecer as peculiaridades lexicais oriundas da experiência de vida e do conhecimento apreendido assistematicamente, numa comunidade específica. O questionário foi o principal instrumento para a aquisição dos dados, sendo que, algumas vezes, contou-se com narrativas livres, cantigas e/ou aboios para tal. A opção por essa forma de recolha de dados se justifica pela natureza semântico-lexical da pesquisa.

Em defesa da valorização da pesquisa qualitativa em ciências sociais, registra-se:

Grande parte dos problemas teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa é decorrente da tentativa de se ter como referência, para as ciências sociais, o modelo positivista das ciências naturais, não se levando em conta a especificidade dos objetos de estudo das ciências sociais. Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador. (GOLDENBERG, 2001, p. 53)

O contato com os textos de William Labov, *Sociolinguistic patterns* (1972) e *Language in the inner city* (1969); de Alba Zaluar Guimarães, *Desvendando máscaras sociais* (1980) e de Lesley Milroy, *Language and social networks* (1992), foi de muita valia para este

estudo, pela maneira como conduzem e esclarecem questões acerca dos princípios teórico-metodológicos da pesquisa sociolinguística, cujas referências foram dadas pela professora Tânia Alkmim, quando de um curso na Universidade Estadual de Feira de Santana, em 2002. Tais teorias revelaram-se muito presentes ao longo da pesquisa de campo deste estudo, especialmente no que referem à escolha da comunidade de inquérito, à participação do documentador e à documentação dos dados.

3.1 O CONHECIMENTO DA COMUNIDADE E A INSERÇÃO DO DOCUMENTADOR

Dois foram os fatores que levaram à escolha do município de Teofilândia como região dos inquéritos: o primeiro foi a constatação de ser o local um núcleo de culto às tradições vaqueiras e de ações que visam à conscientização da sua preservação; o segundo, pela facilidade de acesso do pesquisador, visto que este residia na localidade.

O primeiro contato com a comunidade de vaqueiros se deu em agosto de 2002.

Depois de algumas oportunidades de ouvir as cantigas e aboios entoados pelos vaqueiros, quando das festas na praça, exposições agropecuárias, cavalgadas e vaquejadas, o documentador mostrou-se interessado pelo maior conhecimento da comunidade e, a partir do contato que mantinha com funcionários da prefeitura da cidade, obteve o acesso ao vaqueiro mais famoso da região, consagrado pela sua valentia, sua experiência e sua cantoria, representante máximo dos vaqueiros aboiadores da região.

Este senhor, Manoel dos Passos, o Passinho aboiador, intermediou os demais contatos, o que foi bastante facilitado pela sua popularidade e pela relação cordial e freqüente que se manteve com ele. Tal entrosamento levou a pesquisa ao conhecimento de outros vaqueiros, a qual, nas festas e reuniões, era comentada com muito orgulho pelos participantes da comunidade inquirida.

Os empecilhos normalmente observados nos primeiros contatos do documentador e informantes foram amenizados pela simplicidade, humildade e vontade de falar dos participantes. Não se pode negar que a presença cordial do Sr. Passinho, que, na maioria das vezes, fez questão de acompanhar o documentador ao local da entrevista, foi fator importante nesta empreitada.

Os laços se estreitaram rapidamente e, dentro de pouco tempo, já se intercambiava feijão, milho e mandioca – produtos resultantes da pouca opção que o solo da região oferece e que são como um troféu para a família que os cultiva – por livros didáticos, literários e dicionários. Algo tinha de ser feito em troca do adocicado e cordial cafezinho, normalmente acompanhado de aipim “cozinhado”, principalmente porque a recusa de tais ofertas é considerada “desfeita”. É importante comentar aqui a dificuldade em se estabelecer o limite para este estágio de relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado, visando ao bom andamento do trabalho e à manutenção das comunidades de inquérito, mas isso foi contornado sem maiores problemas.

Malinowski (1992, p. 48), quando da explanação sobre sua pesquisa etnográfica, em 1922, na tribo Kula, nas Ilhas Trobriand, comenta a questão da parcialidade do documentador em pesquisa social: “Não há um código de leis escrito ou explicitamente exposto, e toda a sua tradição tribal, toda a estrutura da sua sociedade encontram-se incorporadas no mais evasivo de todos os materiais: o ser humano”.

3.2 A ESCOLHA DOS INFORMANTES

O *corpus* é proveniente de uma comunidade de vaqueiros e compõe-se de seis informantes, assim distribuídos: um na faixa etária de 14 a 25 anos; um de 25 a 50 e quatro de 50 anos em diante, visto que não foi possível representar, de maneira uniforme, as diferentes delimitações de idade, fato que, por sua vez, comprova a tendência ao desaparecimento da profissão, na região.

A escolha dos informantes foi orientada pelos seguintes critérios: a experiência com a profissão de vaqueiro, o nascimento e a residência na região, a faixa etária e o nível de escolaridade. Conforme o que já se apontou, o contato com essas pessoas foi efetivado pela presença de uma delas como indivíduo ponte na comunidade.

Os vaqueiros inquiridos são profissionalmente ativos, vivem em residências próprias, nos povoados⁷ Mirante, Bola Verde e Canto, no entorno do município de Teofilândia, que fica a

⁷ Por povoado entende-se um setor situado em aglomerado rural isolado, sem vínculo a um proprietário, cujos moradores exercem atividades econômicas no próprio aglomerado ou fora dele, com o mínimo de serviços ou equipamentos necessários ao atendimento dos próprios moradores ou de áreas próximas. Fonte da pesquisa: SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, segundo IBGE (2000), acesso em 29/05/07.

100 km de Feira de Santana e 200 de Salvador, pela BR 116 – Norte.

Todos são do sexo masculino e naturais da região, sem se terem deslocado, além de 100 km da cidade natal, nos últimos três anos. Não conhecem a capital, apenas as cidades vizinhas. Todos eles vêem na tradição familiar o fator de maior influência no exercício da atividade de vaqueiro.

A razão de terem sido escolhidos apenas informantes do sexo masculino não implica ser a atividade de vaqueiro exercida exclusivamente por homens, na região. Houve, durante as entrevistas, a menção a duas mulheres vaqueiras nas localidades próximas, as quais, infelizmente, não puderam ser contatadas, na época das entrevistas.

Os informantes, quanto ao grau de escolaridade, distribuem-se em: dois escolarizados (cursam a sexta e a oitava série do Ensino fundamental), um semi-alfabetizado (registra e lê apenas o próprio nome) e três analfabetos. Todos possuem, em suas residências, uma TV. E dois dos informantes não possuem telefone.

Não se pretende delongar aqui a apresentação dos perfis individuais dos informantes, visto que as características deles já apresentadas é o suficiente para o bom entendimento do que se procurou deles descrever, quanto à sua expressão lingüística.

Estas foram as pessoas responsáveis pela fonte dos dados do *corpus*:

- 1- **José Clóvis de Jesus**, 14 anos, cursa a sexta série, natural de Fazenda Limeira, povoado de Mirante. (Inf.05)
- 2- **Manoel dos Passos Oliveira Silva**, Passinho aboiador, 44 anos, semi-alfabetizado, natural de Fazenda Vargem de Baixo, povoado de Mirante. (Inf. 06)
- 3- **Atenor Lustosa Pinho**, Sr. Nozinho, 52 anos, alfabetizado, cursou até a oitava série do Ensino Fundamental, natural de Fazenda Biringinga, povoado de Bola Verde. (Inf. 01)
- 4- **João Cordeiro de Almeida**, João Liberato, 56 anos, analfabeto, natural de Fazenda Sítio Novo, povoado do Canto. (Inf. 04)
- 5- **Fernando Marinho**, 57 anos, analfabeto, natural de Cidade Nova, povoado de Bola Verde.(Inf. 03)

- 6- **Estáquio Agostinho da Visitação**, 97 anos, analfabeto, natural de Fazenda Papagaio, povoado do Canto.(Inf. 02)

3.3 OS INSTRUMENTOS DE INQUÉRITO

O caráter qualitativo desta pesquisa faz com que o procedimento metodológico da aquisição dos dados possa contar com certa flexibilidade de caminhos, visto que se trata de uma proposta descritivo-informativa, com características socioculturais. Aqui, empregou-se, preferencialmente, o método das perguntas dirigidas, com a utilização do questionário.

É inegável a importância do questionário para a pesquisa dialetológica, pois ele é um poderoso instrumento, cuja estrutura permite a homogeneização do procedimento de recolha dos dados e, conseqüentemente, leva à precisão na obtenção dos resultados, fatores definidores da pesquisa científica.

O questionário utilizado nesta pesquisa⁸ consta de 105 questões, sendo 99 dirigidas e seis semidirigidas, organizadas, inicialmente, em dois campos semânticos, **o gado** e **o vaqueiro**, buscando-se contemplar os seguintes conteúdos, nesta ordem: partes do corpo do gado, características físicas, tipos e raças, comportamento, doenças e alimentação do gado; a rotina do vaqueiro: a profissão, o manejo com o gado e instrumentos para o trabalho com o gado.

Este questionário é produto da observação da comunidade de vaqueiros e da releitura do trabalho de Aguilera e Figueiredo (2002, p.35-48) acerca de *A composição de um questionário sobre o léxico do gado*, em que as autoras destacam como objetivos primeiros deste instrumento “assegurar o caráter científico necessário à pesquisa e tornar menos complexo o registro dos fenômenos lingüísticos que se pretende estudar”. Ainda, em defesa da importância deste recurso de pesquisa, afirmam:

O questionário, com freqüência, figura apenas como um dos anexos das pesquisas, como se não fosse o resultado de uma árdua tarefa de investigação não só teórica mas também sócio-lingüística-cultural, resultante do processo de integração do pesquisador na comunidade eleita para o estudo.(p.10)

⁸ O questionário aqui referido e utilizado na pesquisa de campo encontra-se, na íntegra, apresentado em anexo.

Por se tratar, aqui, de um instrumento para uma pesquisa semântico-lexical, de caráter onomasiológico, o questionário não apresenta uma forma rígida, permitindo a flexibilidade da estrutura das perguntas, que, muitas vezes, sofreram adaptações espontâneas por parte do documentador, para que cumprissem o seu papel de obtenção de resposta direta, segundo a proposta de se partir do significado ou conceito para se chegar à designação ou referência da forma em estudo. Afinal, somente no trabalho de campo se toma consciência do que se deve realmente perguntar. Tal procedimento de pergunta e resposta torna-se bastante produtivo devido à economia de tempo e à precisão na obtenção das respostas, eliminando a dupla interpretação com relação aos “nomes”, mas, por outro lado, corre o risco de ser exageradamente formal. Coube, assim, ao documentador “aliviar” esta situação, o que foi feito com a adoção de uma postura mais descontraída e com a intermediação das questões semidirigidas.

Mota (2004 p. 41) ressalta, acerca das questões semidirigidas: “(...) elocuições mais espontâneas, destituídas do grau de tensão e formalidades que, muitas vezes, se encontra presente nas respostas às indagações do inquiridor, em outros trechos da entrevista. (...)”

Os temas explorados nas questões semidirigidas foram a rotina do vaqueiro, casos engraçados e tristes, seus problemas do dia-a-dia e soluções, as alegrias, tristezas e o futuro da profissão na região.

Os aboios e as cantigas – cujo conteúdo varia de fatos do cotidiano do trabalho com o gado até histórias fantásticas e de situações inusitadas, da história da cidade etc. – também serviram, inicialmente, de subsídio para a aquisição das formas lexicais analisadas. Tais cantigas foram gravadas em ocasiões de festas ou do próprio inquérito, cantadas pelos informantes.

Por aboio entende-se uma espécie de toada, com refrão bem marcado pela entonação da voz, utilizada pelos vaqueiros para o direcionamento do gado, no seu transporte em comitiva, em busca de melhores condições de alimentação, em situação de venda etc.

3.4 A RECOLHA DOS DADOS

As entrevistas ocorreram nos locais de moradia e de trabalho (as fazendas da região) dos vaqueiros e o ar de formalidade e timidez, inicialmente percebido, foi logo dissipado pelo interesse do documentador em conhecer outros aspectos do ambiente e da vida do vaqueiro: sua

família, alimentação, rotina social, formas de exploração do meio natural etc., o que possibilitou a manutenção de um clima de descontração e cordialidade.

É preciso dizer que o processo de entrevista inclui interação no âmbito social, ideológico, cultural, entre outros, que propiciam a multiplicidade de contato entre as diferentes sociedades e modos de vida. Não há como negar que, a cada entrevista que realizamos, imprimimos em nosso informante, palavras, expressões, gestos... e levamos de cada comunidade um pouco de sua cultura.(ALTINO, 2004, p. 59)

As desvantagens destas entrevistas *in loco* referem-se aos ruídos externos (interferência de pessoas conhecidas, ruídos de animais, de vento, de chuva etc.), que, se não recuperados a tempo, durante o processo de gravação, são percebidos somente ao longo das transcrições. Mas, por outro lado, ganha-se muito com relação à confiança do informante, que se sente honrado com a presença do entrevistador no ambiente que lhe é familiar.

As gravações foram feitas em gravador digital Power pack, DVR 880, com a duração de uma a uma hora e meia cada sessão, variando por dia ou por entrevistado, para que se preservasse o estado físico do informante, já que as entrevistas ocorriam, na maioria das vezes, após a jornada de trabalho, evitando-se que este procedimento se tornasse deveras cansativo e monótono.

As entrevistas foram realizadas no período de fevereiro a dezembro de 2005. Esta extensão do tempo permitiu que possíveis erros ou faltas detectados, nas primeiras gravações, fossem sanados nas gravações consecutivas. Este longo contato com os informantes foi possível pela razão, já comentada anteriormente, da proximidade da residência do documentador e os pontos de inquérito.

Algumas questões ficaram sem resposta pelo fato de o informante declarar não ter conhecimento do assunto ou até mesmo por timidez ou por não desejar responder. Nesses casos, o bom senso do documentador fez com que não se insistisse na questão.

3.5 A TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

Transcrever, contudo, não é uma tarefa mecânica, sujeita apenas à representação de sons por símbolos gráficos, mas sim “um posicionamento (ideológico) teórico, que permite estabelecer que fenômenos interessam à observação e por quê, quais de seus aspectos são relevantes para os fins pretendidos, e que grau de variação deles se pode ou poderia esperar”. (CINTRA, 2000, p. 165)

Para o registro de alguns dos fatos lingüísticos característicos da oralidade dos vaqueiros, optou-se pela adoção dos recursos da transcrição grafemática, principalmente quando se pretendeu a fidelidade aos aspectos próprios desta modalidade de língua e, especialmente, a preservação das peculiaridades da fala vaqueira, no que diz respeito às estruturas morfofonéticas e sintáticas. Além disso, a transcrição grafemática torna a leitura mais acessível ao público não-especializado.

Foram utilizados os sinais e as normas convencionais do sistema ortográfico português, que privilegia o vocábulo mórfico como unidade gráfica. Quando a transcrição da forma lexical impossibilitou o seu entendimento, esta vem elucidada entre parênteses. As pausas e hesitações foram identificadas por (...) e as formas cuja audição foi prejudicada por ruídos, no processo de recolha dos dados, figuram entre parênteses.

Alguns exemplos do tipo de transcrição utilizada são:

Aqui a região é de **muntcho** vaquero porque, de **quarqué manera**, a gente **veve** é da luta, né? A gente **veve** da criação do animal. É uma região seca. É porque é o ganha-pão. Se a gente num tinha do que vivê, a gente cria a criação, que é pra **podê** vivê, né? Tira o leite pra **cumê**, mata o bode pra **cumê**... (Inf.04)

É, ele come até inchê a barriga, depois vão, se deita e, aí fica **remueno** a **cumida**. Ele remói aquela **cumida** todinha, **pariceno** que tá **passano** num muinho. (Inf. 03)

É o cabrunco, que bate na ponta e ela cai ó! Se morreu de mal-da-ponta, bate no chifre e ele cai. Um mal que dá no **ceburo** (cérebro) dele. (Inf. 06)

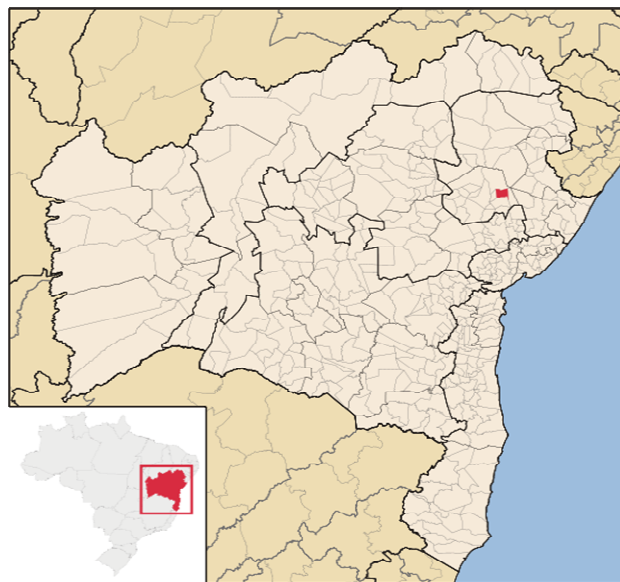
Tem que **sê** um cavalo rápido, no caso de apartação. Se **fô pa** catinga, tem que **sê** piqueno, não pode **sê** um cavalo **muntcho** alto. (Inf. 04)

A transcrição dos dados é o resultado de um trajeto tênue entre duas realidades bastante diferentes mas, ao mesmo tempo, complementares, que o documentador se propõe a

trilhar. De um lado, a necessidade de registro, em códigos de certa forma rígidos, que tornem visível uma realidade que só tem sentido enquanto expressão oral e, de outro, essa própria forma da língua, dinâmica e criativa. Trata-se realmente de um trabalho árduo e, nesta empreitada, a transcrição, juntamente com o processo de análise dos dados, constituíram as etapas que maior dedicação demandaram.

Ainda com relação a alguns aspectos referentes à transcrição utilizada, não foi possível representar, na fala do vaqueiro, casos como o “nh”, como em “caminho”, “lenha”, “unha” etc., de forma diferente, em obediência aos recursos oferecidos pela transcrição grafemática. Casos mais gerais, no português do Nordeste do Brasil, como “currau” para “curral”, bem como as realizações altas [i,u], para o e , o finais, deixaram de ser transcritos, como, por exemplo, “minino”, “tangi” etc.

4 TEOFILÂNDIA: a localidade dos inquéritos



 Município de Teofilândia - Bahia

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Teofilândia deve seu nome à homenagem à ilustre figura de Joaquim Teófilo, cuja história é contada nos versos transcritos ao final deste tópico, e que é considerado o fundador da cidade. Descendente de uma das primeiras famílias de portugueses da região, foi, segundo contam os habitantes do lugar, o responsável pela elevação do povoado a cidade.

Conta a história que, nos idos de 1723, um grupo de vaqueiros, dentre eles os irmãos João Manuel e Manuel Joaquim da Silva, na sua faina de aboiar o gado, de uma fazenda a outra, no intuito de encontrar água e comida para os animais, depois de um dia inteiro de cavalgada, decide parar para o pernoite. Exaustos, os vaqueiros pegaram no sono e, quando acordaram, deram conta de que boa parte da boiada havia se dispersado. Seguiram por uma vereda e logo deram com o gado, que se fartava de água e capim, numa região de muitas pedras e de verde vegetação. Os vaqueiros ficaram impressionados com outros animais que ali já se encontravam, gordos e saudáveis.

Com o nascer do sol, os vaqueiros voltaram à fazenda de onde haviam saído e comunicaram o fato aos patrões, que, imediatamente, foram atestar o acontecido. Os amigos,

presentindo as condições pródigas da região, transformaram-na em uma fazenda de criação de gado, inicialmente, com apenas currais. A construção de casas para as famílias dos vaqueiros aguçou o crescimento do lugar.

A primeira capela, edificada pelo padre Picarpo, religioso bastante atuante e respeitado na comunidade, contou com a ajuda de Antônio Conselheiro, quando da sua passagem com o seu bando por aquela região.

Batizada com o nome de *Itaperu*, que, no Tupi-guarani, significa “árvore de boa madeira para construção”, a localidade ganhou escola e posto de saúde. Em 23 de abril de 1962, ganhou sua emancipação do município de Serrinha, distante 20 km, e tornou-se oficialmente cidade, adquirindo o nome de Teofilândia, fato que, em meio a muitas controvérsias, diz-se ter sido justificado pela homenagem a Teófilo de Oliveira, contador do Estado e pessoa muito dedicada ao desenvolvimento do lugar, hipótese que, por sinal, contradiz a primeira aqui mencionada.

Teofilândia situa-se a 200 km de Salvador pela BR 116 Norte, distante 90 km da cidade de Feira de Santana, conhecida como o portal do sertão da Bahia.

O município, local onde a empresa canadense Yamana explora suas minas de ouro, que absorvem o maior percentual de mão-de-obra da região, tem sua economia sustentada também pela agricultura de subsistência. A chamada lavoura permanente é expressiva no cultivo do caju, do limão, da manga e do umbu. Na lavoura temporária, sujeita às condições climáticas, destacam-se o feijão, a mandioca, o milho, o amendoim e a batata doce, produtos que são comercializados nas feiras semanais, dentro da própria cidade.⁹ A extração do carvão vegetal, a extração e o beneficiamento da fibra do sisal e, em menor escala, a criação do gado compõem o perfil econômico da cidade.

Com uma população de aproximadamente 25.000 habitantes, 4.237 pessoas são residentes na área urbana. O nível de escolaridade, na faixa etária considerada produtiva, de 14 a 60 anos, compreende uma média de seis anos de instrução.

Teofilândia tem os negros como maioria de sua população. Essa incidência se deve ao avanço pelo interior das comunidades negras ex-trabalhadoras dos engenhos de cana-de-açúcar do litoral, devido ao baixo custo demandado pela pecuária, no interior.

⁹ Dados provenientes de pesquisa do IBGE, datada de 01/07/05, conforme *site Google*, visitado em 10/10/06.

Os trechos da cantiga de vaqueiro abaixo transcritos são de autoria do Sr. Manoel dos Passos Oliveira Silva, Passinho aboiador, um dos informantes e indivíduo ponte, figura bastante expressiva no decorrer dos inquéritos e já mencionada neste estudo. Seus versos dizem da importância e apreço que atribui à região onde nasceu, uma fazenda no município de Teofilândia, sentimento que é comum a toda a comunidade de vaqueiros.

Estas outras manifestações do *corpus*, assim como as narrativas, constituíram também formas de inquirição dos dados.

Teofilândia, minha cidade querida

(...) Nesse torrão brasileiro
Lugá de gente bacana
Onde mora esse povão
E o pessoá não me engana
É essa cidade adorada
Minha nobre Teofilândia.

Nesse torrão brasileiro
Me recordá de um passado
Do meus amigo vaquero
Os pueta trovadô
Meus colega, meus parcerero.

Ao falá de alguns vaquero
Meu coração palpitô
Lembro de Joaquim Teófilo
Jesus precisava e levô
Mas o nome dele na pedra
Como lembrança ficô.

A morte ingrata chegô
Nem assinô seu papel
Levô Manoé Joaquim
Levô Joaquim Manoel
E hoje só resta a histora
De seus amigo de fé
Ao lembrá com muita fé
Com um prazê que não nega
Renando dentro de mim
Uma históra que chega.

E lembrá do seu passado
Ali no Cantinho das pedra

Sua história não nega
Manoel Joaquim eras tu
Hoje é Teofilândia
É nuvem, é céu azul

Mas antes já foi a pedra
É pedreira Itaperu.

Olha eu lembro de tu
Que da lembrança não sai
Lembro de Joaquim Teófilo
Que foi a fruta e não cai
É uma históra subllima
Que me contava papai.

A lembrança que não sai
Daquele tempo passado
Que não ixistia casa
Só tinha pega de gado
E ali pros Tanque das pedra
Ocês vivia incostado
Manoel Joaquim e o gado
Da mesma água bebia
Uma taquim de rapadura
Com farinha ele comia
Botava gibão no chão
Se istirava e drumia.

Muitas veiz muito via
Naquela terra adorada
Andava Joaquim Teófilo
E hoje não é mais nada
Junto Joaquim Manoel

Manoel Joaquim com a boiada.

A pedra era sagrada
Nesse torrão brasileiro
Porque existia mato
A pedra município
Foi Manoel Joaquim
Joaquim Manoel meu sinhô
Que deu aquele direcho
E ela se antecipô.
Antes tinha o seu valô
Seu amô, sua liberdade
Porque foi Itaperu
A pedra com qualidade
Esses três rapazes fundaro
Hoje é Teofilândia cidade.

É minha obrigação

E meus fiéis companhero
Se via pega de gado
Era uma festa de vaquero
Esses nobre cumpanhero

De agradecê minha pedra
Itaperu, meu torrão
É a verdade dos jovem
Dos amigo do gibão
É minha fé, minha razão

(...)

Em Teofilândia se encontra
O meu prazê, meu orgulho.

5 ANÁLISE SEMÂNTICO - LEXICAL

O presente capítulo estrutura a apresentação dos dados e sua análise semântico-lexical, tomando por base, além do conteúdo inquirido, as obras regionais, os dicionários e os atlas lingüísticos, que estão referenciados ao final do trabalho.

O percurso da análise aqui desenvolvida está orientado com base em dois eixos semânticos – **o gado** e **o vaqueiro** – e suas subdivisões. Com relação ao primeiro campo semântico, pretendeu-se reunir características do gado, motivo maior da profissão do vaqueiro, de forma geral. Quanto ao segundo campo semântico, optou-se por analisar a atuação do homem na sua relação com o gado. Afinal, **homem** e **gado** compõem as duas metades indissolúveis e interdependentes desta realidade que aqui se pretende estudar.

A escolha desta proposta de distribuição do texto-análise justifica-se também pela necessidade de sistematização e organização, diante de tão extenso acervo lingüístico, processo que foi conduzido pelo critério de maior ocorrência do conteúdo na fala investigada.

Torna-se necessário, para melhor entendimento do texto que compõe a análise dos dados, tecer algumas considerações:

- a) Objetivando uma maior fluidez de leitura, optou-se por não mencionar os nomes das obras de referência à consulta, quando as formas lexicais analisadas não foram encontradas em seu conteúdo ou foram registradas apenas com outras acepções.
- b) É importante lembrar que algumas das falas transcritas pertencem a mais de um item da análise semântico-lexical e, por isso, podem estar presentes mais de uma vez, ao longo deste trabalho.

c) O desenvolvimento do conteúdo obedeceu, em princípio, à ordem de respostas ao questionário, tomado como principal instrumento de inquirição, nesta pesquisa, visando a uma maior objetividade, homogeneização e sistematização.

d) Quanto à nomenclatura referente ao estudo lexical, optou-se pelo emprego do termo **forma lexical**, visto que este abrange as opções palavra, lexema, lexia e expressão lexical, adotadas pelas teorias dos principais estudiosos da Semântica, dentre eles Ullmann (1964).

e) As propostas de delimitação das zonas fisiográficas apresentadas nos atlas lingüísticos correspondem à data de elaboração dos mesmos: APFB (1963) e ALS (1987).

5.1 O GADO

5.1.1 Partes do corpo

No que toca a este subcampo semântico, as formas lexicais selecionadas foram **ponta** ou **chifre** e **subuco da ponta**, para a referência ao chifre do gado; **venta**, relativa à narina; **mão** para a referência à pata dianteira do gado; **diantero(a)** e **trasero(a)** para designar a parte que compreende desde o meio do corpo do boi até o chifre e a parte desde o meio do corpo do boi até o seu rabo, respectivamente; **rabada**, **rabo** ou **cauda** relativos ao rabo do boi, **maçaroca** (com a variante **maçoroca**) e **sedém** (para a ponta do rabo do boi).

A forma **ponta**, segundo o que se pôde perceber, é bastante comum na fala dos vaqueiros, que a utilizam com a mesma acepção constante nos autores Ferreira (1995) e Houaiss (2001): “chifre, corno”. Queiroz (1988) apresenta a mesma significação.

O chifre ou **ponta** é um aspecto ao qual o vaqueiro dedica bastante atenção. O vaqueiro apresenta vasto conhecimento a respeito das vantagens e desvantagens da presença do **chifre**, de seu aproveitamento como utensílio diário, dos vários tipos que caracterizam as raças etc. Também relativa ao chifre do boi encontrou-se, na comunidade de vaqueiros, a expressão **subuco da ponta** atribuída à pontinha do chifre do gado:

Subuco da ponta é a **ponta** do chifre. É um ossinho que tem ali por dentro e tudo... (...), é o subuco da ponta. (Inf. 01)

Segundo Ferreira (1995) e Houaiss (2001), a forma **sabugo** refere-se, dentre outras acepções, à parte interior e pouco dura dos chifres dos animais. E, quanto à sua etimologia, tem-se:

Do lat. *sabucus*, 'sabugueiro'; 'a parte onde o grão está embebido nos alvados ou alvéolos', parece destacar-se a noção de 'algo interno'; foi esse o traço semântico que se fixou na maioria das acp. de *sabugo* já presente no port. a partir do sXIV, nas acp. de 'parte do dedo a que está aderida a unha' e de 'medula de planta'.

Ainda com relação à cabeça do boi, mais especificamente as narinas, foi geral, entre os informantes, a ocorrência de **venta** como o nome que se dá ao nariz do boi, na região. Ferreira (1995), Houaiss (2001) e Cunha, (1982), dentre as acepções que apresentam, registram esta forma como “cada uma das duas aberturas do nariz, o conjunto das duas narinas, narina”, Tanto Ferreira (1995) quanto Cunha (1982) trazem sua etimologia como derivado do latim *ventana*: “lugar por onde passa o vento”.

São exemplos de **venta** com a significação de nariz, na fala dos vaqueiros da região:

Tem a furniga também pra pô nas **venta** e sigurá. (Inf. 01)

Que furava a **venta**, botava um cabresto pra dominá o boi. Aonde anda de boi de carga. (Inf.02)

Para o emprego da forma **mão**, registrou-se:

Usa, pro animal que a gente chama aqui a vaca, o boi ladrão. Então a gente usa pô o gancho, uma canga de madeira, põe no pescoço. (...) E tem também a cabrana, é marrado do chifre pra **mão** do animal. Não tem como ele saltá.(Inf. 01)

O cambão é uma peça de pau. A gente coloca no pescoço e ele vai andano cum o cambão dentro das **mão** pra num corrê. Purque se ele corrê, o cambão bate nas **mão**, ele trupeça e num aumenta, sabe? (Inf. 03)

Nóis bota, as veiz, bota um gancho, faiz um gancho de pau e bota, ota hora a cabrana, da cabeça, da ponta pra **mão**. (...) Bota uma corda na ponta dele e marra na **mão**. (Inf. 04)

Relativamente às formas **diantero(a)** e **trasero(a)**, o que se observou, na fala dos vaqueiros, foi o seu emprego para a identificação das partes do tronco do boi, numa referência tanto ao boi vivo quanto abatido, com o emprego apenas da forma substantiva, tanto no gênero masculino quanto no feminino, para o mesma designação. Vejamos, então, o que nos dizem acerca das formas **dianteiro(a)** e **traseiro(a)** os dicionários:

Tanto Ferreira (1995) quanto Houaiss (2001) registram, respectivamente, **dianteiro** como substantivo e adjetivo, referindo-se “àquele que está ou vai adiante”; “o que está ou vai na frente, na vanguarda ou em primeiro lugar”; **dianteira**, como substantivo, relativo “ao ponto mais avançado, frente”; “a parte anterior de algo, o ponto mais à frente, a vanguarda, o primeiro lugar”. As formas **traseiro** e **traseira** estão apresentadas, nestas obras, apenas como substantivos: **traseiro** como relativo àquele que está detrás, que fica na parte posterior, as nádegas e **traseira** significando a parte posterior, oposta à da frente.

A distinção de significado apontada pelos dicionários entre **dianteira** e **dianteiro**, **traseiro** e **traseira** não se faz sentir na fala dos vaqueiros. E, quanto à etimologia destas formas, em Cunha (1982), observa-se que **dianteiro** provém de “diante + *-eiro*, f.hist. sXIII *deanteiro*”; **dianteira** é “fem. substv. de *dianteiro*, *diante*+ *eiro*, f.hist. 1344, *dyanteira*”; **traseiro** refere-se a “tras- + *-eiro*; f.hist. sXV *traseiro*” e **traseira**, “fem. substv. de *traseiro*; f.hist. sXIII *trazeyra*”.

É curioso o conjunto de formas lexicais, também muito freqüentes no dia-a-dia dos vaqueiros, relativas ao rabo do boi: **rabada**, **rabo** ou **cauda**, que correspondem ao rabo em toda a sua extensão, **sedém** e **maçaroca**, com a variante **maçoroca**, quando se referem à ponta do rabo.

O informante 01 demonstra ter consciência da variação lexical (**sedém** e **maçaroca**) para a designação da ponta do rabo do boi, a qual, pelo que se pôde perceber, é comum à fala da região:

Aqui a gente cunhece o **rabo** como **rabada**. A pontinha dele chama o **sedém**. Alguns chamam **maçaroca**.

E outros exemplos puderam ser documentados acerca destas formas lexicais:

Hoje nós tamo correno é... dois vaquero, dois cavalo e um toro. É pro vaquero dirrubá o boi dentro da faxa, pelo **rabo**. (Inf. 01)

O **rabo** é **rabada**, a ponta do rabo é **maçoroca**. (Inf.05)

Rabada está registrada em Houaiss (2001) como “a parte traseira do tronco do gado bovino e ovino, rabadilha”. Em outra acepção, na mesma obra, vê-se como proveniente do regionalismo de Guiné-Bissau: “o traseiro de uma pessoa, o par de nádegas, a bunda, rabicho ou trança de cabelo adornado com fita”. Ferreira (1995) registra-a como rabicho, com a variante rabadilha e sua origem está no latim “*rapum* –í ‘rabo’ rabada XVI, ‘cauda’ ‘prolongamento da coluna vertebral de certos mamíferos’ XIII.” (CUNHA, 1982). Pode-se deduzir, acerca da forma **rabada**, que esta pode se referir tanto ao **rabo** quanto à parte traseira do animal, segundo as acepções assinaladas pelos dicionários consultados.

Verifica-se também o emprego de **cauda** para a identificação do rabo do boi:

A vaquejada é cê vai, tem o cavalo próprio, já trenado. (...) O vaquero entra na pista, (...) incosta na boca da sangra... onde sai o boi. O que pega na **cauda** chama isterero, fica isterano, bateno istera. Dirruba o boi pelo rabo.(Inf. 05)

Ferreira (1995) apresenta a forma **cauda** como o prolongamento posterior do corpo de alguns animais, o mesmo que rabo, o mesmo conteúdo verificando-se em Houaiss (2001).

Em se tratando da forma **maçaroca**, esta presta-se à designação de **rabo**, segundo obras de referência e à **ponta do rabo**, considerando-se a fala dos vaqueiros. Já, com relação a **sedém**, o seu emprego para a identificação da **ponta do rabo** fica restrito à comunidade vaqueira.

Sedém está registrada, em Houaiss (2001), como regionalismo brasileiro, “o mesmo que sedenho, cauda, traseiro” e em Queiroz (1988) como “cauda das reses e o respectivo cabelo”, conforme o que se comprova abaixo:

Lá mermo no Ermiro, os cabra correro um dia todo cua nuvia (e eu de parte veno), e tinha um alagoano fazeno coisa que num era pra pegá. Tinha tirado o **sedém** da nuvia todo, o alagoano tava cum ela, fez negoço de brincadera (...). (Manoel Barreto dos Santos, Vaqueiro Manoel – 67 anos, Coronel João Sá).

Segundo o ALS, carta 147, a forma **sedém** ocorre na zona fisiográfica identificada como o Sertão do Rio Real, ao sul do estado, designando o rabo da rês como um todo.

Maçaroca é uma forma derivada, por analogia, do espanhol *mazorca* (fio que se enrola no fuso da roca) e significa rolo de cabelo com forma de espiga de milho, punhado de cabelos, rolo de cabelo na cauda das reses bovinas, fio de linho, lã ou crina que se enrola no fuso,

conforme está registrada em Houaiss (2001) e em Cunha (1982). Ferreira (1995) acrescenta: “fio que o fuso enrolou em torno de si, molho, feixe, espiga de milho, rolo de cabelo, bola que se forma na cauda dos cavalos por crinas tão emaranhadas que não é possível desenredá-las com o pente, extremidade cabeluda da cauda dos bovídeos”.

O que se obteve dos atlas lingüísticos com relação às formas **rabada** e **maçaroca** refere-se ao *APFB*, carta 140: **rabada** é empregada nas zonas fisiográficas de Feira de Santana e região limítrofe entre esta e o Nordeste da Bahia (incluindo-se a região de Teofilândia); zona de Senhor do Bonfim e Recôncavo, relativa ao rabo do boi em toda a sua extensão, com o emprego da lexia **rabo** como sinônimo. **Maçaroca**, com referência a rabo, aparece como de uso comum no Extremo sul da Bahia.

5. 1. 2 Fases do desenvolvimento do gado

Quanto ao desenvolvimento do gado, observou-se que as formas lexicais **bizerro**, **garrote**, **boi**, **marruás** e **toro** são muito frequentes na fala dos vaqueiros, para a definição de cada uma das suas fases ou idades, com distinção de uso entre **boi** ou **marruás** e **toro**. O emprego de **nuvia** (novilha) e **vaca** também foi observado, correspondentemente ao uso de **novilho** ou **garrote** e **boi**.

As formas **boi** e **marruás** correspondem à fase adulta do animal que é denominado **toro**, quando se destaca como reprodutor. Ainda com relação à fase adulta do boi, houve o emprego de **boi de carro** para a identificação do boi que é preparado para o trabalho, boi de carga.

Vê-se esta distinção nos depoimentos de alguns informantes:

O bizerrinho, ele até, digamos, uma certa idade, ele tá amamentano e tudo, é chamado **bizerro**. Quando **aparta** ele da vaca, que ele já tá grandinho, a gente chama **garrote**. E quando tá em posição de venda, de abate e tudo, aí agora é o **toro**, é o boi como a gente cunhece, né? Já tá criado. (Inf. 01)

Bizerro é quando nasce, **garrote** ele tá médio, **marruás** já tá graudão. **Toro** é aquele que separa pra reproduzi. Tem o **boi de carro** que a gente amansa pa trabaíá no carro. (Inf.2)

Quando tá novinho, mamano, é **bizerro**. Quando ele tá maió, que aparta da mãe, ele é **garrote**. E quando tá criado, é **marruás**, é **boi**, adulto. (Inf. 05)

O filhote, quando ainda está na barriga da mãe, é denominado também de **bizerro** por todos os informantes.

Ferreira (1995) registra **bezerro** como “vitelo, novilho”. Vê-se, em Houaiss (2001), “cria da vaca em fase de amamentação, geralmente até um ano”. A etimologia de **bezerro**, segundo Cunha (1982), “é de origem controvertida, provençal, ibérica e pré-romana, segundo Corominas, talvez de um *ibicirru* derivado do latim hispânico *ibex*, *icis* 'cabrito-montês'; de *bezerr-*; de 1056 *bezeru*, sXIII *bezerro* e tem como sinônimo vitelo”.

Quanto às formas **novilho e novilha**, tem-se, em Ferreira (1995), “boi ainda novo”, “vaca nova, bezerra”, do espanhol *novillo*, *novilla*, respectivamente. Em Houaiss (2001), registra-se “boi novo, almalho, bezerro. Do espanhol *novillo* (*noviello*, 1220, *novillho*, 1343), de *nuevo* (novo), do latim *novus*, *a*, *um*, vitelo”.

Verificou-se que a forma **garrote** é empregada na fala vaqueira para designar a fase do filhote que já deixou de mamar, que foi separado da mãe, sem uma determinação exata de idade. Em Ferreira (1995), equivale a “bezerro com cerca de dois a quatro anos de idade”.

Aparece no ALS, cartas 137 e 138, com o mesmo significado observado na região de Teofilândia, nas zonas do Sertão Sergipano do São Francisco, Propriá, Nossa Senhora das Dores, Cotinguiba, Agreste de Lagarto, Litoral Sul Sergipano, onde se observam também **novilho** e **mamote** para tal nomeação.

Para **touro**, Houaiss (2001) traz, correspondentemente à forma empregada pelos vaqueiros, a acepção “boi inteiro, não castrado, que se usa como reprodutor; designação comum aos machos bovinos da chamada raça brava, utilizados no toureio”, do latim *taurus*, conforme registra também Ferreira (1995).

Marruás não aparece dicionarizado com o significado totalmente coincidente com o que lhe atribuem os vaqueiros da região de Teofilândia. Em Houaiss (2001), que apresenta a forma como um regionalismo de Minas Gerais e São Paulo, lê-se: “é o mesmo que *marruá*, touro bravio, violento”, observando-se em Ferreira (1995): “novilho que não foi domesticado, boi bravo, touro, marruás”. Os vaqueiros consideram **marruás** o boi crescido, adulto, maduro, forte, ignorando as características “bravio, não domesticado, violento”.

Cunha (1982) registra a forma **marruás** como “‘touro bravio, novilho ainda não domesticado’ ‘ext. pessoa que se deixa enganar facilmente, inexperiente, calouro’, 1899. De

origem obscura; talvez se relacione com **marruaz**, ‘teimoso, obstinado’, 1813, com *marrar*, que, por sua vez, significa bater com a *marra*, um tipo de enxada”.

Houve registro da forma **marruá** (marruás), na literatura regional consultada, na obra de Queiroz (1988): “novilho que não foi domesticado, boi bravo, touro”.

5.1.3 Características físicas

Com relação ao aspecto físico do gado, algumas características observadas e destacadas pelos vaqueiros são designadas pelas formas lexicais **maninha, letchera, mocho, moco, iscornado, em condição de abate, criado, de peso, maduro, pra peso, de recria, pra corte, pesado, chitado, ritinto, chumbado, fumaço, raposo, direito, branco, buzerá, buflo, bananinha e pinhero**, aqui distribuídas em subcampos semânticos: vaca que não dá cria (ou vaca que não cria); vaca que dá muito leite; rês que não tem chifres; rês pronta para o abate, tipos de couro e tipos de chifre, respectivamente.

5.1.3.1 Vaca que não cria

Maninha foi a forma observada, entre os vaqueiros, para a identificação da vaca que não dá cria, estéril:

Inxiste vaca aqui que a gente chama **maninha**, é a vaca que não cria. (Inf. 01)

Algumas assim que não pare, chamamos de **maninha**, a que não pare. (Inf.05).

Cunha (1982) registra em **maninho** “adj. ‘inculto, estéril’ XVI. Do lat. hisp. *manninus*, deriv. do ibérico *manna* ‘estéril’ “, o que corrobora o emprego encontrado na fala do vaqueiro.

5. 1. 3. 2 Vaca que dá muito leite

A vaca que dá muito leite os vaqueiros nomeiam vaca **letchera**, que os dicionários Ferreira (1995) e Houaiss (2001) registram, quanto ao gênero masculino da palavra, relativo ao gado que produz muito leite.

É a vaca **letchera**.

Foi a resposta que o informante 05 deu à pergunta “Como é chamada a vaca que dá bastante leite?”

5. 1. 3. 3 Rês que não tem chifres

Para o boi que não tem chifres, foram encontradas, nos depoimentos dos vaqueiros, as formas **mocho** e **iscornado**, cujo emprego é distinto, conforme esclarecimento abaixo, em resposta à pergunta “Como é chamado aqui o boi que não tem chifres?”

A gente conhece aqui por boi **mocho**. Agora tem o boi **mocho** de origem e tem o **iscornado**. A operação pra tirar o chifre do boi a gente chamamos **ismochá**. (Inf.01)

A gente chama a rês **mocha**. (Inf. 06)

Segundo Ferreira (1995), a forma **mocho** é característica daquele que, “devendo ter chifres, não os tem, nasceu sem eles ou estes lhe foram retirados”, o que nos apresenta também Houaiss (2001), numa das acepções “a que falta algum membro ou que sofreu mutilação (diz-se de animal)” e “desprovido de chifres, ou com os chifres aparados”.

Tais registros não consideram a diferença apontada pelos vaqueiros: **mocho** é aquele que nasce sem chifres e **iscornado** refere-se àquele que teve os chifres aparados, conforme se vê nas falas do informante 01, a anteriormente citada e as seguintes, sobre as formas de se cortar o chifre do boi:

É tirá o chifre. **Iscorná**.

(...) Tem também aquela cirurgia que a gente faz, você vai discascá o pé da ponta dele e serra e aí agora medica direitinho. É a **iscornação**.

A etimologia de **mocho** está registrada como proveniente do castelhano *mocho*, “‘sem cornos’ ‘que tem falta de algum membro’ 1813. Provavelmente de origem expressiva”, em Cunha (1982).

Observou-se, no *APFB*, carta 132, que **mocha** é comum em todas as zonas fisiográficas da Bahia com a mesma acepção constatada na fala vaqueira e, na zona de Feira de Santana, onde se encontra a cidade de Teofilândia, registra-se também o emprego de **moca** (mouca) para a mesma designação. Quanto ao *ALS*, carta 133, a ocorrência de **mocha**, empregada também para cabra, ovelha sem chifres, é apontada no Sertão Sergipano do São Francisco, em Propriá, em Nossa Senhora das Dores e no Litoral Sul Sergipano.

E **ismochá**, que é uma variação fônica de **esmochar**, é o mesmo que **mochar** e refere-se a descornar, tirar os cornos, cortar um membro do animal e está assim registrado em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), com os sinônimos desguampar, descornar, desmochar.

Com relação ao emprego de **moco**, observando o que nos diz o informante 01, equivale a **orelha torta** e **orelha fechada**, referindo-se à orelha daquele animal que nasce com a orelha caída ou que adquire esta doença.

Inxiste animal que nasce cum a orelha **torta**, orelha **fechada** ...

E, quando interrogados sobre a existência do boi sem orelhas, sobre o nome que o boi tem, quando não tem uma orelha, o informante 06 relata:

Tem, fica **moco**. Só fica **moco** depois que nasce.

Ferreira (1995) registra **mouco** como “aquele que é surdo, que não ouve ou que ouve pouco ou mal” ou ainda “o ouvido de quem é **mouco**”. O mesmo se observa em Houaiss (2001), em cuja obra está registrada a sua origem, 1665, talvez ligada a **mocho**, de orelhas cortadas, o

mesmo que surdo. Em Cunha (1982), **mouco** aparece também como surdo, de origem obscura, séc.XVI.

Quanto a **escornado**, está registrado, em Houaiss (2001), o significado “atingido ou ferido pelos cornos, marrado”, assim como **escornar** “atingir ou ferir alguém ou a si mesmo com os cornos ou chifres, marrar, chifrar”, cujo emprego não se verifica na fala dos vaqueiros.

Assim Cunha (1982) apresenta **escornado**:

corn(i)- elem. comp., do lat. *cornu –us* ‘corno, chifre, ponta, extremidade’, que se documenta em alguns compostos formados no próprio latim (como *cornígero*) e em muitos outros formados nas línguas modernas: ‘cornear vb. dar cornadas’ ‘ext. ser infiel (à pessoa a quem se está ligado por laços de amor carnal)’ 1844.

Parece tratar-se de um processo de formação por acréscimo de afixos, assim como **esmochado**, de **esmochar**, já anteriormente analisada. O prefixo IS (ES) substitui, no caso, o DES ou IN, indicativos de negação ou ausência.

5. 1. 3. 4 Rês pronta para o abate

Para os vaqueiros da região, o boi **em condição de abate**, **em posição de venda**, **toro**, **criado**, **de peso**, **maduro** e **pesado** está pronto para o corte, o abate. Percebe-se, no caso, o uso destas opções lexicais para uma mesma realidade semântica. O significado que os dicionários Ferreira (1995) e Houaiss (2001) registram para estas formas é o mesmo daquele que se observa na fala dos vaqueiros:

Ele tá um animal diferente, ele tá gordo, tá **em condição de abate**. (Inf. 01)

E quando tá **em posição de venda**, de abate e tudo, aí agora é o **toro**, é o boi como a gente cunhece, né? Já tá **criado**. (Inf. 01)

Quando o gado tá mais **maduro**. (Inf. 06)

Nessa ocasião já tá **criado**, é **criado**. (Inf. 02)

(...) Ele é **pesado**. É um boi que ele num cresce muito e pesa, é um boi **pesado**. Pa leite é bom e pa carne é bom tamém. (Inf. 05)

Este boi na balança é **pesado**. (Inf. 06)

Em contrapartida, o gado que está ruim para o abate é denominado de **coro fino**, que é empregado com o sentido de pouca carne, magro. Trata-se, no caso, de uma relação semântica de metonímia, uso da parte pelo todo, em que a forma **coro fino** é empregada em lugar de corpo fino, de pouca carne, magro.

5.1.3.4.1 Gado criado para o consumo próprio

Pertencente ao mesmo campo semântico de **criado** tem-se **criação**, que também foi documentada na fala vaqueira, cujo emprego ocorre, nos dicionários consultados, para a designação de gado de pequeno porte, miúdo, de que se cuida para a subsistência. Está presente em todas as zonas fisiográficas da Bahia, segundo o *APFB*, carta 129, com o mesmo significado. O *ALS*, carta 130, apresenta-a, com o mesmo valor semântico, comum no Sertão Sergipano do São Francisco e na zona de Propriá. Vale ressaltar que, especialmente na região de Teofilândia, a forma **criação** é empregada com o significado de qualquer animal doméstico, inclusive de grande porte como o gado, de que se trata, que se cria para o consumo próprio, para a subsistência.

Uma nuvia **pa criá**. (Inf. 02)

Aqui a região é de muntcho vaquero porque, de qualquer maneira, a gente veve é da luta, né? A gente veve da criação do animal. É uma região seca. É porque é o ganha-pão. Se a gente num tinha do que vivê, a gente cria a **criação**, que é pra pudê vivê, né? Tira o leite pra cumê, mata o bode pra cumê... (Inf.04)

Recria, que tanto Ferreira (1995) quanto Houaiss (2001) trazem como fase do animal entre a desmama e o seu aproveitamento no trabalho, tem o seu emprego, na comunidade vaqueira, para designar o tipo de gado bom para corte, o que se observou, em resposta à pergunta “Como é chamado o gado que não é bom pra leite e só serve pra dar carne?”

Trata ele ... é gado **de recria**. (Inf. 02)

5. 1. 3. 5 Tipos de couro

Para a designação dos tipos de couro do gado conhecidos na região, foram observadas as formas lexicais apontadas abaixo, as quais os vaqueiros empregam na referência ao boi e não diretamente ao couro:

- **chitado** para o boi pintado, com o couro manchado;
- **pintado** para aquele boi cheio de pintas ou manchas;
- **ritinto (retinto)** para aquele com o couro vermelho ou avermelhado;
- **chumbado** para o boi cujo couro tem pintinhas miúdas;
- **fumaço** para aquele que tem o couro parecido com fumaça, acinzentado, azulado claro;
- **raposo**, com cor de raposa, também cinza;
- **jaguanês**, cujo couro lembra a cor vermelha.

Tem-se, com relação ao emprego de **chitado** e **pintado** pelos informantes, a correspondência ao couro manchado, pintado, independentemente de quais cores sejam:

O **chitado** é aquele boizinho, ele é **pintado**. Só que ele é aquela pintazinha piquinininha, num sabe? É tipo um cachorro dalma (dálmata). (Inf. 01)

Inté o boi **pintado**, o boi jeije, o boi azul, o boi de cor de bulacha. (Inf. 01)

Ói, todo gado landês (holandês) é **chitado**. **Pintado**, no coro mesmo tem uma parte marela, outra parte preta, outra parte branca. (Inf. 04)

Chitado tem, é o boi **pintado**, cheio de manchinha de qualqué cô. (Inf. 05)

Chitado é preto, branco, vermelho, fica **pintado**. (Inf. 06)

Tem **pintado**, preto, marelo. (Inf. 06)

E com relação a **ritinto**:

O **ritinto** é aquele boi vermelho, um vermelho bem corado. (Inf. 01)

(...) **Ritinto** é o gado é vermelho. (Inf. 04)

(...) **Ritinto** é o boi mei avermeiado. (Inf. 05)

Ritinto é vermelho. (Inf. 06)

Para **chumbado**:

(...) O **chumbado** é mais ou menos igual o **chitado**. (Inf. 01)

O **chumbado** é uns pintadinho de miúdo. (Inf. 04)

O que se ouviu, de forma diferente, do informante 06:

(...) **Chumbado** é quase roxo. (Inf. 06)

E, relativamente às outras formas, tem-se:

O **Fumaço** é... tem também, a gente usa dizê (indiato)¹⁰. Ele num tem uma cô muntcho definida não, assim azulada clara, infumaçado. (Inf. 01)

Fumaço é todo cinzentado. (Inf. 04)

Tem uns **cor de raposo**... O meu gado é **raposo**. (Inf. 04)

(...) Tem o **raposo**, o boi raposo é um assim tipo uma raposa, meio marrom, quase marrom. (Inf. 05)

Com relação ao boi **jaguanês**:

Aqui pra nós é mais difícil, mas ele dá mais uma cor assim querendo sê vermelhada.(Inf. 01)

Ferreira (1995) traz **chitado** como forma típica da fala brasileira, referindo-se ao gado de pêlo branco e vermelho. Quanto a **retinto**, trata-se de cor escura e carregada, diz-se do touro cujo pêlo tem a aparência do couro dos cavalos castanhos. Para **chumbado** tem-se como uma das acepções “o boi cujo pêlo é branco, vermelho ou castanho com manchas pretas”. **Fumaço (fumaça)** é registrado como “cor do animal vacum de pelagem vermelha tirante a preto”. **Raposo** está dicionarizado como o nome que se dá ao bovino cujo couro é semelhante ao da raposa.

O que se observa em Houaiss (2001) é que **chitado** refere-se à cor do animal, boi ou cavalo, com pequenas malhas, chitas; **retinto** é usado para o touro que possui o couro negro e

¹⁰ A análise desta forma lexical ficou prejudicada por questões de deficiência durante a audição.

luzidio; **chumbado** trata-se de cor de chumbo, cinza escuro, o boi amarronzado ou avermelhado que apresenta manchas pretas; **fumaças** ou **fumaça** está registrado como espécie de bovino que tem o pêlo escuro, **fumaças** ou **fumaça** e **raposo** referem-se a bovino de cor semelhante à da raposa, sendo estas três últimas designações metafóricas.

A forma **chita**, origem de chitado, verifica-se em Ferreira (1995) e Houaiss (2001) como “tecido ordinário de algodão, estampado a cores”. Cunha (1982) traz, quanto à sua etimologia: “XVIII. Do neo-árabe *chhit*, deriv. do sânscrito *chitra* ‘matizado’”. Ainda na mesma obra, para **retinto**, tem-se “de tinto ‘tingido’ XIII *tynto* XIV. Do lat. *tinctus*, part. de *tingere*”; **chumbado** origina-se do lat. *plumbum* (chumbo) e **fumaço** (fumaça) provém do lat. *fumus*.

No *APFB*, carta 138, registra-se **chitado** como “de cor preta e branca, referente a boi”, comum nas zonas Extremo Sul e na Encosta da Chapada Diamantina. Quanto à indicação no *ALS*, observa-se sua ocorrência, na zona de Cotinguiba e Sertão do Rio Real, com o mesmo significado, conforme carta 141.

Para **raposo**, com o significado de “escuro ou escuro com branco, referente a boi meio escuro, raposado, escuro com branco”, o *ALS*, carta 141, apresenta seu emprego nas regiões do Sertão Sergipano do São Francisco e no Litoral Sul Sergipano.

Relativamente a **jeije** (*jeje*) verifica-se em Houaiss (2001): “povo que habita o Togo, Gana, Benin e regiões vizinhas, representado entre o contingente de escravos africanos trazidos para o Brasil”, o que se vê na designação da raça bovina pelo informante, que parece se referir à cor preta. Sua etimologia está nesta obra como: “prov. do ior. *ajeji* 'estrangeiro, estranho', design. que os iorubas, no Daomei, atribuíam aos povos vizinhos, os daomeanos.”

5. 1. 3. 6 Tipos de chifre

Várias foram as formas lexicais apontadas para a nomeação dos tipos de chifre, demonstrando os informantes serem capazes de identificá-los, muitas vezes, com o emprego das mesmas formas designativas das raças: **direito**, **branco**, **buzerá**, **buflo** (**búfalo**), **bananinha** e **pinhero**, cujas especificidades são esclarecidas nas declarações dos informantes 01, 02, 05 e 06, respectivamente, quando da resposta à pergunta “Quais os diferentes tipos de chifre o senhor (ou você) conhece?”

Inxiste o boi que cai o chifre pro lado esquerdo, a gente chama o boi **canhoto**.

Tem o otro que puxa pro lado direito, é o boi **direito**. Inxiste uma raça de boi que ele sai o chifre **branco**.

Tem o **buzerá**, tem um tal que eu num cunheço mas já ouvi falá, de boi **buflo**.

Tem uns mais afiado, uns menus afiado, sabe? Tem o chifre **bananinha**, que é mole, não é colado na cabeça, é mole.

A rês **buzerá** tem o chifre **pinhero**, grosso, curvado. Ixiste o girolando, que nasce sem chifre.

Ferreira (1995) e Houaiss (2001) trazem, quanto à forma **buzerá** e sua variante **guzerá**, a equivalência a **guzerate**, o que fica claro devido à semelhança fônica. Segundo os dicionários consultados, **guzerate** refere-se a uma raça de gado de origem indiana, da região de Guzerate. Quanto a **buflo** (búfalo), vê-se em Ferreira (1995) e Houaiss (2001): “espécie de grandes mamíferos ruminantes da família dos bovídeos, boi selvagem de pêlo fulvo e ralo, cauda curta, chifres achatados e acabanados”.

5.1.3.7 Raças

As raças bovinas são tema constante nas conversas de final de jornada, ao terminar o dia, quando os vaqueiros se reúnem para um dedo de prosa e dois dedos de aguardente, nas vendas das encruzilhadas. São muitas as raças identificadas pelos informantes e estão designadas pelas formas: **neloro (nelore)**, **landês (holandês)**, **buzerá (guzerá)**, **giletero (gir leiteiro)**, **tabapuã**, **girolando**, **pé-duro**, **místico (misto)** e **criolo (crioulo)**, o que demonstra ser rico e extenso o subcampo semântico referente às raças de gado conhecidas na região.

Os depoimentos dos vaqueiros dizem deste vasto conhecimento:

Vareia muntcho. Nós temos aqui o **nelore**, o **guzerá**, é aquele do chifre grande, né. Tem o **holandês**, tem o **giletero**, tem o **tabapuã** e o **pé-duro**, é chamado **criolo**. (Inf. 01)

Tem **nelore**, é de carne, **holandês** é próprio pra leite. (Inf.02)

Nelore, **holandês**, **chuíte**. É que o nelore é um gado mais brabo, ele é assustado mais que os otro. **Chuíte**, esse é boi pra leite, vaca de leite. É bom pra leite e pra

peso. Ele é pesado. É um boi que ele num cresce muito e pesa, é um boi pesado. Pa leite é bom e pa carne é bom tamém. (Inf. 05)

As raças de gado que a gente mais cunhece aqui na região é o **buzerá**, o **girolando**, o **neloro**, o **místico**, **landês**. (Inf.06)

Nelore é uma palavra de origem indiana, é o nome de uma raça zebu, conforme Ferreira (1995) e Houaiss (2001).

Raça de coloração branca ou cinza claro. Também admite-se o **nelore** com pelagem vermelha, vermelho e branco, e preto e branco. Os chifres são curtos, as orelhas também e com pontas em forma de lança. É a raça de maior contingente no Brasil, representando cerca de 70% dos animais zebuínos registrados. No Brasil foi desenvolvido o Nelore Mocho, a partir do Mocho Nacional (raça européia adaptada). A raça Nelore está presente em todo território nacional, principalmente no Centro-Oeste. No Brasil, a Nelore é essencialmente uma raça produtora de carne. Dentre as variedades trazidas da Índia, é a que vem sofrendo mais intensa seleção, tendo em vista a obtenção de novilhos para corte.¹¹

Verifica-se, com relação a **holandês**, em Ferreira (1995) e Houaiss (2001), a referência ao gado *vacum* de origem holandesa, que se distingue por sua aptidão leiteira, gado frígio.

Pouco se sabe sobre a origem da raça **holandesa**, ou *frieshollands veeslay*, ou ainda *frísia holandesa*, havendo anotações que vão até o ano 2000 a.C. Alguns afirmam que foi domesticada há 2.000 anos nas terras planas e pantanosas da Holanda setentrional e da Alemanha. Eram animais de origem grega, de acordo com ilustrações antigas, o que causa maior dúvida sobre sua formação. No Brasil, não foi estabelecida uma data de introdução da raça mas, com base em dados históricos, referentes à nossa colonização, presume-se que o gado **holandês** tenha sido trazido nos anos de 1530 a 1535. Quase todos os touros da atualidade são originários de três países: da Frísia, Groningen e Holanda.¹²

Guzerá, forma comumente substituída pela variante **buzerá** pela comunidade vaqueira da região, equivale a uma raça bovina muito desenvolvida no Brasil. **Guzerá** é relativo a

¹¹ O conteúdo aqui apresentado acerca da identificação das raças de gado, que não seja de autoria dos vaqueiros, tem sua origem em *site Google Criadores de gado, visitado em 08/12/06* e nos dicionários utilizados para consulta, que estão devidamente referenciados ao final do trabalho.

¹² *Ibidem*.

Guzerate, região do sub-continente paquistanês, Índia, de onde provém a raça, conforme Ferreira (1995).

Guzerá é uma raça de zebuínos das mais exóticas, pura, primitiva e milenar, de pelagem escura e chifres grandes e em lira. Os pioneiros na importação, criação e difusão desta raça foram os portugueses, que vieram na raça uma ótima opção para a pecuária dos trópicos. A raça **guzerá** destaca-se pela resistência e produtividade. Os maiores plantéis de Guzerá estão nos estados do Nordeste, Minas Gerais e São Paulo.¹³

Quanto a **giletero**, referente a uma raça bastante comum na região, trata-se do gado da raça **gir leiteiro**. Segundo os vaqueiros, é a rês que dá muito leite.

A raça **gir leiteira** originou-se na região de Gir, Península de Kathawar, na Índia, em 1953. A entrada das raças zebuínas no Brasil ocorreu em meados do século XVII até a década de 60 do século passado; é provável que o **gir** tenha chegado por volta de 1906. Inicialmente, foram importados animais da região do Rio Nilo, ao norte da África, em seguida da África Ocidental (Senegal, Guiné e Congo) e, finalmente, da Índia. O **gir leiteiro**, como define o próprio nome, foi adaptado para maior produção de leite, índole natural da raça. Os níveis de produção do gir leiteiro apresentados são mais do que adequados para o clima brasileiro e condições de criação, destacando-se do **gir de corte**. A persistência da lactação não é problema nestes rebanhos, com vacas produzindo leite além de 305 dias. No período da estação seca, as vacas não apresentam queda na produção de leite, desde que atendidas em termos de exigência nutricional mínima para seus níveis de produção. Os animais são extremamente dóceis, de boa índole e lida fácil, possibilitando o esquema de criação confinada. O **gir leiteiro** expressa seu potencial produtivo com menos alimento e sofre menos com a restrição alimentar, pois sua exigência, seu índice de metabolismo e de ingestão de alimentos são mais baixos em relação às raças taurinas, sendo necessária menor reposição alimentar.¹⁴

A história da raça **tabapuã** tem, por volta de 1907, o registro da chegada à região de Leopoldo Bulhões, Goiás, de vários reprodutores indianos de importação. Alguns desses animais foram parar em Planaltina, Goiás, onde já havia criadores de um gado mocho crioulo bastante corpulento, leiteiro e manso. Ali teriam surgido os primeiros zebuínos mochos da história e o **tabapuã** é um deles. O **tabapuã** vem sendo criado com sucesso em quase todos os Estados do Brasil. É a raça zebuína que mais cresceu nos anos de 1988 a 1997, mostrando que os criadores estão realmente satisfeitos com o desempenho da raça atualmente considerada como uma das melhores, para produção de carne em

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem.

menor tempo, fazendo jus ao título de "O Zebu Mais Precoce". Não é apenas o ganho de peso que entusiasma os criadores, mas as diversas qualidades dos animais, tais como a docilidade, fertilidade, precocidade reprodutiva, boa conformação frigorífica e uma excelente habilidade materna, ou seja, vacas precoces, férteis e amorosas, que criam bem os seus bezerros, os quais atingem melhores pesos na desmama dentre todas as raças zebuínas. É altamente produtivo no regime de confinamento e de semiconfinamento. O **tabapuã** tem características físicas que oferecem vantagens frigoríficas em relação a outros zebuínos. Ele tem cabeça e pescoço menores, patas curtas e carcaça cilíndrica, o que faz com que o aproveitamento de carne seja muito bom, acima de 50%. A ausência de chifres é apontada por alguns criadores como uma das maiores vantagens da raça, esquecendo-se de seu ganho de peso. As vantagens da ausência de chifres nos bovinos são muitas; em primeiro lugar, os chifres se constituem num meio de defesa do animal e, como tal, podem gerar vários inconvenientes. Também os animais descornados se acomodam em maior número nos caminhões, currais, estábulos, bebedouros e cochos, evitando-se as tradicionais chifradas que sempre terminam machucando o animal e prejudicando a qualidade do couro.¹⁵

A raça bovina **girolando** é originária da fusão da raça **gir** com a raça **holandês**, na busca da complementaridade das duas raças: rusticidade e produtividade. Adaptou-se e evoluiu rapidamente no clima tropical do Brasil. É produtor de leite pela funcionalidade e produtor de carne pela adaptabilidade. Surgiu na década de 40 e está hoje em todos os estados da Federação.¹⁶

A expressão **pé-duro** é empregada pelos vaqueiros como designativa do animal que não tem raça definida ou não tem raça, acepções também encontradas em Ferreira (1995) e Houaiss (2001): “aquilo que não é original” e, quando se refere a gado bovino ou cavalari, “aquele que não é de raça”.

Quanto à forma **místico**, observou-se a sua ocorrência em lugar de misto, de mestiço, de raça indefinida, pelos falantes da região.

O vaqueiro da região emprega, com grande frequência, a forma **criolo** com o significado de rês sem raça, de raça duvidosa ou mestiça, criada assistematicamente. **Crioulo** tem sua etimologia registrada por Ferreira (1995) como

proveniente do derivado vernáculo de *cria* (por sua vez regressivo de *criar*) com terminação *-oulo*, de origem controvertida, que tem sido ligada ao sufixo *-olo* ou alteração na fala dos negros de *criadouro* 'susceptível de criar-se bem', do latim *creaturu* part. fut. do verbo *creáre* 'criar' (**creaouro* > **creooro* > **criouro* > **crioulo*), usado para designar 'o negro nascido nas colônias'; deve ter-se

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

difundido através do espanhol *criollo* (d1595) 'espanhol nascido nas colônias'; documentado no francês *crolo* (1598), *criollo* (1643), no inglês *creole* (1737) 'indivíduo descendente de europeus nascido nas colônias do Oeste da Ásia ou nas colônias espanholas' .

Com esta mesma acepção, **crioulo** está registrada em Houaiss (2001).

5. 1. 4 Comportamento do gado

Este subcampo semântico compõe-se de formas lexicais empregadas basicamente para a designação da reação do gado em determinadas situações como parir, fugir e se alimentar.

Para significar o comportamento da vaca, quando está para dar à luz, foram levantadas as formas verbais **inquieta**, **arruma** e **aninha**, conforme respostas para a questão “como se sabe que uma vaca está para dar cria?

O informante 01 relatou, a partir do seu conhecimento:

(...) ela se **inquieta**, se **arruma**, se **aninha**.

Assim como Ferreira (1995), Houaiss (2001) registra a forma **inquietar** como “pôr-se em agitação”, verificando-se, na mesma obra, a sua etimologia: “lat. *inquieto, as, avi, atum, are* 'perturbar, agitar, atormentar, inquietar' ”.

Ferreira (1995) registra **arrumar** como “conseguir boa situação para si mesmo”, que, segundo o que se pôde perceber, por meio dos relatos dos vaqueiros, corresponde ao comportamento da vaca que, ao se preparar para dar à luz, procura um lugar afastado do rebanho e aconchegante. Em Houaiss (2001), as acepções “fazer a preparação, a organização de” e “aprontar, resolver, sair de dificuldade, avirse” referem-se a **arrumar**, cuja etimologia está, nesta mesma obra, como “de orig. contrv.; para uns *a- + rumo + -ar*; do fr. ant. *arrumer*, relacionado com o germ. *rum* 'espaço'; sofreu talvez infl. de *arrimar*; cf. fr. *arrimer* (1361-1362) 'dispor as mercadorias de maneira conveniente' ”.

Ferreira (1995) apresenta a acepção “pôr ou recolher em ninho” relativa a **aninhar**, o que Houaiss (2001) registra como “acomodar-se confortavelmente em algum lugar, abrigar-se, acolher-se”.

Assim como a forma **arruma**, **inquieta** e **aninha** também são empregadas pelos vaqueiros com as mesmas acepções verificadas nos dicionários.

Com relação à designação do boi que tem um comportamento distinto dos demais do rebanho e não responde aos comandos do vaqueiro, muitas vezes se afastando da boiada, documentou-se **veiacó**, que é típica da fala vaqueira da região e significa boi bravo, que foge da boiada, boi ladrão, desobediente, o que corresponde ao emprego apontado nas obras consultadas. O informante 01 resume, com uma forma sinônima, para eles, o que seria um boi **veiacó**:

A gente já chama ele o boi **fugitivo**, o boi **veiacó**. (Inf. 01)

Em Ferreira (1995) bem como em Houaiss (2001) e Queiroz (1988), **velhaco** “diz-se do animal que não se deixa prender ou conduzir com facilidade”, é um regionalismo do Nordeste do Brasil e tem sua etimologia registrada em Cunha (1982) como “aquele que ludibria propositadamente, ou por má índole’ XIV. Do cast. *bellaco*, de origem incerta”.

Segundo o *APFB*, carta 105, a forma **veiacó** (velhaco), com o significado de avarento, diferente, portanto, do significado que se vê na comunidade pesquisada, tem seu emprego registrado com uma ocorrência apenas, na zona do Litoral Norte da Bahia.

Foi comum o uso da forma **rimuêno** (remoendo) para indicar o comportamento do gado quando está comendo:

É, ele come até inchê a barriga, depois vão se deita e, aí fica **remuêno** a cumida. Ele **remói** aquela cumida todinha, pariceno que tá passano num muinho. (Inf. 03)

Ferreira (1995) traz, dentre as acepções apresentadas para **remoer**, com o mesmo sentido com que é empregada na fala vaqueira: “tornar a mastigar a forragem, ruminar”. Registra-se, com esse mesmo sentido, em Houaiss (2001). Etimologicamente, Cunha (1982) apresenta “**remoer** XVI / remoinhar XVI . De remoinho / *rremuno* XIV, *rremuño* XIV”.

5. 1. 5 Doenças do gado

Ao serem interpelados sobre as doenças mais comuns, que acometem os bezerros, na região, quando ainda está novinho, foram estas as respostas dos vaqueiros:

Tem, tem ... tem uma duença que chama **caruara**. Bizerro novo, se pegá na junta com ele novo, dá **caruara**. (Inf. 02)

Um dos mais pirigo aqui, na nossa região é **quarto inchado, manquera**. (Inf. 03)

Tem o boi **caruara**. Ele nasce com algum defeito físico. (Inf. 05)

Quarto fofo, a **febre**, a **caruara**, que intorta a perna, aleja a perna. Pega uma fita de **caruá** verde, chega marra na perna do bizerro (...) e soltava. E depois, o caruá ia secano e a duença ia secano. O caruá tem na mata. (Inf. 06)

Como se pôde observar, as formas **caruara**, **quarto fofo** e **quarto inchado** parecem ser empregadas pela comunidade vaqueira com o mesmo significado. Constatou-se serem as variantes assinaladas acima referentes à doença que acomete o bezerro, quando ainda novinho, nas juntas. Apesar de um dos informantes, o de número 05, ter se referido aos exemplos como designativos de um problema de nascença, a pouca idade deste informante e, conseqüentemente, a demonstração de ser o que detém menos experiência na profissão, levamos a concluir pela primeira hipótese. Verifica-se, também, que **caruara** e **caruá**, pela semelhança fônica, empregam-se uma pela outra: a doença, na realidade, é denominada pelo nome da planta que a cura, numa transferência de significado.

Vê-se **caroá**, em Ferreira (1995), como uma “planta acaule, de fibras têxteis ou usadas para cordas”.

Houaiss (2001) registra **caruara** como um regionalismo brasileiro, com o significado de “impotência dos membros inferiores e bezerro enfezado, raquítico”, o que corresponde ao emprego desta forma na comunidade inquirida e **caroá** como “uma espécie de planta da família dos angiospermas (*Neoglaziovia variegata*). O que se vê, quanto à etimologia de **caruara**, refere-se a “do tupi **karu'ara* 'espécie de corrimento que afeta as articulações e provoca dores reumáticas; mau-olhado, quebranto' ”, de acordo com Cunha (1982).

Tem-se em Queiroz (1988), a referência a tal doença como “**má dos quarto**”, conforme se vê no trecho:

_ Papai, o bizerro tá duente, triste, num olhô po peito da vaca.
 _ Cê é doido?! É o **má dos quarto!** Eu num vacinei...
 Aí agora... mas no ortos dia, ‘inda ‘manheceu do mermo jeito, se deitava, se iscornava.
 (Cicílio Sabino dos Santos, vaqueiro Cicílio – 78 anos, Oiteiro, Tucano)

E em glossário da mesma obra: “doença que dá na anca do animal”.

Para a designação da doença que dá no chifre do animal, o que se observou, na região, foi o uso de **bizoro**, **broca**, **cabrunco** e **mal-da-ponta** para o mesmo significado:

Aqui no nosso sertão, inxiste uma duença que é cunhido como **bizoro**. Dentro da ponta do animal, inxiste uma parte que aqui é cunhido como subuco. (Inf. 01)

Inxiste. É **broca**. Tem deles que dá um bicho no chifre. (Inf. 02)

Quando dá pobrema no chifre, chama **bizoro**. (Inf. 04)

É o **cabrunco**, que bate na ponta e ela cai ó! Se morreu de **mal-da-ponta**, bate no chifre e ele cai. Um mal que dá no cebro (cérebro) dele. (Inf. 06)

Bizoro é empregada devido ao fato de ser um inseto, não necessariamente um besouro, o causador das feridas que provocam a queda do chifre do gado, segundo o que se pôde verificar nos relatos dos vaqueiros. Acredita-se ser a mosca varejeira, da qual se trata mais adiante, o inseto causador da doença no chifre do gado. A doença do chifre, seja ela nomeada **cabrunco**, **broca**, **mal-da-ponta** ou **bizoro**, é bastante temida pelos vaqueiros porque eles não detêm o controle da sua profilaxia.

Em Ferreira (1995) bem como em Queiroz (1988), **broca** está registrada com o significado de “moléstia que dá na parte interior dos chifres dos bovinos”. Vê-se sua etimologia em Houaiss (2001): “do francês. *boucle*, 1100, 'parte central do escudo', do lat. *buccula*, *ae* 'boca pequena, convexidade de um escudo, escudo', diminutivo. de *bucca*, *ae* 'boca'; f.hist. sXIV *broca*, sXV *brooca*”. Em Cunha (1982), **broca** está etimologicamente registrada como “‘Instrumento que, com movimentos circulares, abre orifícios circulares’ 1813. Do cat. *broca*, provavelmente de origem céltica”.

Quanto a **cabrunco**, Houaiss (2001) registra-a como regionalismo da Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais: “exprime espanto por coisa boa ou bela, ou asco por coisa muito feia ou desagradável” e sua etimologia como proveniente de *carbúnculo*: doença infecciosa.

Acredita-se, pelo que se pôde constatar na fala dos vaqueiros, que o emprego de **cabrunco** esteja associado ao aspecto que a doença no chifre do animal adquire. A doença do chifre é uma das doenças mais temidas pelo criador ou por aquele que lida com o gado porque, segundo o que informaram, não existe prevenção ou vacina para ela.

Outra doença comum na região é designada com a forma lexical **gambarra** (gabarro), que, conforme se pôde perceber, é uma deturpação no casco do animal, conseqüência da febre aftosa, a qual já se diz erradicada na região, graças às campanhas de vacinação, mas ainda é temida pelos vaqueiros, conforme relata o informante 02:

A **febre aftosa** tem. Num tá inxistino agora cum esse negócio de vaciná duas veiz por ano. Na aftosa, dá a **gambarra**, é uma carne que dá no casco.

A forma **gambarra** foi encontrada em Ferreira (1995) com a acepção de “grande embarcação de dois mastros empregada para a condução do gado”, como sendo um regionalismo brasileiro, do Amazonas, assim especificada também em Houaiss (2001). A forma lexical **gabarro** está registrada nessas obras com o significado de “úlceras ou calo infectado que se manifesta entre os cascos dos animais, em resultado da febre aftosa”, relativo ao mesmo emprego verificado na comunidade vaqueira.

Além dessas formas lexicais, outras foram observadas para a designação de doenças, também comuns na região, como **butulismo (botulismo)**, **pistiação**, **pelage (pelagem)** e **bichera**.

O informante 04 cita, em sua curta fala, três formas como nomeiam doenças que constituem preocupação constante dos vaqueiros:

As vêiz num dá **butulismo**, num dá a **pistiação** que a **pistiação** é o carrapato, que aqui é chegado. Muntos tempos atrás, dava **aftosa**.

O **botulismo**, segundo Houaiss (2001), “é uma intoxicação pela exotoxina de *Clostridium botulinum* e *Clostridium parobotulinum*, bacilos que se desenvolvem na comida enlatada mal esterilizada, assim como em carnes, conservas e embutidos culinários; alantíase” e sua etimologia é apresentada como do “fr. *botulisme* (1922) 'id.', do lat. *botulus*, *i* 'chouriço,

morcela, salsicha' ”, significado este que, no vocabulário dos vaqueiros, parece não estar presente. Não se constatou, nos relatos dos vaqueiros, como se dá a contaminação em bovídeos mas as formas de manifestação da doença coincidem com aquelas percebidas nos humanos: comprometimento severo do sistema nervoso, que, se não tratado a tempo, pode matar.

Pistiação refere-se a **pestiação**. A única forma registrada em Ferreira (1995) e Houaiss (2001) é **pestiado**, “que se encontra atacado de peste”, o que se verifica no seu emprego pelos vaqueiros, conforme esclarece o informante 04, anteriormente citado.

A forma **pistiação**, na realidade, designa a aparência do animal em consequência do ataque de carrapatos, é empregada pelos vaqueiros para referir-se ao resultado da doença:

A rês fica com o pêlo todo ralo e cheio de firidas. (Inf.05)

Observou-se, a partir dos depoimentos recolhidos, que as formas **pelage** e **pistiação** referem-se à mesma fase da doença, que parece ser o estágio final, a aparência do corpo pelado, pela mesma causa: o ataque excessivo de carrapatos no couro do gado:

Pur aqui o que acontece mesmo é a **pelage**, pegá uma **pelage** no boi holandês, (...) que dá no pêlo, vai caino o pêlo e vai ficano só no coro, faiz umas firida. Vai quemá com **lepecide**. (Inf. 05)

O que se obteve, tanto em Ferreira (1995) quanto em Houaiss (2001), com relação a **pelagem**, “o mesmo que o pêlo do animal mamífero, pelame”, não corresponde ao significado atribuído pelos vaqueiros: a doença que faz cair o pêlo. E sua etimologia, “pêlo + *-agem*; f.hist. 1899 *pelage*”, em Houaiss (2001), sugere a forma empregada mas não faz referência ao mesmo significado. O fato é que *pelage* (*pelagem*) é empregada, na fala vaqueira, por analogia a **pelado**, sem pêlos.

Conforme se observa na fala do informante 05, anteriormente citada, **lepecide** (**Lepecid**) é o medicamento para a cura da **pelagem** ou **pestiação**, administrado por eles mesmos e facilmente encontrado nas casas especializadas, “é um medicamento de uso veterinário que

apresenta atividade fungicida bastante ativa frente ao *M. gypseum*, revelando ser excelente alternativa para o tratamento tópico de lesões causadas por dermatófitos em bovinos”.¹⁷

E ainda sobre ser o medicamento **Lepecid** utilizado para a cura de muitas doenças do gado, o informante 05 completa:

Quemá com lepecide, porque senão vai pega aqueles bicho.

O emprego de **bichera** (bicheira), apontado na fala dos informantes 01 e 05, não se refere a uma doença propriamente dita e sim a um estágio de uma doença, cuja ferida no corpo do animal é um sintoma de que o problema não foi sanado a tempo:

Bichera é quarqué lugá firido que a mosca põe... gera aqueles bichinho...

Bichera. Ele se fere em alguma coisa, aí fica assentano as mosca, chamada **varijera**, aí põe os ovos e pega bicho, aí fica os bichinho cumeno a carne.

Ambas as formas apontadas, **varijera** e **bichera**, são relativas à mesma doença, e referem-se, respectivamente, ao agente causador e a uma etapa da doença: a **varejeira** é a mosca que pousa sobre a ferida e a **bicheira** refere-se à presença de bichos, vermes, no local, em razão disso. O que se observa é um caso de metonímia em que a consequência é tomada pela causa.

Ferreira (1995) refere-se a **bicheira** como “ferida nos animais, cheia de bichos, de vermes” e Houaiss (2001) apresenta a forma como “infestação em organismo por larvas de moscas, também chamadas de **bicho de vareja**”. A etimologia de **bicheira** e **varejeira**, conforme Cunha (1982), esclarece esta diferença: “**bicheira**, de bicho, sf. ‘ferida dos animais, cheia de bichos, vermes.’ **Varejeira**, de vareja (tipo de ovos que eclodem com rapidez), sf. Espécie de mosca XVII’ ” e Queiroz (1988) registra: **varijera (varejeira)** como “designação comum às espécies de moscas que fazem postura na carne, cujas larvas são chamadas de bicho-vareja.”

Para o tratamento das doenças em questão, os vaqueiros fazem uso da medicina caseira, bastante praticada na região e, às vezes, a única opção com que contam. A medicina natural, que é tradição entre as famílias de vaqueiros, é frequentemente associada à medicação farmacêutica.

¹⁷ Segundo pesquisa realizada em *site Google* especializado, Sistema Nou Rau: biblioteca digital UNESP, em 02/10/06.

Quando inquiridos sobre o processo de utilização das plantas da região para a cura de várias moléstias do gado, foi comum o emprego das formas abaixo destacadas:

Temo vários produto. Tem o criadô que num tem condição de medicá com medicamento veterinario, aí eles usa a **babosa**. Tem o sal mineral também que ajuda a combatê. (Inf. 01)

A **babosa** é uma forma substantivada do adjetivo **baboso**, refere-se a uma planta bastante conhecida no Brasil pela alo e homeopatia, de grande poder curativo, segundo Ferreira (1995) e Houaiss (2001).

Aqui nós tem também uma dessas folha que a gente usa no parto do animal. É, tem a **quina-quina**, (...) nós usa a **maravilha**. Isso aqui é remédio natural que a gente faz. (Inf. 04)

Quina-quina e **maravilha** referem-se, ambas, a plantas típicas da região do sertão, bastante comuns e resistentes à situação de seca, muito utilizadas para a cura de diversas doenças do gado.

Quina-quina está registrada em Ferreira (1995) como originária de **quina**, que é uma planta da espécie rubiácea e conhecida por suas propriedades antitérmicas, o que Houaiss (2001) apresenta como “árvore (*Ladenbergia undata*) da família das rubiáceas, nativa da Venezuela, com casca, usada como sucedânea da quina, folhas ovadas ou elípticas, coriáceas, e flores brancas, em panículas corimbosas”. No Ceará, conhecida como **guamixinga** (*Galipea multiflora*) ou quina vermelha (*Ladenbergia hexandra*). Verificou-se, ainda,

Quina sf. ‘arvoreta do Gênero *Chichona*, da família das *rubiáceas*, originária do Peru e notável por suas propriedades antitérmicas’ 1844. Do cast. *quina*, de *quina quina*, derivado, provavelmente, do quíchua *kinakina* (casca casca). De origem controvertida, Corominas, contudo, afirma ser duvidoso tratar-se de uma origem do vocábulo *quíchua* e propõe uma derivação do espanhol *quina* (1737), medicamento de origem vegetal conhecido desde 1638, talvez de *quina*, XIV ‘gálbano’, sendo este *quinaquina* uma espécie de plural indígena.” (CUNHA, 1982).

O que também diz Queiroz (1988).

O emprego da forma **maravilha** entre os vaqueiros e demais habitantes do sertão se dá devido ao conhecimento que têm do nome popular da planta.

Encontra-se **maravilha** em Ferreira (1995) e Houaiss (2001), com referência ao mesmo contexto lingüístico:

erva (*Mirabilis jalapa*) da fam. das nictagináceas, nativa do México, de folhas ovadas, comestíveis, flores hipocrateriformes, abundantes, brancas, roxas ou de um tom forte de magenta, que se abrem ao anoitecer, e cariopses pretas; é muito cultivada como ornamental, por suas raízes tuberosas, e também pela tintura das flores e pelo pó das sementes [sin.: batata-de-purga, bela-da-noite, bela-morte, bela-noite, belas-noites, boa-noite, boas-noites, bonina, erva-triste, flor-de-merenda, jalapa, jalapa-bastarda, jalapa-comprida, jalapa-do-mato, jalapa-falsa, jalapa-verdadeira, maravilha-branca, maravilha-de-forquilha, maravilhas, maravilha-vermelha, purga-de-nabiça, rosa-bilanca]. A raiz dessa planta é usada como purgativo e sucedâneo da raiz da jalapa-verdadeira (*Ipomoea purga*); batata-de-purga, jalapa-falsa, o mesmo que *madressilva-do-japão* (*Lonicera japonica*).

É com **besocriol**

Esta foi a resposta que o informante 04 deu à questão da opção de cura das doenças citadas, por meio da medicação veterinária ou comprada pronta, nas casas especializadas.

Besocriol corresponde ao nome de um remédio vendido em farmácias veterinárias e bastante comercializado na região.

O *Organnact Prata* possui em sua formulação os mais eficientes componentes, cujo princípio ativo tem a função de curar as miíases dos animais. O *Fenitrothion* geralmente expulsa a larva da ferida deixando o local livre para cicatrização. A Clorexidina é o mais eficaz antibacteriano e anti-séptico da atualidade. Tem a função de cicatrizar a ferida em tempo recorde e impedir a reprodução de bactérias. O Alumínio é o veículo protetor que garante a ação do produto e, conseqüentemente a recuperação do animal.¹⁸

Outras opções de medicamentos ou procedimentos aplicados pelos vaqueiros, para a cura das doenças citadas, foram:

Bota **criulina**. Tem o **cura bichêra**. (Inf. 02)

Criolina, cal, bota cal no currá, ela gosta munto da friage. (...). (Inf. 06)

¹⁸ De acordo com *site Google Sistema Nou Rau* – biblioteca digital UNESP – medicação de bovinos, em 16/10/06.

Conforme registram Ferreira (1995) e Houaiss (2001), **creolina** refere-se ao nome comercial de certo desinfetante líquido, à base de sabão de resina e creosoto, com propriedades germicidas, antissépticas e desodorantes.

A forma **cal** está presente nos dicionários citados acima como uma substância branca resultante de calcinação de pedras calcárias, usada em argamassas, devido às suas propriedades aglomerantes.

5. 1. 6 Alimentação do gado

Cocho e **cochera** são formas empregadas pelos vaqueiros da região para a definição do lugar onde se põe tanto a água quanto a comida para o gado, em época de estiagem, sendo que, para a água, é costume se usarem **tanque** e **presa** (represa), para a distinção de lugares construídos na terra, cuja função de reservatório está condicionada à presença da chuva:

A água aqui a gente usa nas **presa** mesmo, **tanques**, né? A gente faiz aqueles **tanque** com máquina, com braço de home. Quando é época de estiagem, a gente põe nos **cocho**. (Inf. 01)

A etimologia de **cocho**, que está em Cunha (1982) como “‘tipo de vasilha para uso do gado’ XVI, de origem controvertida”, corresponde ao que se vê no vocabulário dos vaqueiros, quando se referem a um compartimento, comprido e fundo, de forma cilíndrica, normalmente feito de madeira, para o acondicionamento da comida, um preparado ou ração e até mesmo sal, em época de seca.

Verifica-se esta forma em Ferreira (1995) e também em Houaiss (2001), com a acepção referida pelos vaqueiros:

de origem controvertida, do francês histórico 1364 coucho; f.hist. sXVI cocho, bebedouro ou comedouro para o gado, de material vário e formato semelhante ao tronco escavado e, como regionalismo, no interior do Brasil, tronco de árvore escavado ao longo, e que serve de comedouro ou bebedouro ou para colocar sal para o gado.

Quanto a **cocheira**, a acepção com que se emprega na fala vaqueira é a mesma que se verifica para **cocho**:

É, aqui a gente chama de **cochera**, a gente pega a comida e coloca nos **cocho** como tá ali, ó. Aí divide pra cada um cocho, duas, três. E a gente tem que ficá olhano. (Inf. 03)

Tanque está registrada nos dicionários consultados como açude, quando se refere a “um depósito natural de água, sujeito às condições climáticas”, que é exatamente o significado atribuído a tal forma pelos vaqueiros da região.

Relativamente à alimentação mais comum oferecida ao gado, porque é a que se pratica em época de seca e esta ocorre a maior parte do ano, empregam-se as formas **palmatória** ou **palma**, **mandacaru** e **maniva**, conforme relatos abaixo:

Nós criamos aqui é em pastagem, num sabe? Agora vem as estiagem, essa aí é que é o pirigo pra gente, que quando chega esta época de seca aqui na região, a gente tem que procurar outros recursos: é a **palma**, o **mandacaru**, palha de feijão, palha de milho, o sinsal. (Inf. 01)

A gente dá a **palma**. Aqui mesmo é a **palma**. A gente corta, corta, carrega e bota nos cocho. Tem gente que mói até a **maniva** moída pra botá pra ração. Quando o tempo tá bão, o gado come capim do pasto. (inf. 02)

Na catinga, a gente queima a **palmatória** pro gado cumê. (...) Quando é uns tempo desse, a gente faz o fogo pro gado cumê. As veiz tira o **mandacaru**. (Inf. 04)

Com relação a **palma** e **palmatória**, dentro do contexto em que são empregadas pelos vaqueiros, referem-se ao mesmo conceito: espécie de planta muito comum na região do sertão, não apenas o baiano mas em quase todo o sertão brasileiro, muito utilizada para a alimentação do gado, na época da estiagem, porque guarda água em seu interior e é bastante fibrosa.

Houaiss (2001) traz as seguintes acepções, que se referem ao emprego documentado entre os vaqueiros da forma **palmatória**:

planta aculeada (*Opuntia monacantha*) da família das cactáceas, de artúculos carnosos, flores amarelo-esverdeadas, com a parte inferior vermelha, ou róseas, e bagas vermelhas, aculeadas e comestíveis, nativa da Argentina e Brasil (BA ao

RS), e também cultivada por propriedades sedativas; arubeba, arumbeba, arumbeva, palmatória-de-espinho, palmilha-de-papa, raqueta, urumbeba, urumbeva. Quanto à sua etimologia, provém do latim tardio *palmatoria ferula* 'varinha de palmeira'; aos poucos houve a redução para *palmatória*. Em todo o interior do Brasil, pode ser reconhecida como férula, maria-vitória, menina-de-cinco-olhos, palma, pavana, santa-luzia, santa-vitória.

O mesmo se verifica em Ferreira (1995), apenas com ausência de referência aos sinônimos. Cunha (1982) traz esta forma dentro do verbete “palma sf. ‘parte interior da mão’ XVI. ‘folha de palmeira’ ‘triunfo, vitória’ XVI. Do latim *palma-ae*. Palmatoria XVI. Do lat. *palmatoria*”.

Mandacaru e **maniva** são de grande incidência na fala do vaqueiro do sertão, por se referirem a plantas bastante familiares ao criador de gado da região, estando relacionadas em Ferreira (1995) e Houaiss (2001) com a mesma acepção com que são empregadas pelos vaqueiros.

Mandacaru, Cunha (1982) registra como “planta da família das cactáceas, monducuru 1587, mandacaru 1702, do tupi *iamanaka’ru*.” O **mandacaru** é um símbolo do sertão nordestino e sua história está associada à sobrevivência do animal e até mesmo do homem sertanejo. Hoje, observa-se um aumento do incentivo ao seu plantio, porque suas propriedades, além de serem cada vez mais exploradas como recurso para a alimentação nas regiões áridas do país, também se prestam à produção de medicamentos.

Os vaqueiros afirmam que a diferença entre a **palma** ou **palmatória** e o **mandacaru** está, principalmente, na forma externa e na textura. A **palma** é mais lisa, de forma fina e espalmada, de espinhos menores e espalhados, em menor quantidade; o **mandacaru** é mais áspero, de formato comprido e irregular, com espinhos maiores e em maior quantidade. Quanto à parte interna, a **palma** ou **palmatória** é de consistência mais rígida e mais fibrosa.

A palma-forrageira, cuja primeira introdução no Nordeste brasileiro ocorreu, provavelmente, no início do Século XX, só foi disseminada, por ordem do Governo, após a seca de 1932. Passou a ser reconhecida como um dos principais recursos para a subsistência da pecuária no semi-árido, nas zonas de pouca chuva e sem fontes de água disponíveis, uma vez que se desenvolve em condições ecológicas desfavoráveis para outras espécies forrageiras. Tal decisão veio ao encontro de dois aspectos da economia agropecuária: o primeiro relacionado com seu valor alimentar para rebanhos suínos, caprinos, ovinos e bovinos; e o segundo, opção para própria subsistência dos habitantes da região

ou para renda alternativa, por permitir, nos primeiros dois anos, a implantação de consórcios com outras culturas.¹⁹

Os vaqueiros consideram a **palma** ou **palmatória** e o **mandacaru**, por serem de tão fácil cultivo na região e sobreviverem à agrura do clima, plantas “mandadas por Deus”.

Maniva está documentada por Ferreira (1995) e Houaiss (2001) como regionalismo do Norte e do Nordeste do Brasil: **mandioca** (*Manihot esculenta*, 'raiz') e, especificamente, no Pará, como **mandinga** (*Rhynchospora hirsuta*). Os mesmos autores registram a sua etimologia como “do tupi *mandi'ïwa* 'maniva, manáiba, planta, talo ou folha da mandioca', às vezes, redução ao tupi *ma'ndi*; no vocábulo nheengatu *maniyua* 'pé de mandioca' (de *mani* 'fécula, tipo de resina' + *yua* 'planta, pé'); do port. *Mandiocae -iba*.”

Em Cunha (1982), **maniva** está registrada como se referindo a uma variação de mandioca, “planta da fam. das *euforbiáceas* (*Manihot utilíssima*), ‘raiz tuberosa, comestível, que fornece amido, tapioca e farinha, e com a qual se preparam inúmeras iguarias’ 1549, 1557, *mani'oka*”.

No *APFB*, carta 29, encontra-se **maniva** referindo-se ao “caule da mandioca” e está presente em todas as zonas fisiográficas do estado da Bahia, exceto no Sertão de São Francisco e na Zona de Senhor do Bonfim. No *ALS*, carta 30, pode-se notar o emprego da forma **maniva**, com a mesma acepção, no Sertão Sergipano do São Francisco e na zona de Propriá.

Quando a seca dá uma trégua, o gado pode comer solto pelo pasto, que é, quase sempre formado de grande variedade de capim. Correspondentemente, há grande variedade de formas lexicais para a designação de tipos de capim conhecidos na região, sendo que os mais comuns, nas respostas dos informantes, foram **orocô**, **pangola** ou **pangolão**, **capim-de-semente**, **capim-de-corte**, **buflo** (*buffel*), **gripiano**, **sempre-verde**, **braquiara** e **africano**. Algumas formas foram encontradas apenas no vocabulário dos vaqueiros.

Com relação a **pangola** e **buffel**, tem-se,

com o nome científico de *Digitaria decumbens*, comumente chamado **capim pangola** ou **pangola**, espécie nativa do sul do continente africano, cuja área de invasão é a savana estépica, da caatinga do sertão árido e campos de Roraima.

¹⁹ De acordo com pesquisa no *site Google* Registro de Plantas Hospedeiras (Cactaceae) e de Nova Forma de Disseminação de *Diaspis echinocacti* (*Bouché*) (*Hemiptera: Diaspididae*), Cochonilha-da-Palma-Forageira, nos estados de Pernambuco e Alagoas, em 17/10/06.

Habita principalmente a região agreste, transição entre o litoral e o semi-árido e constitui pasto comum nestas regiões do Brasil. O capim *buffel*, também chamado **capim africano buffel** ou *buffel*, é gramínea forrageira que apresenta grande adaptação às condições climáticas adversas do semi-árido nordestino, com grande capacidade de rebrota e excelente palatabilidade.²⁰

O que os vaqueiros denominam **capim-de-semente** corresponde aos tipos de **capim branco**, **capim colônião** e **capim-arroz**, que são cultivados por meio de sementes.

Segundo o *ALS*, carta 142, a forma **sempre-verde**, designativa de uma espécie de capim, é comum em todas as zonas fisiográficas do estado de Sergipe e o local onde é plantado denomina-se **capineira**.

O **capim-sempre-verde**, também chamado **capim-de-corte**, cujo nome científico é *panicum maximum*, é uma planta perene, robusta, entouceirada, de folhas longas finas e estreitas, é nativa da África, Congo, Tanzânia, Guiné, Quênia, Zimbábwe, e Índia. No Brasil, as primeiras introduções foram feitas no tempo da escravidão. Através dos anos, muitas variedades e cultivares têm sido introduzidos. Hoje plantas dessa espécie são encontradas em quase todo o território nacional, exceto nas regiões frias. Assim como existem preferências por este tipo de capim como forrageiro, ele tem importância como infestante. Ocorre, no Brasil, desde a zona de floresta tropical seca à zona de floresta úmida.²¹

Ao **sinsal** (sisal) também se recorre como opção de alimentação do gado, na época da estiagem. A planta é geralmente o único recurso explorável, durante todo o ano. **Sisal** é uma forma bastante comum na fala do morador do sertão nordestino: além de fazer parte do cenário em que vive, é um produto da economia local.

Na região do inquérito – o município de Teofilândia – o sisal é, na maioria das vezes, o único meio de sobrevivência e a extração e beneficiamento do produto, que sustenta a economia local, juntamente com a atividade da pecuária, são exercidos por comunidades de famílias, em locais apropriados espalhados pela zona urbana ou nas propriedades rurais.

O **sisal** é matéria-prima para muitos artefatos: chapéus, bolsas, cordas para o manejo com o gado, tapetes etc., o que, aliás, resulta da maior parte da sua produção, que absorve grande mão-de-obra na região. Segundo os vaqueiros, o **sisal** é uma planta composta basicamente de

²⁰ Com base em consulta ao *site* da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, EMBRAPA, sobre forrageiros na alimentação do gado, em 17/10/06,

²¹ Conforme consulta em *site Google* do Instituto Horus, em 22/10/06.

fibras e enriquece a mistura chamada **nuclo**, (núcleo), com a qual se alimenta o gado confinado, composta de palha de milho, palha de feijão e palma.

Encontra-se, em Houaiss (2001), **sisal** como

designação comum a algumas plantas do gênero *Agave*, da família das agaváceas, fornecedoras de fibra; planta (*Agave sisalana*) de folhas espatuladas, geralmente sem espinhos nas margens, mas com um espinho forte no ápice; agave, piteira-de-sisal cultivada em vários países, fornece fibra áspera e resistente, de excelente qualidade. Originária do México, é a principal espécie produtora das fibras exportadas pelo porto de Sisal, nome pelo qual é conhecida no comércio. A fibra rígida extraída das folhas destas plantas, cuja cor varia do branco ao amarelo-claro e com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes etc., também é usada no preparo de pasta celulósica; Henequém.

A forma **nuclo** (núcleo) é empregada para a identificação da mistura ou ração que se prepara para o gado que não vai ao pasto por causa da estiagem ou devido à necessidade de ser criado isolado. É o alimento mais importante para o sustento do gado, na época da seca, conforme nos relata o informante 03:

Eu boto a soja, o bagaço da soja, eu boto é... esse **nuclo** (...), uma ração própria, que é pra fortalecê o animal.

5. 2 O VAQUEIRO

5.2.1 A vestimenta

O vaqueiro dedica à sua indumentária extremo zelo e dá a ela grande valor, considerando-a uma bandeira, um troféu, uma representação do seu tipo profissional. É muito comum ouvir que o vaqueiro está usando **pernera**, **gibão**, **jaleco** ou **jaleque** e **guarda-peitcho**, formas bastante comuns à sua fala, porque se referem às peças componentes da sua roupa, que, além de serem de uso cotidiano, para o trabalho, também se destacam nas ocasiões festivas. Compõem o conjunto das peças de couro o par de **luvas** e o **chapéu de coro**. Esta vestimenta,

por ser de couro, protege o vaqueiro, quando das suas incursões pela caatinga, região de vegetação muito espinhosa.

Hoje, é comum ouvir do vaqueiro, conforme nos contam os informantes 02 e 03, a demonstração de pesar pela quebra da tradição do uso da roupa de couro, o que se verifica principalmente entre os mais novos, chegando a ser até um alerta pela sobrevivência da profissão.

Uniforme de coró, usava quando tinha caatinga. Muntos usa somente é **jaleque**, pra entrá na catinga pra lutá com o gado. Tem o **palitó** e tem a **pernera**. Põe a luva. O pé já é calçado na parte da **pernera**.

Daqui a uns ano, a **catíngia** mesmo tá acabano, só tem mesmo **pastaria**. Daqui a uns cinco, deiz ano, esses minino novo que tá vino aí, eles num vão sabê nem o quê que é um **gibão**, uma **pernera**... Só aquela que o pai dexá pindurado num tronco...

Em Ferreira (1995) bem como em Houaiss (2001), **perneira** está registrada como de uso no Nordeste do Brasil e é uma calça de couro bem ajustada ao corpo ou conjunto de tiras de couro ou de pano grosso destinadas à proteção das pernas, comuns entre os vaqueiros da região sertaneja. Para Queiroz (1988), **perneira** é a calça de couro que faz parte da vestimenta do vaqueiro. Sua etimologia está registrada em **perna** e data de 1813, conforme Cunha (1982).

Com relação a **jaleco**, tem-se o mesmo que **jaleca**, um casaco curto, geralmente de couro, usado pelos vaqueiros, segundo Ferreira (1995) e Houaiss (2001), que trazem também a sua **etimologia**: a forma vem do espanhol *jaleco* (1605),

jaleco, jaqueta turca cujas mangas chegavam só aos cotovelos, < tur. *yelék*, pelo ár. argelino *djalíka* 'casaco de cativo'; segundo Corominas, *chaleco*. 'Um gibão de pano, de mangas curtas, até o cotovelo, que os turcos argelinos usavam, debaixo do cafetã'; trata-se de um dos vários nomes de trajes transmitidos ao espanhol e ao itálico pela língua franca dos portos africanos; francês hist. 1725 *jalecu*, 1725 *galleco*, 1727 *jaleco*.

Queiroz (1988) assim nos apresenta a forma **jaleque**, variação de *jaleco*: “casaco curto de couro que faz parte da vestimenta do vaqueiro”, com o exemplo proveniente de região bem próxima à de pesquisa:

Aí quando foi depois, eu chamei três colega que me priviniru, num sabe? Então pus uma oração dentro da algibera do **jaleque**, diz que valia muito, né?
(Francisco José dos Santos, vaqueiro Zé do Leite, 61 anos, fazenda Cabo verde, Cícero Dantas, Bahia)

Quando o vaqueiro está usando o traje completo ou pelo menos aquelas peças que considera mais importantes para o trabalho do dia-a-dia, diz-se que ele está **incorado** (encourado):

Chapéu de coró, pernera e gibão. Fala que ele tá **incorado**. (Inf. 05)

Acerca da forma **encorado**, os dicionários consultados registram o mesmo sentido empregado pelos vaqueiros: “quando está totalmente vestido com todas as peças do conjunto de sua vestimenta. Aquele que se veste com o traje de couro, conforme o uso dos vaqueiros do sertão”, o que se percebe claramente em:

A calça de coró que chama **pernera**, tipo um palitó que é o **gibão**, vem uma proteção que ele tem no petcho que chama **guarda-petcho**. Tem tipo um colete que chama **jaleque**. Tem as **luva** dele, (...) e tem o **chapéu de coró**. No pé ele usa sempre a **bota** de vaquero. (Inf. 01)

No verbete **peitoral**, Ferreira (1995) registra: “pedaço de couro curtido com que os vaqueiros resguardam o peito e que se prende por meio de correias ao pescoço e à cintura”, com o sinônimo **guarda-peito**. Em Houaiss (2001), com relação a **guarda-peito**, vê-se “pedaço de couro curtido que os vaqueiros atam ao pescoço para resguardar o peito, peitoral”. Sua etimologia, segundo o mesmo autor, indica a origem “do lat. *pectoralis*, e 'peitoral, do peito'; francês histórico sXIII *peytural*, sXIV *peitoral*, sXV *peytoral*”. Ocorre, na comunidade vaqueira, o emprego de **guarda-peito** para designar a proteção de couro, em forma de um babadouro, que os vaqueiros usam para o peito, que compõe, juntamente com o gibão, que é um tipo de casaco, a parte indispensável da roupa daquele que trabalha com o gado.

Relativamente às formas **petchurá** e **petchera**, observa-se o emprego de ambas quando da referência ao cavalo: é uma peça, nos mesmos moldes que o guarda-peito da roupa do vaqueiro, utilizada para a proteção do peitoril do animal, nas suas entradas pela vegetação espinhosa e seca da caatinga. Assim se verifica na fala da região:

O que era o **petchurá** de um cavalo que corria na caatinga? É pra ele protegê o petcho do cavalo. (Inf.03)

No cavalo tem a **petchera**. (Inf. 05)

O **gibão** foi relacionado pelos informantes inquiridos como a peça mais importante da vestimenta do vaqueiro, por ser considerada a que oferece maior proteção para o trabalho diário na caatinga, já que é uma espécie de paletó que protege o peito e os braços.

Em Houaiss (2001), tem-se **gibão** como “uma peça antiga do vestuário masculino que se usa por baixo do paletó, que protege do pescoço à cintura, colete, véstia, muito usado pelos vaqueiros, quando feito de couro”. Está na mesma obra a sua etimologia: “itálico antigo *gippone*, atual *giubbone* (1380) 'veste esportiva', der. de *giubba*, este do árabe *djubba* 'sobreveste de algodão'; francês histórico sXV *gibom*, sXV *jubam*”.

5. 2. 2 O trabalho com o gado

Quando interrogados sobre a profissão ser comum entre os homens da região, os informantes, todos os seis selecionados, afirmaram conhecer uma mulher vaqueira e apenas em dois depoimentos o nome citado foi o mesmo. Há, na região, uma mulher que desafia o trabalho de muitos vaqueiros e ganha muitas vaquejadas, sendo, por isso, respeitada e temida pelos companheiros homens. As formas **vaqueiro/vaqueira**, empregadas para designar aquele/aquela que trabalha com o gado têm o seu registro, nos dicionários Ferreira (1995) e Houaiss (2001), como “o guardador ou condutor de vacas ou de qualquer outro gado *vacum*”, datada de 1059. Sua etimologia é registrada por Cunha (1982) como “de origem espanhola: *vaqueyro*, séc. XIII”.

O **vaqueiro** é personagem importante e comum na história da constituição do tipo interiorano brasileiro. Destaca-se pela sua bravura, coragem e resistência, quando, na sua faina diária, consegue sobreviver às agruras do solo sertanejo. A profissão, apesar de um pouco ultrajada pela tecnologia atual, ainda é tradição de pai para filho. Mesmo que o filho venha a dedicar apenas algumas horas do seu dia às atividades próprias do homem que trabalha com o

gado, ainda se verificam, na fala de várias gerações de uma mesma família, o amor e o orgulho com que tratam de assuntos relativos a essa profissão.

Da fala dos inquiridos pôde-se concluir que a profissão de vaqueiro, apesar de perigosa e pouca estável, por estar subordinada às condições do clima, é motivo de orgulho e satisfação para a população local, que tem na pessoa do vaqueiro um guardião da tradição do manejo com o gado, atividade pertencente à história da cidade, cujo surgimento se deve a um descuido de uma comitiva de vaqueiros, durante uma situação de condução de gado na região, conforme se pôde ver em capítulo deste trabalho dedicado à história do município de Teofilândia.

O vaqueiro da região de Teofilândia parece identificar dois aspectos em seu trabalho diário: “o trabaio de vaquero” e “a vaquerice braçal”. Segundo o que se pôde observar, **trabalho de vaqueiro** refere-se ao conjunto de todas as atividades que o vaqueiro desenvolve, desde cuidar da criação até apartar uma rês, e a forma **vaquerice braçal parece** compreender apenas aquelas tarefas diárias que requerem uma força física maior, conforme as falas:

Tem a hora de **trabaiá de vaquero** e depois vai pra roça. (Inf. 02)

Eu já trabaiei todo tipo de **vaquerice braçal**. A minha vida é muntcho cansada... (Inf. 06)

5. 2. 2. 1 A rotina

Algumas das formas lexicais pertencentes à área semântica relativa às atividades rotineiras do vaqueiro estão alistadas abaixo, distribuídas por subcampos:

5. 2. 2. 1. 1 Atividades relacionadas à manutenção da área em que o gado se encontra, à alimentação e verificação do estado dos animais

- butá os bizerro pra bebê;
- campeá o pasto;
- ciscá o curral;
- colocá as ração;
- corrê a fazenda;
- cuidá dos cavalo;

- dá campo;
- dá rudeio no pasto;
- lidá com o boi;
- limpá as baia;
- olhá o gado;
- olhá os animal;
- procurá o gado no campo;
- repará o gado;
- verificá os cocho d`água.

A rotina do trabalho diário do vaqueiro, apesar de sua simplicidade, é percebida, com bastante frequência, nos depoimentos bem como nas cantigas dos informantes:

A madrugada até, ele levanta, vai **tirá leite, olhá os animal**, mais tarde pega um cavalo, vai **corrê a fazenda**. Tem vaquero que veve só de **olhá o gado, separá pra pastá** etc. Ele tem o cavalo da estima dele, o boi que ele tá acostumado a **lidá**. (Inf. 01)

Se o vaquero vai viajá, ele acorda cedo. Se ele vai **dá campo** perto, ele num tem pressa de saí. **Dá campo** é ele **procurá o gado no campo**. Procurá o gado pra olhá. Tem a hora **de trabaiá de vaquero** e depois **vai pra roça**. (Inf. 02)

A minha vida é munto cansada, a gente levanta aqui quatro hora da manhã, até agora, até seis, sete hora da noite. A gente **bota uma vaca pra um canto, um boi pra otro**. E os bizerro tem que **trazê no curral meio-dia** pra dá uma chupadinha nas vaca. E aí a gente num tem discanso não. (Inf. 03)

Tem o vaquero que tem a preocupação de todo dia ele muntá no cavalo pra **campeá o pasto. Dá o rudeio no pasto**, vai vê os animais, se tem algum duente, se tem alguma cerca quebrada... (Inf. 01)

Dá rudeio é repará o gado. (Inf. 02)

Colocá ração pras vaca, butá os bizerro pra bebê, cuidá dos cavalo, (...) **limpá as baia, verificá os cocho d`água, ciscá o curral**. Se tivé algum gado pra í buscá, í. (Inf. 05)

A partir dos depoimentos, verifica-se que há algumas formas estruturalmente diferentes mas cujo emprego se dá em situações semelhantes, como, por exemplo, **corrê a fazenda, dá campo, campeá o pasto, dá rudeio no pasto, procurá o gado no campo, ciscá o**

curral e revê a roça. Todas essas formas se referem ao trabalho diário de andar pela fazenda para ver se está tudo dentro da normalidade. É uma espécie de conferência diária do pasto onde o gado está e da área de plantio da propriedade.

Com relação à expressão **corrê a fazenda**, o que se verificou foi o registro da forma **correr**, em Ferreira (1995) e Houaiss (2001): “percorrer (uma distância territorial), visitar”. Cunha (1982) registra **correr** como “deslocar-se, movimentar-se com rapidez. XIII. Do lat. *Currere*”. Ambas as ocorrências equivalem, quanto ao valor semântico, às formas empregadas usualmente pelos vaqueiros.

Pôde-se observar que **campear**, transcrita acima, está registrada em Ferreira (1995) e Houaiss (2001) como “andar a cavalo pelo campo, pelo mato, em busca de gado, mover-se pelos campos, correr os campos, explorar os campos”, o que está em conformidade com o seu emprego na fala do vaqueiro. Em Cunha (1982), **campear**, XVII, encontra-se no verbete de **campo**, “XIII. Do lat. *campus -i*”.

Rodeio, cujo valor semântico é de “luta entre o peão e o animal, boi ou cavalo”, ganha, na expressão **dá rudeio no pasto**, o significado de **rodeamento**, “volta em redor de algum lugar”, conforme se tem nos dicionários Ferreira (1995) e Houaiss (2001), correspondentemente ao emprego que se vê no exemplo acima.

O emprego da forma **ciscá o curral** está associado ao trabalho de afofar a terra do curral para verificar se não há nada que possa perturbar e prejudicar o gado. Um dos infortúnios mais temidos é o animal peçonhento. O verbo **ciscar**, conforme Ferreira (1995), corresponde a uma atividade cuidadosa de busca, de procura. Em Houaiss (2001) vê-se, no verbete **ciscar**, uma das acepções com referência a este emprego: “limpar o solo, recolher gravetos, restos de queimada etc”. **Ciscar** provém de “**cisco**, pó, lixo, varredura. XVI”. **Ciscar** é “limpar, revolver o cisco, 1844”, segundo Cunha (1982).

As formas **olhá os animal**, **olhá o gado**, **repará o gado** têm emprego em situações semelhantes no dia-a-dia do vaqueiro, expressando o trabalho de verificar onde o animal, o gado ou outro tipo de criação, está e se está bem.

A forma **reparar** está em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), dentre outras acepções, como “fixar ou dirigir a vista ou a atenção; notar, observar, perceber”. Quanto à sua etimologia:

do lat. *Reparo, as, avi, atum, are* 'preparar de novo, tornar a começar; tornar a ganhar, recobrar, recuperar, adquirir para suprir desfalque, obter em compensação; reparar, restaurar; reproduzir', der. de *parare*; f.hist. 1364 *reparou, sXIV reparar, sXIV repayar, sXIV rreparou*

5. 2. 2. 1. 2 Atividades que se destinam a separar o gado para determinados procedimentos

- separá pra pastá;
- apartá.

Para a designação de separar o gado, com o objetivo de curar, vacinar, marcar, formar lotes, separar o bezerro da vaca, o que se observou foi o emprego de **apartar**. A função de **apartar, separar** uma rês é bastante comum no dia-a-dia do vaqueiro, que a repete várias vezes durante o dia:

Aqui a gente chama **apartação**. Tirá aquela rês do meio da boiada, botá em otro pasto, pra curá... (Inf. 01)

Apartá é passá de um pasto pa otro. (Inf. 02)

Tem que sê um cavalo **rápido**, no caso de **apartação**. Se fô pa catinga, tem que sê piqueno, não pode sê um cavalo muntcho alto. (Inf. 04)

Segundo o informante 04, o cavalo de baixa estatura se sai melhor no meio da caatinga porque seu tamanho permite que passe por baixo da vegetação seca e entrelaçada das árvores. Ferreira (1995) e Houaiss (2001) apresentam **apartar** com o sentido de separar o gado em grupos ou lotes durante a vaquejada, significado mais restrito do que aquele que lhe imprime a comunidade vaqueira. A etimologia de **apartar** encontra-se no verbete **partir**, em Cunha (1982): “proceder, ir embora, séc.XIII, do lat. *partire*”. O que justifica o seu emprego, no que se refere ao trabalho que o vaqueiro tem de separar, distribuir o gado, levar uma parte do rebanho para outro lugar.

5. 2 .2 .1. 3 Atividades relativas à identificação do gado, prevenção, profilaxia e cura das doenças

- assiná;
- curá;
- ferrá;
- ismochá;
- pô a marca do dono;
- vaciná.

As formas **ismochá**, **ferrá** e **assiná** que também fazem referência a atividades do trabalho diário do vaqueiro, equivalem, respectivamente, às ações de retirar o chifre do boi, marcar o couro do gado com as letras iniciais do seu dono e colocar um sinal na orelha do animal para a sua identificação e estão analisadas no subcampo semântico **instrumentos para o manejo com o gado**, ao final desta análise.

5. 2 . 2. 1. 4 Atividades relacionadas à condução do gado

5. 2. 2. 1. 4. 1 A condução do gado no campo ou em curtas distâncias

- levá o gado tocado;
- pastorá;
- pegá (o gado) currido;
- viajá;
- tangê.

É grande a proximidade do vaqueiro com o boi e o cavalo, no seu dia-a-dia, e esta estreita convivência ele está constantemente exaltando em suas narrativas. As formas **aboiá** e **tangê** designam atividades que envolvem homem e animal, numa relação de respeito e cumplicidade.

Tangê gado. Levá de uma propiedade pra otra. Acontece quando um pasto já num tem mais capim, num tem mais cumida, aí pega daquele e coloca ni otro, que é praquele que tirô nascê cumida, que é pra voltá de novo o gado pra lá. (Inf. 05)

Pra transportá a gente **tagi** (tange). Vai **tangeno**, aí a gente munta no cavalo aqui e aí grita, aí **abóia**, o gado pega a istrada e vai. (Inf. 04)

Tanger é bastante familiar aos vaqueiros devido ao fato de traduzir a atividade mais comum de sua profissão, a condução do gado, com o auxílio do **aboio**. As duas formas, **tanger** e **aboiar**, por estarem no mesmo contexto semântico, chegam a ser empregadas como sinônimas. Na realidade, o que se percebe é que **tanger** refere-se ao ato de conduzir os animais cantando o aboio. Formas correspondentes apresentam as obras consultadas: **Tanger** é “tocar (alimárias) para estimular na marcha” para Ferreira (1995). Em Houaiss (2001) vê-se **tangedor** como “aquele que toca ou tange animais” e ainda: **tanger** é “açodar de algum modo a marcha de um ser humano ou de um animal. Vê-se, em sua etimologia, também nessa obra, “do lat. *tango, is, tetigi, tactum, tangere* ‘tocar (sentido físico e moral)’ ”. Segundo o registro etimológico de Cunha (1982), **tanger** refere-se a “tocar o animal para estimulá-lo a andar, XIII, atanger, do lat. *tangere*”.

Já Souza (1959) registra o **tangedor** como aquele vaqueiro que conduz o carro-de-bois, chamado o carreiro, no sertão de Pernambuco.

O gado obedece à ordem determinada pelo ritmo do aboio do vaqueiro tangedor que é, portanto, o responsável pela direção e pelo caminho que o gado deve percorrer.

A fala do informante 02 explica o efeito que essa cantiga exerce sobre o gado, sobre a direção da sua marcha:

Ele intende, obedece. De acordo com o grito, ele muda o rojão, muda o caminho.

Ferreira (1995) apresenta a forma **rojão** como derivada de *rojar* + *-ão*, (*rojar*: locomover-se penosamente, com passos vagarosos e incertos), acepção que corresponde ao seu emprego pela comunidade vaqueira como sendo “uma marcha forçada e passo de cavalo ou de outro animal quando cavalgado”. Houaiss (2001) a registra, segundo o que interessa a este estudo, como “modo de agir, de portar-se, atividade, movimento, trabalho”. Para Cunha (1982),

sua referência etimológica é “do castelhano *rejón*, XVII: aguilhada para espicaçar touros”, cujo significado não corresponde ao que se obtém na fala dos vaqueiros, apesar de se tratar do mesmo campo semântico.

Cabe ressaltar, aqui, o registro da forma lexical **rojão**, no texto de Ferreira e Freitas (1994), em que se verifica, na fala de um informante, esta forma como sendo a seqüência ou rotina de determinado acontecimento ou atividade, acepção que se aproxima daquela utilizada pelos vaqueiros:

Começou (o calor) de maio a São João, a Santana e agosto vai entrar assim neste **rojão**.

Por **rojão** os vaqueiros entendem o conjunto das várias atividades da sua rotina de trabalho, podendo designar também, especialmente em **comitiva**, a marcha do gado. A forma **comitiva** é empregada para a identificação do grupo de vaqueiros que fazem o transporte do gado, tangendo-o, a cavalo.

Pastorá a noite pra num fugi nenhum toro. (...) Normalmente vai incontrá a fazenda de um amigo, na frente, vai pedí pra ele, sempre põe numa maiada, ali, num pasto pequeno, bem cercado, siguro. (Inf. 01)

A forma **pastorar** está registrada em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), dentre as demais acepções, com o significado com que é empregada na fala vaqueira: o mesmo que pastorear, vigiar, espreitar, conduzir, sendo esta última atividade designada também pela forma **tanger**. Cunha (1982) registra **pastorear**, XVIII, como do francês *pastourelle*. XIII, pertencente ao verbete **pasto**.

Quanto às atividades relacionadas à condução do gado, relata o informante 03:

Ali, ele pula pra um pasto, pra uma catanga, ali tem que sê pegado currido aí agora. Tem que procurá aonde prendê aquela boiada pa i pegá aquele que disagarrô da boiada ali, purquê se dexá, passá mais tempo, é mais difíce de incontrá. O nome dele é boi veiacó, o boi é veiacó, num qué viajá no meio da boiada, num qué viajá, corre.

A expressão **pegá (o gado) currido** refere-se à ação do vaqueiro de sair rapidamente atrás daquele animal que fugiu da boiada e se embrenhou catanga adentro, durante o transporte por vaqueiros.

Em se tratando de transporte de gado “a lombo de cavalo”, conforme falam os vaqueiros, nas curtas distâncias, a forma **tocado**, que corresponde a “levá o gado tocado” é a tarefa de conduzir o gado em comitiva:

Quando aqui fica munto seco e tem otro lugá fora, a gente vai, leva **tocado**, andano a cavalo. (Inf. 03)

Percebe-se aqui a proximidade entre **tangê** e **levá o gado tocado**.

Uma **comitiva** é composta por um grupo de, no mínimo, três e, no máximo, dez vaqueiros, a depender do tamanho da boiada. O trabalho de transportar o gado de um pasto a outro pode levar horas e até mesmo dias. É no ambiente da comitiva onde nascem e se reproduzem os **causos**, nas chamadas **cantigas de trabalho**, típicas do dia-a-dia do vaqueiro.

É, vão em **cumitiva** até um certo lugá e lá, naquele ponto determinado, já tem otra equipe isperano. (Inf. 01)

É uma turma de vaquero, é uma **cumitiva**. (Inf. 03)

Conforme Ferreira (1995), uma **comitiva** é um grupo de pessoas que acompanha, séqüitos. Como um regionalismo do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, refere-se a um grupo de pessoas que segue com a boiada, segundo Houaiss (2001). Data de 1813, de origem do latim vulgar, a forma **comitiva**, segundo os registros de Cunha (1982).

E ainda com relação ao assunto, fez questão de acrescentar um vaqueiro experiente:

Quando é pra longe e tem que durmi no caminho, muntos já tem o ponto de pasto, prende o gado no pasto ... e tem deles que arrudeia o gado e faz pernoite e no otro dia viaja. Acuntece em fazenda, acuntece que aqueles vaquero que dá rancharia, em otros tempo, tem vaquero que precisa do mesmo auxílio de otros, amanhã ô depois. (Inf. 02)

Na fala do informante 02, verifica-se o emprego de **rancharia** para a designação de um lugar para passar a noite que o fazendeiro local oferece à comitiva, quando das suas viagens longas, não sendo necessário que seja um lugar fechado e coberto. O que ocorre, na maioria das vezes, é amarrarem os animais, os cavalos, num “pé-de-pau”, e ali mesmo fazerem fogo para a alimentação e passarem a noite. Encontrou-se o significado “povoado pobre” em uma das acepções que o dicionário Ferreira (1995) registra sobre **rancharia**. Houaiss (2001) a apresenta como um regionalismo típico do sul do Brasil: “um conjunto de ranchos, choupanas, rancheria, rancherio”. Cunha (1982) traz a sua etimologia como derivado de **ranch**, cujo sentido é “grupo de pessoas em trabalho, jornada, marcha ou passeio, que provém do cast. *ranch*, derivado do verbo *rancharse* ou *ranchearse*, e este, por sua vez, do francês *se ranger*. XVI”. **Arranchar** é a forma que corresponde ao sentido atribuído pelos vaqueiros: reunir em ranchos, dar pousada.

Quando os vaqueiros foram inquiridos sobre o trabalho de conduzir o gado de um pasto a outro, em comitiva, observou-se que é comum o emprego das formas **guia**, **tangedô** ou **divisô** e **coice do gado** para a designação das suas posições no grupo, durante o percurso da viagem, sendo esta ordem rigidamente obedecida. Aquele que vai à frente da comitiva é o **guia**; o que vai ao lado da boiada, **tangedô**, e o que vai atrás é o **coice do gado**. Houve variação em alguns depoimentos quanto à diferença entre **tangedô** e **divisô**, alguns alegaram ser o **tangedô** o que fica no final da boiada e o **divisô** o que fica no meio dela:

Dependendo a boiada, a gente usa dividi ela em três parte, né. Aquele vaquero que vai na frente dos animal a gente usa chamá de **guia**, toma a guia do gado. Já tem o vaquero que sempre fica no meio ali, que ali chama o **divisô**. Aquele que vai na trasera, sempre a gente chama o **coice do gado**. (Inf. 01)

Chama o **guia**. Os otro é **tangedô**. No meio e atrais é **tangedô** tamém. (Inf. 02)

O que vai na **guia**, chamano o gado e ele acumpanha, vai tocano ele. Na **guia** é na frente. Tem o **tangedô** atrais. Só tem dois. O gado munto, quanto mais munto milhó pra tocá ele. (Inf. 03)

Vai um na frente, que vai na **guia**, que chama **guia**. O otro vai do lado, otro vai no fundo do gado. (Inf. 04)

Vai um na frente, que vai na **guia**, é a guia do gado. (Inf. 05)

Guia, conforme nos apresentam Ferreira (1995) e Houaiss (2001), dentre suas várias acepções, designa o vaqueiro que encabeça a boiada, o que corresponde ao significado com o qual é empregada pelos vaqueiros. Cunha (1982) a apresenta como derivada de guiar, séc. XIV, que provém do lat. med. *guidare* e este provavelmente do gót. *widan*, que significa juntar, ext. escoltar, acompanhar.

Também Souza (1959) destaca, em seu *Vocabulário do carro-de-bois*, o emprego de **guia**, cujo significado é “rapazote que marcha à frente da boiada do carro, que auxilia o carreiro nos seus serviços, o mesmo que candeeiro, chamador de bois”. Neste caso, o emprego se dá com a mesma intenção semântica que a verificada na comunidade de vaqueiros.

Muitas vezes, durante a condução do gado, a comitiva com o seu rebanho têm de passar por lugares estreitos, espécies de corredores cercados pela vegetação inóspita do sertão, por onde o gado que foge corre e volta para junto dos outros animais, cuja denominação se faz pelas formas lexicais **vareda (vereda)** e **corredô**, conforme os depoimentos abaixo:

É a **vareda**, é aquele caminhuzinho muito apertado que a boiada vai tê que passá de um pur um. A comitiva tem que se ispalhá pra fazê batedô de um lado e de otro, pra ivitá dos animal ganhá o mato. (Inf. 01)

Quando tem catanga, ele entra, quando num tem, vai pelo **corredô**, é uma cerca de um lado e do otro. (Inf. 02)

Ali era uma **vareda**, só passava carro de boi (...), cavalo, vaquero e gado. (Inf. 03)

Corredô é lugá de seca, istrada de chão, na zona rural, lugá apertado onde num passa carro, moto e o gado passa. (Inf. 05)

“Caminho estreito, senda, clareira por entre a vegetação rasteira da caatinga” é o que há de comum entre o registro do significado de **vereda** em Ferreira (1995) e o seu emprego pelos informantes, ao que Houaiss (2001) acrescenta, no que diz respeito ao emprego típico pelos vaqueiros da região, referindo-se ao regionalismo do Centro-Oeste do Brasil: “caminho estreito, senda, sendeiro, caminho secundário pelo qual se chega mais rapidamente a um lugar, atalho”. Ainda “como regionalismo do Nordeste do Brasil, região na zona das caatingas, localizada entre montanhas e em vale de rio, que tem maior abundância de água e de vegetação”. “Clareira ou caminho entre a vegetação rasteira..” como regionalismo de Goiás. O mesmo autor traz a sua etimologia: ‘proveniente do baixo-latim *vereda*, de *veredus*, i 'cavalo de viagem', p.extensão 'rumo, direção' e 'via, caminho'; var. *breia*; f.hist. 906 *uereda*, 1288 *verea*, sXV *uereda*, 1721

vareda”. Cunha (1982) apresenta **vereda** como “caminho estreito, atalho. Sentido figurado: rumo, direção. XV. Do baixo latim *vereda*, do latim *veredus*, cavalo de posta”.

Queiroz (1988) registra, em seu glossário, a mesma acepção apontada por Ferreira (1995).

Com relação a **corredor**, Ferreira (1995) e Houaiss (2001) apresentam a acepção que é um regionalismo do Sul do Brasil, referindo-se a trecho de uma estrada situado em um terreno de criação de gado e dele isolado pelas cercas que o acompanham de um lado e de outro. Cunha (1982) apresenta **corredor** no verbete **correr**, com o significado de “passagem, em geral estreita e longa, no interior de uma edificação, para comunicar dois ou mais compartimentos, 1813. Do antigo italiano *corridóre*, hoje, *corridóio*”. Como se pôde verificar, tais acepções equivalem àquela com a qual se emprega a forma **corredor** na comunidade vaqueira.

Conforme o que já foi enfatizado anteriormente, o transporte do gado por comitivas só é feito, quando a distância não é longa, num percurso de, no máximo, 60 a 100 km, dez léguas lineares, no estado da Bahia.

5. 2. 2. 1. 4.2 A condução do gado em longas distâncias

Ao serem interpelados acerca do tipo de transporte utilizado, quando o percurso ultrapassa a medida anteriormente referida, os vaqueiros mencionaram um tipo de caminhão, definido por eles como **caminhão boiadero**. Nenhuma forma lexical mais específica foi observada para designar este meio de transporte. **Boiadeiro** está em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), dentre outras acepções, com o sentido de guardador ou tocador de boiada.

Souza (1959) destaca o emprego desta forma com o mesmo sentido.

Quanto a cada uma das partes em que se divide a área do caminhão onde se acomoda o gado, os vaqueiros dizem **compartamento** (compartimento) e **curral**, empregando a forma **separadô** para estas divisões feitas na carroceria do caminhão:

Ele (o caminhão) sempre há duas, três divisões, num sabe, mas é sempre os **compartamento**, os **currais** pra separá o gado. Se num tem **separadô**, ele vai acumulá ou todo na frente ou todo atrás. (Inf. 01)

Segundo o que se percebe na fala anterior, **compartamento** refere-se a **compartimento**, cada uma das partes em que é dividida a área do caminhão, em cada qual acomoda-se uma quantidade de reses, para que não se atraquem ou se machuquem, evitando que se acumulem em apenas uma região do caminhão, tornando inseguro o transporte, que, às vezes, chega a durar vários dias. Quanto ao registro do significado destas formas nos dicionários consultados, tem-se, em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), **compartimento** como “cada uma das divisões de uma casa”, que traz, neste caso, o sentido adequado ao emprego que se percebe na região. Isso se justifica, em Cunha (1982), com a etimologia da forma **compartimento**: de **partir** e também refere-se a “cada uma das divisões de uma casa, móvel ou veículo”.

Menos comum é o registro de **curral** com a acepção de “parte do caminhão que transporta o gado”, cujo emprego se verifica na fala dos vaqueiros. O que se vê nos dicionários refere-se ao local onde se reúne o gado, para o pernoite, a alimentação etc. Em Ferreira (1995), “arribana, corte e malhada” como sinônimos para **curral**. Houaiss (2001) a apresenta com o sentido de “lugar geralmente cercado onde se recolhe o gado, especialmente o bovino, estábulo, redil”. E quanto à sua etimologia:

de origem duvidosa, talvez de um latim *currare, is* 'circo para corridas de carros, lugar em que se guardam veículos', do latim *currus, us* 'carro'; comparativamente à longa argumentação de Corominas sobre o vocábulo espanhol *corral*; francês histórico, 1337, *cural*, 1391 *curraes*, sXIV *curraes*, sXV *curral*.

Ainda conforme esta obra, tem como sinônimos arribana, bezerreiro, cercado, corte /ó/, curro, malhada, presépio, armadilha, estrebaria, ovil e zona.

Em Cunha (1982), **curral** é “lugar onde se junta e recolhe o gado. XIII. De origem controvertida”.

Em Queiroz (1988), esta forma pode ser observada, ao longo das narrativas, com o mesmo sentido que o aqui destacado:

Ele cortô um mio na roça (...) e butô den'do **currá**. A nuvia vei, foi pra den'do **currá**; e ele fechô a portera e mandô Danta i(r) buscá. (Balbino José de Matos, vaqueiro Dos Limpo – 55 anos, Imburana, Coronel João Sá)

Separador está registrada, em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), dentre algumas acepções, como cada uma das partes do caminhão que comporta o gado, em grupos ou individualmente, para o transporte, o que corresponde à forma utilizada pelos vaqueiros.

Ainda sobre o tema **transporte do gado**, os informantes relataram a forma como o gado é colocado dentro do caminhão boiadeiro, a qual, muito resumidamente, pode ser assim descrita: por meio de um corredor de madeira, agregado ao curral, o gado vai, um por um, subindo por uma rampa e entrando no caminhão. Nas falas transcritas abaixo, tem-se, mais detalhadamente, tal procedimento:

Tem a **carregadera**, tem o **carregadô**. É só incostá no curral. Só faiz prendê no curral e botá no jiqui e entrá no **imbarcadô**. O jiqui é o lugá de prendê o gado pra subi no **imbarcadô**, tipo um corredozinho. (Inf. 06)

Como referência à rampa utilizada para o embarque do gado no caminhão boiadeiro observou-se que os itens mais comuns foram **imbarcadô**, **imbarcadera**, **carregadô**, **carregadera** e, até mesmo, **rampa**, utilizados pelos falantes dentro de um mesmo contexto semântico.

Os dicionários consultados apresentam **embarcador** para a designação de pessoa encarregada de entregar mercadorias ou objetos para serem embarcados por via marítima e não se referem a meio físico para o embarque. A etimologia das formas **embarcador** e **embarcadeira** está, em Cunha (1982), registrada como derivada de barca, de origem hispânica, do lat. *tardio barca*. XIII.

Ferreira (1995) e Houaiss (2001) apresentam **carregador**, segundo a acepção mais comum de uso entre nós, como “o indivíduo que faz frete, transporta carga, carrega bagagem, bagageiro, que remete a carga a ser transportada”, cujo significado apresenta modificação ao ser empregado pelos vaqueiros, conforme se comprova a seguir:

Tem o tronco. O tronco é um currá assim, a carreta tá na frente. Tem o curredozim. Pra subi, tem a **carregadera**. (Inf. 02)

Numa praça daquela ali. Ela é montada pra isso. Aí o gado chega lá, vem do currá, sobe ali, o caminhão incosta ali. (...) É a **carregadera**... Sobe um pur um. Ele vai entrano ali, tem um curralzinho ali. (Inf. 04)

Na realidade, o sentido atribuído pelo vaqueiro, quanto ao emprego da forma **carregadeira**, caracteriza-se como um caso de extensão semântica do verbo **carregar**, que,

conforme Gabas Júnior (2001), refere-se à aquisição de novo sentido relativo à mesma forma lexical. No caso, a função da rampa **carregadeira** não é carregar o gado, no sentido de transportar, mas sim possibilitar o acesso do gado ao caminhão.

A forma **carregadeira** é derivada de carro, cuja origem é do latim *carrus*. XIII, conforme Cunha (1982).

O emprego de **embarcador**, conforme se pôde comprovar, ocorre em lugar de **carregadeira**, quando ambas as opções se referem a uma espécie de rampa por onde o gado entra no caminhão:

Tem que tê o **imbarcadô**, é uma rampa, o caminhão vem, incosta de ré e os animal sobe naquela rampa, vão entrano de um pur um. (Inf. 01)

É a **imbarcadera**, **imbarcadô** dos animais, uma rampa com os ripão nas laterais. (Inf. 01)

A gente incosta ele, o caminhão, e tem a **imbarcadera**... um corredô no jeito da carroceria lá... aí o animal vai subino a rampa, já desce em cima do caminhão. (Inf. 03)

Usa o caminhão, coloca o gado no curral. Tem o **imbarcadô**, é um lugá alto onde o boi sobe pra subi no caminhão. Chega lá tem o mesmo isquema, sabe? (Inf. 05)

Tem a **carregadera**, tem o carregadô. É só incostá no curral Só faiz prendê no curral e botá no **jiqui** e entrá no **imbarcadô**. O jiqui é o lugá de prendê o gado pra subi no imbarcadô, tipo um corredoquinho. (Inf. 06)

Aqui, vê-se o emprego de **jiqui** como sinônimo de **tronco**, que se refere a um tipo de corredor cercado de madeira por onde o gado passa, um por um, para ser contado, vacinado, marcado, embarcado etc. Houaiss apresenta a forma **jiqui** com referência a “armadilha”, como sendo um regionalismo do Nordeste do Brasil.

O *APFB*, carta 143, documenta o emprego de **jiqui** como “tipo de armadilha de caça para peixe e tatu, confeccionada de cipó”, cujo emprego está registrado nas zonas fisiográficas do Médio São Francisco, Encosta da Chapada Diamantina, Recôncavo, Zona do Cacau. Em Sergipe, de acordo com os registros do *ALS*, carta 129, vê-se, com o mesmo significado, no Sertão Sergipano do São Francisco, Nossa Senhora das Dores, Litoral Sul Sergipano e Sertão do Rio

Real. Na região de Cotinguiba, no mesmo estado, documentou-se **tronco** como sinônimo de **jiqui**.

Tronco é de uso bastante comum na fala vaqueira porque se refere a um local muito utilizado no trato diário com o gado:

É o **tronco**. No curral inxiste o **tronco**. É um corredoizinho de ripão de um lado e de otro, com mais ou menos 70 cm de largura, pra comportá 20, 30 boi. A gente usa ali pra vaciná, pra curá, pra ferrá, pô a marca do dono. (Inf. 01)

Tem o **tronco**. O **tronco** é um currá assim, a carreta tá na frente. Tem o curredozim. Pra subi, tem a **carregadera**. (Inf. 02)

A gente pega o boi, dirruba ele, peia, dirruba e capa. Hoje já tá usano capá ele até im pé, dentro do **tronco**. Um **tronco** de madeira (...). Aí, um corredoizinho assim de 80 centímetro, 70. A gente coloca dentro e ele num tem como se mexê não. (Inf. 03)

Isso chama o **tronco**. Aí o boio entra ali ou o animal que tivé duente entra ali. Aqui nós trata ele, aqui nós ferra, aqui nós cura o imbigio do bizerro, aqui nós bota o remédio na rês que tá duente. (Inf. 04)

Ah, vai prendê no curral e tem o **tronco**, é um lugá istreito, que só passa um, um de cada veiz. (Inf. 05)

Registrada em Ferreira (1995) e, da mesma forma, em Houaiss (2001), **tronco** é “um corredor estreito que se liga com a porteira do curral e onde se prendem os animais que vão ser tosquiados, marcados, castrados etc.” e “aparelho com dois tapumes, onde se prende o gado para ferrá-lo ou prensá-lo”. **Tronco** é de origem latina: *truncus* –i, de acordo com Houaiss (2001), cujo significado corresponde àquele com que é empregado pela comunidade vaqueira e se aproxima da forma **entroncamento**.

Se atentarmos para a fala do informante 03, acima, veremos o emprego de **peia** significando o ato de prender o boi com a corda pelos pés, para impedir que ele se movimente, imobilizá-lo, o que se dá dentro do **tronco** ou **jiqui**. Em Ferreira (1995), esta forma está registrada com a mesma acepção, com a forma sinonímica **trabelho**. Houaiss (2001) refere-se a **peia** como “corda ou peça de ferro que prende os pés dos animais” e traz também a sua etimologia: “latim vulgar *pedea*, do latim *pedica*, *ae* 'laço que prende os pés, armadilha, grilhão para os pés'”, o que se registra, da mesma forma, também em Cunha (1982).

Com relação à literatura regional consultada, Queiroz (1988) apresenta **peia** com esta mesma acepção.

Quando o transporte não acontece via caminhão, o qual, apesar de mais oneroso, está muitas vezes condicionado às distâncias a serem percorridas, as comitivas separam o gado em porções, denominadas **boiadas**. Ferreira (1995) refere-se a “manada de bois, boiama”, quando registra esta forma, que também está em Houaiss (2001) como “rebanho bovino”, tendo como sinônimos “boiama, boizama, manada e rebanho”. Cunha (1982) registra **boiada** como “derivada de boi, do lat. *bovem*. XIII ”.

E é exatamente este emprego de **boiada**, que Bernardino de Souza (1959) apresenta em sua obra, como “certa porção de gado bovino ou vacum em marcha, manada de bois, conduzida por boiadeiros ou vaqueiros”, o mesmo reconhecido pelo senso comum.

5. 2. 2. 1. 5 Atividades relativas à subsistência do vaqueiro

Além das atividades desenvolvidas para o patrão, o vaqueiro pode explorar a terra e criar alguns animais em benefício próprio e, dentre elas, destacam-se:

- criá a criação;
- í pra roça;
- matá o bode pra cumê;
- revê a roça;
- tirá o leite pra cumê (alimentar-se).

Aqui a região é de muntcho vaquero porque, de qualquer maneira, a gente veve é da luta, né? A gente veve da **criação do animal**. É uma região seca. É porque é o ganha-pão. Se a gente num tinha do que vivê, a gente **cria a criação**, que é pra pudê vivê, né? **Tirá o leite** pra cumê, **matá o bode** pra cumê... (Inf.04)

5. 2. 2. 2 A vaquejada

Outra atividade de destaque na vida do vaqueiro é a **vaquejada**. Esta forma é bastante comum na fala do vaqueiro desta região do sertão baiano, especialmente porque a cidade de Serrinha, considerada a capital nacional da vaquejada, fica a apenas 18 km. A maioria dos vaqueiros entrevistados tem prêmios de vaquejada e é reconhecida na região por sua atuação nessas disputas.

É uma tradição que foi descuberta no Brasil, o vaquero criô aquilo, né. Ele primero cumeçô a **inrabá** no toro na catanga, (...) até que chegô o ponto de usá a **vaquejada**. (Inf. 01)

Na vaquejada tem a **dirruba** do gado. O vaquero é dirrubadô de gado.(Inf. 02)

A vaquejada é cê vai, tem o cavalo próprio, já trenado (...) O vaquero entra na pista, (...) incosta na boca da **sangra**... onde sai o boi. O que pega na cauda chama **isterero**, fica **isterano**, **bateno istera**. Dirruba o boi pelo rabo. (Inf. 05)

A **vaquejada** está contada na voz de Câmara Cascudo, com riqueza de poesia e detalhe:

Antes, pela manhã e mais habitualmente à tarde, corria-se o gado. Vacas, bezerros, bois velhos, eram afastados. Só os touros, novilhos e bois de era mereciam as honras do “folgado”. Alguns homens, dentro do curral onde os touros e novilhos se agitavam, inquietos e famintos, tangiam, com grandes brados, um animal para fora da porteira. Arrancava este como um foguetão. Um par de vaqueiros corria, lado a lado. Um seria o “esteira” para manter o bicho numa determinada direção. O outro derrubaria. Os cavalos de campo, afeitos à luta, seguiam como sombra, arfando, numa obstinação de cães de caça. Aproximando-se do animal em disparada, o vaqueiro apanha-lhe a cauda (bassôra), envolve-a na mão, e puxa, num puxão brusco e forte, é a *mucica*. Desequilibrado, o touro cai, virando para o ar as pernas, entre poeira e aclamações dos assistentes. Se o animal rebola no solo, patas para cima, diz-se que o *mocotó passou*. É um título de vitória integral. Palmas, vivas, e corre-se outro bicho. Quando não conseguem atingir o touro espavorido pela gritaria, dizem que o vaqueiro *botou no mato*. E é caso de vaia... (CÂMARA CASCUDO, 2005, p.108)

Inrabá (enrabar) parece ser uma forma bastante comum na fala do povo da região. Seu emprego se deve a situações em que uma pessoa ou animal corre logo atrás da outra/outro. Sua origem está ligada ao costume do vaqueiro de correr atrás do boi bem próximo ao rabo, para não o perder na sua pega, o que ocorre também na vaquejada.

Em Ferreira (1995) vê-se **enrabar** como “perseguir de perto, na carreira, andar no encalço de, acompanhar outrem persistentemente”. As acepções apresentadas por Houaiss (2001) correspondentes aos sentidos atribuídos pelos vaqueiros a **enrabar** foram “andar junto de (outra pessoa); andar no rastro de” e “perseguir correndo; acostrar de perto”, relativos a um regionalismo do estado do Pará. Cunha (1982) traz **enrabichado, enrabichar** 1899. Trata-se de uma formação pelo processo de derivação, cuja origem se atribui a **rabo**. **Inrabar** como variante de **enrabar**, uma simplificação de **enrabichar**, formada de prefixo do grego EN, (dentro de, diante de, posição interna) + o radical **rabo**, do lat. rapum – i ‘rabo’ (cauda, prolongamento da coluna vertebral de certos mamíferos) + afixo (sufixo AR), formador de verbos (ação), a partir de substantivos.

Observa-se também em Queiroz (1988) a forma **inrabar** com o sentido de “perseguir de perto, na carreira”:

Aí agora cumeçô a juntá vaquero, e a juntá vaquero e a juntá vaquero... e um num pegava; oto ia, num pegava; e ia de dez e de vinte, ia trinta, ia cinqüenta... (...) Até que veio o vaquero Sérgio de Minas pa pegá esse boi, e na derradeiras, conta a histora, que Sérgio chegô, inrabô no boi, e o carralo, den’do rio, correu... (Antero de Souza Neto, vaqueiro Teté do Inxuí – 63 anos, Inxuí, Cícero Dantas)

Na fala do informante 02, registrada anteriormente, acerca da vaquejada, **dirruba** parece indicar um caso de criação lexical proveniente do processo de derivação regressiva, por ser um substantivo deverbal, segundo Alves (1994), resultante da substantivação do verbo **derrubar**, uma vez que não está dicionarizada a forma **derruba** como substantivo. **Dirruba** (substantivo) e não derrubada está presente na fala dos vaqueiros da região, quando se referem ao trabalho do vaqueiro de pegar um animal na caatinga e conseguir imobilizá-lo no chão e também com relação ao mesmo gesto, quando da participação do vaqueiro na vaquejada. O dicionário Houaiss (2001) traz apenas **derruba** como forma flexionada do verbo derrubar, deitar ao solo.

Vê-se, em Queiroz (1988), a referência a **dirruba-antóim**, que é uma planta temida pelos vaqueiros na caatinga, por impedir que o vaqueiro penetre a mata, devido aos seus espinhos.

Sangra, pelo que se pôde observar, nas narrativas acerca da vaquejada, refere-se à porta por onde o boi é solto para ser derrubado pelo vaqueiro esteireiro. Com relação ao seu registro, o que se vê em Houaiss (2001) é a referência a uma rede, tecedura. Ainda dentro do contexto vaquejada, a forma **isterero (esteireiro)** refere-se àquele que segura o boi pelo rabo até deitá-lo ao chão, dentro do tempo estipulado e no limite da faixa demarcada. Aceita-se a hipótese de que este emprego seja proveniente da analogia com a própria acepção do substantivo esteira (esteireiro). Houaiss (2001) apresenta neste verbete (esteireiro) a acepção de “indivíduo que fabrica ou vende esteiras”, e **esteirar** como “cobrir ou decorar com esteira”. Sua etimologia está assim registrada em Cunha (1982): “Tal como o castelhano *estera*, o vocábulo português se prende ao latim *storea*, com troca de sufixo. Tecido de junco, tábua, esparto, taquara etc., feito de hastes entrelaçadas, usado para tapetes etc. XIII”.

Souza (1959) faz menção apenas à forma **esteira**, que pode ser feita de couro e serve para forrar o carro-de-bois, no fundo e nas laterais.

No tocante ao trabalho do vaqueiro para domar um boi e prendê-lo, encontraram-se as formas lexicais **a pega do boi brabo** e **a dirruba do boi brabo** como de grande frequência nas respostas e narrativas que envolvem o tema. Nestas ocasiões, o vaqueiro se entusiasma com a chance de demonstrar sua valentia e aptidão:

Isso aí nós chama aqui **a pega do boi brabo**. Aí a gente vai usá o cachorro (...) o lugá onde a gente vê o cachorro acuá é porque o toro tá ali, (...) um cachorro ispicial, trenado só pra achá o boi na catinga. (Inf. 01)

Pega está reconhecida em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001) como o ato de agarrar o touro com as mãos. Bernardino José de Souza retrata em *Vocabulário do carro-de-bois* o emprego da expressão **pegar bois** como “o ato de encangar os bois, pôr-lhes a canga para o trabalho”.

Queiroz (1988) apresenta-nos **pega** com a mesma acepção daquela utilizada pelos vaqueiros da região de Teofilândia. Em seus registros de relatos de vaqueiros, muitos recolhidos na mesma área do sertão baiano em que se deu esta pesquisa, observa-se:

Eu acho que era curado ou num sei o quê, que na hora que foi pra matá... - tempão seco assim, duzentos e tantos vaquero no mato nessa **pega** – na hora de matá o boi mermo... (Ele conta a histora toda direitim!)... na hora do cara butá a faca no boi, abriu o céu assim... Trujejano! Relampiano! (Benedito Januário da Silva, Benedito vaqueiro – 47 anos, fazenda Coronel João de Sá).

5.2.2.3 O aboio ou cantiga de trabalho

O emprego de **aboio** é bastante comum na fala do vaqueiro desta região do sertão baiano. É quase sinônimo do seu trabalho com o gado, equivale a um instrumento de sua lida diária, o canto que o gado entende e ao qual responde. Esta forma é empregada para a definição do grito, da cantoria dos vaqueiros quando estão conduzindo o gado, que se caracteriza pelo som ritmado, de tons repetitivos e bastante melodioso, chegando a ser até triste. Cada variação rítmica corresponde a uma mudança na direção de condução do gado. O conteúdo de seus versos varia entre causos do dia-a-dia, alegrias e tristezas da profissão de vaqueiro, história da cidade onde moram etc.

“Melopéia plangente e monótona com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam os bois dispersos” é o registro que Ferreira (1995) apresenta para aboio, o que, segundo Houaiss (2001), refere-se a uma música, regionalismo do Brasil, “canto dolente e monótono, geralmente sem palavras, com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam as reses; aboiado”. Cunha (1982) registra a etimologia de **aboio** como derivação regressiva de aboiar, XX, que significa “guiar os bois (*bovum*, do lat.) com um canto triste”.

Tem-se o emprego de **aboio** nos exemplos:

Purque o gado, na verdade, eles gosta, quando ove aquele **aboio**. O animal se acalma, ele fica mais dóci. E o vaquero sempre só trabalha cunversano com o gado. (...) E aí usa até aqueles verso que eles fala pros animais e os animais acumpanha eles. O animal cunhece mesmo. (Inf. 01)

Tangeno... é ... bota o gado na frente, o gado vai viajano e o freguês vai acumpanhano. É **aboiano**, cantano o **aboio**. (Inf. 02)

O **aboio** é interessante porque a gente **abóia** e o gado atende o **aboio** e até acompanha a gente. (Inf. 04)

É o **aboio**. O **aboio** serve pra quem tá na guia do gado vai **aboiano** e o gado vai incentivano a segui aquele que tá na frente **aboiano**. (Inf. 05)

Acerca deste canto, tem-se: “classificado genericamente como Canto de Trabalho, canto que o acompanha os movimentos, origina-se no período colonial, quando seu uso se dava pela mão-de-obra escrava, que predominava na lavoura, na mineração e na cidade”²².

O aboio é um canto de trabalho rural que, segundo Câmara Cascudo (2005), serve para apaziguar os rebanhos, levar o gado para as pastagens ou para o curral, guiá-lo nas estradas ou orientar os companheiros na “pega do gado”.

“Canto originalmente solo e vocalizado, foi se modificando e hoje é entoado tanto em duplas, no norte de Minas, quanto em versos, em Pernambuco. Divide-se em dois tipos: o aboio da roça, vigoroso e estimulante e o aboio do gado, triste e desesperançoso”²³. O autor faz ainda uma segunda divisão em dois tipos: “o aboio cantado, monocórdio, sem letra, marcado basicamente em vogais, embora nas suas origens portuguesas e mouras tivesse letra, e o aboio em versos, de relativa modernidade”²⁴.

Ainda as palavras de Câmara Cascudo (2005) nos contam que a modernização das técnicas agropecuárias e a utilização de caminhões para o transporte e o comércio do gado decreta a extinção desta que é uma das mais belas tradições de nossa pastorícia.

Muitos foram os escritores e poetas brasileiros que se encantaram pelo canto dos vaqueiros, dentre eles, João Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Afonso Arinos.

Segundo Câmara Cascudo, “torna-se impossível identificar a notação musical deste canto, que só se aprende nas longas caminhadas que adentram as extensões semi-áridas do Brasil, onde, ainda hoje, pode-se encontrar um ou outro vaqueiro salientado como bom aboiador e ouvir o cantar agudo, magnético e de efeito dominador do aboio sobre o gado”²⁵.

²² Conforme pesquisa em site *Google*, *Missão de pesquisa folclórica*, em 02/10/06.

²³ *Ibidem*.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*.

O chamamento do pastor, quando necessita reunir o seu rebanho, é um ato antiqüíssimo. Na mitologia, a Lira de Hermes, a Flauta de Pan e as Cantigas de Orfeu são exemplos do encanto que a música pode exercer sobre os animais.

O aboio e o vaqueiro que o entoa, pobre e errante, permanecem desconhecidos em sua região e em seu próprio país. No dizer de Câmara Cascudo (1937), “o vaqueiro humanizando o gado pelo canto, é um protesto, um documento vivo da continuidade do espírito e da perpetuidade do hábito. A obstinação da herança tradicional. Felizmente, no interior do Brasil, como em tempos remotos, o aboio ainda ecoa, plangente, como um chamamento triste e orgulhoso”.²⁶

Também conhecidas como as **cantigas** de vaqueiro, estas melodias são documento vivo da tentativa de preservação da tradição do trabalho com o gado, no interior do Brasil. O receio de que o **aboio** seja extinto, com a morte da tradição da profissão de vaqueiro, e seja ouvido apenas nas festas e comemorações da cidade, como um aspecto do folclore regional, é comum na fala da população do município de Teofilândia. A cantiga do trabalho ou **aboio** pode ser considerada um grito de lamento pela sua possibilidade de extinção e alerta pela sua sobrevivência. **Aboio** pertence ao campo semântico de **cantiga**, forma bastante representativa no vocabulário da comunidade vaqueira da região. Ferreira (1995) registra **cantiga** como uma poesia cantada, dividida em estrofes iguais, canção, conversa cheia de lábria ou astúcia e, segundo Houaiss (2001), composição poética de versos curtos e dividida em estrofes, própria para ser cantada pelos trovadores; cântico, canto. Em Cunha (1982), **cantiga** está registrada como pertencente ao verbete **cantar** e significa poesia para ser cantada, séc.XIII, de formação não muito clara, talvez procedente do céltico *cantica*, derivada da raiz céltica *-can*, de mesma origem e significado que a raiz latina.

Vê-se em Souza (1959) a referência à cantiga como o mesmo que o canto do carro-de-bois: “resultado dos vários sons que produzem os eixos e outras peças do carro-de-bois, quando em movimento”.

A fala do informante 02 explica o efeito que estas cantigas exercem sobre o gado, sobre a direção da sua marcha, e documenta o emprego de **rojão**, na comunidade lingüística em foco:

Ele intende, obedece. De acordo com o grito, ele muda o **rojão**, muda o caminho.

²⁶ Conforme pesquisa em *site Google Missão de pesquisa folclórica*, em 02/10/06.

Comumente, o conhecimento que se tem acerca das expressões rítmicas populares, sejam elas cantadas ou dançadas, chega ao domínio público por meio dos seus próprios autores e continuadores, chegando a compor o que se considera o patrimônio folclórico de uma comunidade, de um povo. Tal fator tende a relegar a forma de expressão popular a um plano inferior de valorização em razão de ser considerada algo cristalizado e do passado.

As referências folclóricas ao boi, no país, são esparsas e não dão conta da riqueza que esta figura, presente na realidade e na imaginação populares, representa para o folclore brasileiro.

Aqueles saberes milenares sobre a domesticação e pastoreio do animal boi alimentaram o imaginário de diversas culturas humanas, remetendo o animal por vezes à esfera do sagrado e da criação. E a co-participação do boi na expansão de comunidades, até o povoamento de vastas áreas, como se deu no continente africano, alçou-o ao estatuto de parceiro do trabalho do homem, e um parceiro forte e estável. Hoje, parece que se divulga mais a importância do cavalo na ocupação territorial, mas pode-se dizer que “no princípio era o boi”. (BUENO, 2001, p. 46)

O boi é, assim, como o homem que lida com ele, fator importante na constituição do ambiente interiorano do país. Com a pesquisa de campo isso se torna evidente.

No Brasil, Mário de Andrade, durante o ano de 1928 e início de 1929, foi o responsável pelo grande registro etnomusicólogo feito no Nordeste. Na fase em que ressalta a expressão popular afro-brasileira, destaca-se a participação do boi.

Com relação à cultura do boi e do búfalo, tem-se estas figuras presentes nas manifestações artísticas pré-históricas africanas. Em descrições de sociedades do Nordeste africano, dos Nüer, por exemplo, vê-se a presença do boi na economia e nas relações políticas, assim como na visão de mundo e dos fluxos vitais.

Os africanos Kuvale são um povo que mantém, até hoje, um sistema de vida e sociedade centrado exclusivamente no pastoreio do gado bovino. A história da expansão bantu, no interior de Angola, pela África Central e Meridional, inclui o gado. Quanto ao pastoreio, apenas uma minoria da população conseguiu dominar as variedades maiores de gado, como foi o caso dos Tuareg, do Saara, dos Peul, da savana da África Ocidental e dos Massai das pradarias da África Oriental. Seguindo insistentemente os seus rebanhos em busca de água e pastagens, essas comunidades mantêm, até hoje, uma vida nômade na sua mais pura forma.

O totemismo boeiro africano de sobrevivência no Brasil é essencialmente de origem bantu, entre cujos povos se achava mais disseminado que entre os sudaneses.

No Maranhão e na Bahia, a presença das duas vertentes da raça negra – os Minas e os Crioulos – dos Bantu-Angola, mantiveram o culto ao boi como exemplo de força vital, de solidez adulta e de resistência.

Quanto às narrativas de boi, na literatura brasileira, a figura do vaqueiro é elevada ao *status* de herói romântico nordestino. A relação que este mantém com o boi reduz-se à criação para o abate, embora o vaqueiro tenha respeito para com o animal que guia, surgindo daí o canto do aboio. Este canto ou canção de trabalho pode ser considerado uma forma de gestualidade folclórica e este folclore nasce da necessidade de conquistar novos territórios, quando, em fins do século XVII, adentrando a caatinga, o homem do litoral torna-se vaqueiro e troca a sua vida sedentária pelo nomadismo, adquirido pela pecuária e pelo pastoreio.

A poesia tradicional sertaneja tem nos romances um dos mais significativos elementos. Difundiu-se, de início, em Portugal, em prosa ou verso, onde eram cantados nas feiras, nos pátios, nas latadas das fazendas, “esperando da Missa do Galo”, na hora das fogueiras de São João, nas festas dos oragos paroquiais, nas bodas de outora. A inspiração para esse tipo de poesia surgiu da figura clássica do tradicionalismo medieval e do folclore(...) (CÂMARA CASCUDO, 2005, p. 25)

A música, na sociedade humana, está sempre associada a uma função social, seja ela religiosa, terapêutica, política, laborial etc. Desde a Antigüidade, os gregos e os egípcios utilizavam a música para a transmissão de sentimentos e emoções, como forma de expressão do indivíduo e da comunidade. Os mais antigos versos cantados revelam que, desde os cantos geróicos gregos, já havia, nestas formas, uma tendência à função didática.

Algumas letras de aboio trazem conteúdos de origem moral, de amor, de fé, de aspectos da natureza, que são passados por muitas gerações de cantadores, evidenciando-se como elemento ético-cultural e educativo.

O poder de convencimento da palavra cantada é reconhecido não só no Brasil como também em Portugal, no século XVIII.

A palavra cantada ganha destaque, sai da corte e parte para os rincões mais distantes do sertão, assumindo formas mais simples e uma linguagem local,

pitoresca, mais de acordo com o público a que se destina, torna-se peculiar, com ares de cantigas de trabalho, pois, ao homem sertanejo poucos são os momentos de descanso. Matos (2001 *apud* CARVALHO, 2005, p.25)

É comum o uso da música no trabalho, nas mais variadas culturas contemporâneas, em que o canto é utilizado como uma forma de abrandar a aspereza do trabalho e alegrar o espírito do trabalhador. E o estudo dessa forma de expressão tem revelado importantes subsídios para o entendimento dos grupos sociais que dela fazem uso.

O canto do vaqueiro é uma retratação fiel da sua vida, seu trabalho, sua história etc.

Câmara Cascudo (1954 *apud* CARVALHO, 2005, p. 26) informa que o aboio é um

canto sem palavras, marcado exclusivamente em vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado. Dentro desses limites tradicionais, o aboio é de livre improvisação. O canto do vaqueiro apaziguando o rebanho, levado para as pastagens ou para o curral, é de efeito maravilhoso, mas sabidamente popular em todas as regiões de pastorícia do mundo.

Notou-se que os cantos de vaqueiro da região de Teofilândia apresentam a estrutura diferente dessa anterior pois agregam às seqüências de vogais versos ritimados mas nem sempre rimados, cujo conteúdo varia dos fatos do cotidiano aos da história do lugar.

Quanto à estrutura dessa forma, percebe-se a indefinição da métrica musical, a improvisação e o repente, permitindo ao aboiador recriar o verso.

O aboio é também uma forma de transmitir tradições e identidades e de mantê-las. É uma espécie de memória cultural. No aboio, esconde-se o poder da fala, a força da palavra. Nas falas dos vaqueiros, já mencionadas, mas que vale aqui lembrar, isso fica claro:

Purque o gado, na verdade, eles gosta, quando ove aquele **aboio**. O animal se acalma, ele fica mais dóci. E o vaquero sempre só trabalha cunversano com o gado. (...) E aí usa até aqueles verso que eles fala pros animais e os animais acumpanha eles. O animal cunhece mesmo. (Inf. 01)

Ele (o gado) intende, obedece. De acordo com o grito, ele muda o rojão, muda o caminho. (Inf. 02)

O aboio é interessante purque a gente abóia e o gado atende o aboio e até acumpanha a gente. (Inf. 04)

Segundo a região em que é utilizado, o aboio sofre modificações na sua forma de ser cantado. Inicialmente, o aboio, no Brasil, divide-se em aboio de roça e aboio de gado. Ao aboio de roça corresponde um dueto, que se compõe de um atirador e um respondente, tem letra e é muito comum nos mutirões do Nordeste. O aboio de gado é solo, é um canto gutural, de uma só sílaba ou também de versos unidos a esta. Há casos de aboios sem letras. No Nordeste, o aboio tem uma melodia lenta e pausada, que parece acompanhar a marcha do gado. O vaqueiro bom aboiador destaca-se, na comunidade, e é, normalmente, convidado a mostrar suas virtudes nas festas e comemorações.

O aboio nordestino é de origem moura bérbere, da África Setentrional e veio para o Brasil com os escravos mouros vindos da Ilha da Madeira. Seu conteúdo espelha a forma de viver e de pensar do sertanejo numa atitude de enaltação deste povo.

Estudar o aboio, no Nordeste, é conhecer a história do país, numa atitude de preservação da nossa identidade cultural e étnica.

Durante a comitiva, seja ao longo do caminho ou no pouso, para o descanso, os vaqueiros mantêm a tradição dos causos, cantados ou narrados. Os causos dos vaqueiros constituem a fonte para os conteúdos dos versos das **cantigas** e **aboios**. São causos de alegrias e conquistas, de tristezas e mortes, de figuras e acontecimentos imaginários que povoam a mente criativa dos vaqueiros. Ferreira (1995) apresenta **causo** como “conto, história, caso”. **Causo** é “característico do dialeto interiorano brasileiro e provém do cruzamento de *caso* e *causa*, origina-se do lat. *casus* e refere-se a acontecimento, fato, sucesso, ocorrência, XV”, conforme o que se registra em Houaiss (2001).

Câmara Cascudo (2005) registra, em sua belíssima obra de pesquisa sobre vaqueiros e cantadores, os motivos da poesia tradicional sertaneja, a qual, na maioria das vezes, é a tradução de **causos** cantada em versos. Segundo o autor,

a poesia tradicional sertaneja tem seus melhores e maiores motivos no ciclo do gado e no ciclo heróico dos cangaceiros. O primeiro compreende as “gestas” dos bois que se perderam anos e anos nas serras e capoeirões e lograram escapar aos golpes dos vaqueiros. A notícia de um animal arisco, veloz, fugindo aos melhores vaqueiros, corre de fazenda em fazenda e é comentada nas “apartações”. A lenda vai aparecendo. Um dia o dono do animal resolve mandar “dar campo”, custe o que custar, ao boi rebelde. Juntam-se vaqueiros, prepara-se comida para todos, saem para o mato. Desta ou doutra vez, o boi é derrubado, trazido, com máscara ou peado, para a humildade no curral. Incapaz de submeter-se à vida comum dos outros, abatem-no. Um cantador forja os versos. (CÂMARA CASCUDO, 2005, p.15)

Câmara Cascudo (2005) traduz com sapiência o que ocorre na região sertaneja de Teofilândia, onde os vaqueiros são personagens vivas destas histórias reproduzidas nos **causos**.

5. 2. 2. 4 Compra e venda do gado

Ainda com referência à condução do gado, vê-se que, muitas vezes, o motivo do seu transporte é a sua venda, que nem sempre é feita na propriedade onde é criado. O comércio do gado é, muitas vezes, de responsabilidade do vaqueiro e, quando é feito pelo dono da fazenda, este tem aquele como companhia. A rês ou o lote de gado a serem negociados, muitas vezes, são levados a um local específico, onde se tem a **balança** ou **balanção**. Estas formas estão presentes na fala dos vaqueiros da região para indicar o lugar onde está adaptada uma balança própria para a pesagem do gado, onde se dá a sua avaliação para a compra e a venda, isto, quando o gado não é comprado pelo olho, em pé, no próprio pasto, o que é mais comum de acontecer, na região:

Quarquê lugá. Até **na rua mesmo**. (Inf. 05)

Nóis compra o gado **em pé**, como a gente chama, eu chego na fazenda e aí, quanto é esse toro? Aí você nigucia. Agora tem também o **balanção**, que a gente pesa o toro e vai cumprá, na verdade, o que ele tem. (Inf. 01)

A gente tem o lugá certo, é a **balança**. O cabra vem comprá dois, três animal aqui, aí num tem como fazê negócio nas terra, a gente leva ele pra **balança**, pro curral. É aqui na cidade mesmo, no **matadoro**. (Inf. 03)

Com o mesmo valor semântico, a forma lexical **balança** foi encontrada em Ferreira (1995) e Houaiss (2001). Origina-se “do cast. *balanza*, derivado do lat. vulgar *bilancia* e, este, do lat. tardio *bilanx*: com dois pratos, XIII”, conforme Cunha (1982).

Com relação a **matadoro** (matadouro), observou-se que o seu emprego, na fala dos vaqueiros, refere-se a qualquer lugar onde se realiza a morte do gado, a limpeza e a divisão das partes para a comercialização, o que, na região, não significa, necessariamente, o lugar credenciado e adequado para esta atividade. Encontra-se, em Ferreira (1995) e em Houaiss

(2001), **matadouro** com a acepção empregada pelos vaqueiros: local onde se abatem reses para o consumo público.

Ao se expressarem sobre a compra e venda do gado, os vaqueiros referem-se a **lote**, com maior frequência, e às vezes, a **boiada** – apenas um informante dentre os seis – quando querem dizer uma quantidade específica de cabeças ou reses que é levada a comércio.

Vende aquele **lote** de gado que chama também de **boiada**, quando é uma quantidade maió mesmo. (Inf. 01)

É munto difice um freguês vendê um **lote** de rês. Vende mais um, dois... (Inf.02)

Ferreira (1995) registra **lote** como “conjunto de coisas ou animais de mesma espécie ou natureza” e, mais especificamente relacionado ao emprego que se observa na comunidade vaqueira, traz a acepção de “cada grupo de sete animais cargueiros”, uso comum na região de Jacobina, também interior da Bahia. Houaiss (2001) apresenta para a forma **lote**: “derivado, por extensão de sentido, grupo de animais, em número nunca superior a dez, em que se dividem as tropas de carga, cada qual entregue a um condutor.” Sua etimologia, segundo Cunha (1982), apresenta a “derivação do francês *lot*, do frâncico *hlot*: herança, parte de um todo que se distribui a diversas pessoas. XV”.

5. 2. 2. 5 O cavalo

O **cavalo**, não apenas para o transporte da boiada, mas para quase todas as atividades diárias do vaqueiro, é considerado um instrumento de trabalho e, em alguns depoimentos, foi referido como tal.

Há, segundo os informantes, dois tipos de cavalo na vida do vaqueiro: o animal que acompanha o vaqueiro no seu trabalho diário na fazenda e também leva a comitiva no transporte do gado e aquele que corre a vaquejada, criado especialmente para isso.

O cavalo é um animal muito próximo do vaqueiro, do qual ele cuida como se fosse uma pessoa da família. Cada qual tem o seu nome e chega a permanecer com o vaqueiro por anos, muitas vezes, por toda a vida do animal.

O cavalo. Tem aí. Os cavalo tão tudo aí. Os pronto pra fazê esse trabalho na catinga. Ele é criado de forma diferente. Ele dá o nome de **cavalo de campo**. Tem o cavalo **pé duro** aqui da região, tem o **quarto de milha**, que é o que corre a vaquejada. (Inf. 03)

A gente munta nele pra **inrabá** no boi na catinga, pra í pra corrê boi na pista e pra disfile. (Inf. 04)

Tem que sê um cavalo rápido, no caso de apartação. Se fô pa catinga, tem que sê pequeno, não pode sê um cavalo muito alto. (Inf. 05)

É o **pangaré**. O pangaré num presta não. Nós vende ele pra lá que ele num tem valor não. (Inf. 03)

A forma **cavalo de campo** é empregada pelo vaqueiro da região para designar aquele animal que acompanha o vaqueiro diariamente pela caatinga

Em Ferreira (1995), **campo** apresenta duas acepções que equivalem ao emprego que aqui se descreve: “terreno destinado à pastagem do gado ou ao cultivo agrícola” e “região de cerrado”, ao que acrescenta Houaiss (2001): “terreno plano e extenso destinado à agricultura ou às pastagens”. **Campo** refere-se, segundo Cunha (1982), a “planície, terreno plano. XIII. Do lat. *campus* – i”.

Quanto a **quarto de milha**, com a variante **quarto de milho**, o falante refere-se, aqui, a uma raça de cavalo cuja principal característica é a versatilidade para corridas, provas *western* em geral e trabalho no campo. Teve bastante aceitação no trabalho do campo e lida, devido à sua docilidade, robustez e velocidade. No Nordeste do Brasil, o **quarto de milha** tornou-se o melhor em vaquejada. Considerado um dos cavalos mais hábeis, é utilizado nas corridas planas, salto, prova de rédeas, tambores e balizas, hipismo rural etc.²⁷

Tanto Ferreira (1995) quanto Houaiss (2001) registram **milha** referente à antiga medida itinerária terrestre que, no Brasil, equivale a uma distância de mil braças ou dois mil e duzentos metros. E, quanto à sua etimologia, apresenta Houaiss (2001): “do latim *millia, ium*, plural de *mille* 'mil'; segundo Nascentes, latim *milium* (*sc. passum* 'medida romana de mil passos)”. Atribui-se a razão da denominação **quarto de milha** à grande resistência do animal nas provas com esta distância.

Na identificação do cavalo que não serve para a lida com o gado, foi comum o emprego de **pé-duro** e **pangaré**, formas que, muitas vezes, são utilizadas como sinônimos.

²⁷ Segundo nos informa o *site* Radar animal da Google. (16/10/06).

“Gado bovino ou cavalari que não é de raça” é como Ferreira (1995) e Houaiss (2001) nos apresentam uma das acepções de **pé-duro**, que corresponde exatamente à forma de uso pelos vaqueiros.

O uso de **pangaré** é comum na região, para a designação do que não é de valor ou de raça, em geral. Ferreira (1995) apresenta a acepção “cavalari estragado e reles” para esta forma, coincidente com o emprego observado pelos falantes, neste caso. Em Houaiss (2001), vê-se **pangaré** como “cavalari inútil, ordinário”. Verifica-se, em Cunha (1982), como “o equídeo que tem o pêlo amarelado em algumas partes do corpo. XIX. De etimologia obscura”, significado que não prevalece nos dias atuais, como consequência de uma mudança semântica.

5. 2. 2. 6 Lugar onde se cria o gado

Ao se fazer referência à cria de gado, os informantes alegaram ser comum, na região, dois meios distintos: ou o gado é criado solto, no **pasto** ou **pastage**:

Nós criamos aqui é em **pastage**, num sabe? Agora vem as estiagem, essa aí é que é o pirigo pra gente, que quando chega esta época de seca aqui na região, a gente tem que procurar outros recursos: é a palma, o mandacaru, palha de feijão, palha de milho, o sinsal. (Inf. 01)

É bem milhó. Esse **pasto** aqui tá com duas, três, quatro tarefa. Nós chama de tarefa. O animal em cima de quatro, cinco tarefa de terra, ele come mais, distraí menos a comida e, no **pasto** longo, o animal vai levar a comida nos pé... (Inf. 03)

Ou é criado preso, em **confinamento**, num **curral**, **cercado** ou **malhada**, onde pode ser alimentado com ração especial, nos cochos; ou num tipo de **pasto** de menor tamanho, também chamado **pasto** ou **pastinho**, **manga**, **manguero** ou **manguerozinho** e **malhada**, com a alimentação natural. Cada um destes espaços, cercados, provenientes da divisão do pasto em partes menores, visa ao melhor aproveitamento do alimento, devido ao sistema de rodízio: enquanto o rebanho está num espaço, o outro está se recuperando.

O que se registrou, quando os informantes foram inquiridos sobre como se cria o gado preso e sobre o nome do lugar onde isso se dá, foi:

Tem o **confinamento**, é o gado preso, ele é criado só com ração. É o gado **confinado**, é mais caro, com certeza. (Inf. 01)

Uma das acepções do verbete **confinamento**, conforme apresentado pelos dicionários consultados, identifica-se com aquela de uso na linguagem dos vaqueiros: confinar é “limitar-se, circunscrever-se, encerrar-se”.

Pastorá a noite pra num fugi nenhum toro. (...) Normalmente vai incontrá a fazenda de um amigo, na frente, vai pedi pra ele, sempre põe numa **maiada**, ali, num **pasto** pequeno, bem cercado, siguro. (Inf. 01)

O nome dele certo mesmo é **manga, manguero**. Enquanto os animal tá im um, o otro tá se recuperano. (Inf. 01)

É criado no **cercado**, no cercado. (Inf. 02)

Ah! Quando eles tão solto é num **manguerozinho** assim, aí ele fica lá à vontade. Agora, a gente só prende ele pra dá cumida. Quando tá assim dito confinamento, fica preso diário. (Inf. 03)

É **pastinho**. (Inf. 03)

É gado **de curral** mesmo. A alimentação dele é no cocho. (Inf. 05)

Dividino, quando sai dali, vem pra qui, ali tá crescono, inquanto isso. O nome é **pasto**. (Inf. 06)

Conforme se vê acima, **malhada** também serve para a designação do lugar, geralmente próximo a uma fazenda, onde se faz o pernoite do gado, quando este está sendo transportado pela comitiva.

Pasto, designando um espaço grande de terra destinado à pastagem do gado, foi observada, no *ALS*, como de emprego comum em todas as zonas fisiográficas do estado de Sergipe, conforme registro na carta 142. Normalmente, estes espaços são divididos em **tarefas** e têm aproximadamente o mesmo tamanho.

A **tarrafa** é uma medida de terra muito comum no sertão baiano e também em outras regiões interioranas do Brasil. Ferreira (1995) e Houaiss (2001) registram, dentre as acepções para **tarrafa**, aquela que corresponde a “uma medida agrária constituída por terra destinada ao cultivo da cana-de-açúcar. Do árabe ocidental *taiahâ*”. Na Bahia, uma tarrafa equivale a 4.356 m².

Ocorre, em Ferreira (1995), **manga** como de uso semelhante: “pastagem cercada onde se guarda o gado”.

Também Queiroz (1982) a registra, nos estados de Bahia, Ceará, Goiás e Minas Gerais, com o significado de “cercado para o animal”. Em seu texto, observa-se, na fala do vaqueiro Antônio Gonzaga dos Santos, vaqueiro Antônio Caboquinho ou Antonho Caxão, 74 anos, de Ribeira do Pombal:

Agora nós vamo lá na **manga** pa ocê iscuê um cavalo pra você do seu agrado. Aí ele foi; chegô lá, achô um cavalo, na fazenda, que ninguém pegava, tudo tinha medo daquele cavalo. (...)

O registro da forma **manga** como “pastagem para gado” obteve um percentual de 70% de ocorrência no estado da Bahia, com base nos dados fornecidos pelo atlas APFB, analisados por Ferreira, Mota e Rollemberg (1994), em cujo trabalho foram apontadas algumas diferenças quanto ao emprego de formas lexicais nos estados da Bahia e Sergipe.

Em ferreira (1995) e Houaiss (2001) **mangueiro** está registrada com a acepção de curral, estábulo de tamanho reduzido.

Segundo o APFB, carta 139, está presente a forma **manga**, com o mesmo significado, em todas as zonas do estado da Bahia, exceto o Litoral Norte. Em Sergipe, segundo o ALS, carta 146, o seu emprego, com referência a um tipo de pastagem arrendada, permanente, geralmente na frente de uma moradia, de uma fazenda, de até umas cem tarefas, é observado em todo o estado, sendo empregada também aí, como sinônima, a forma **mangueiro**. Está registrada no APFB, carta 139, nas zonas da Chapada Diamantina, Serra Geral, Zona de Jequié, Vitória de Conquista, Zona do Cacau e Extremo Sul.

Ferreira (1995) apresenta para **maiada (malhada)** várias acepções com o mesmo significado com que esta é empregada pela comunidade vaqueira da região. Vê-se: “tipo de curral para o gado; lugar sombreado por grandes árvores, onde o gado costuma proteger-se da soalheira, malhador; lugar onde se reúne o gado para ser trabalhado; lugar onde se costuma reunir o gado, em lotes, para passar a noite”. Houaiss (2001), além de registrar essas acepções, acrescenta para **mallhada**, “lugar cercado onde o gado é colocado a pastar por um período para estercé-lo”. Sua etimologia encontra-se em Cunha (1982), no verbete **malha**: “cabana, choupana’, XVI, do lat. *magalia -lum*”.

Queiroz (1988) traz, em sua obra, a referência a **malhada** como “área gramada, à frente da casa, nas fazendas de criação, na caatinga”:

Aí eu fui, cheguei lá, achei ele cum as vaca, toquei de vaquejada, e ele vei até assim perto da **maiada**; quano ele foi chegano na **maiada**, ele rompeu, eu rompi o cavalo nele e curri cum ele. Lá adiante eu passê o botão nele, panhê o rastro dele. (Vital Pereira dos Passos, vaqueiro Vital, 57 anos, Coronel João Sá.)

(...) ... e eu soltei o cavalo nessa nuvia! Passemo na frente duma casa, ela passô torta assim no terrero, na **maiada** grande. (Balbino José de Matos, vaqueiro Dos Limpo, 55 anos, Imburana, Coronel João Sá.)

E num relato de comitiva, diz o informante 01:

Pastorá a noite pra num fugi nenhum toro. (...) Normalmente vai incontrá a fazenda de um amigo, na frente, vai pedi pra ele, sempre põe numa **maiada**, ali, num pasto pequeno, bem cercado, siguro.

O *APFB*, carta 138, apresenta **malhada** como um tipo de pastagem cercada para cavalos e bois, presente na zona do Recôncavo baiano.

5. 2 .2. 6.1 Tipos de madeira para cercar o local onde se cria o gado

Para o limite e proteção dos **pastos** ou **mangas**, o que se usa, segundo o que se registrou da fala dos informantes, é a cerca de arame farpado com estacas de madeira da região. A madeira utilizada na região é bastante diversificada e, apesar de típica da vegetação da caatinga, comumente de tronco retorcido e fino, parece ser resistente para a utilização como cerca.

Há as seguintes formas lexicais para a designação dos tipos de madeira utilizados, na constituição de um vasto subcampo semântico dentro do léxico do vaqueiro da região:

- algaroba;
- aroeira;
- braúna;
- calombi;

- candeia;
- canela-de-véio;
- canelero;
- carrancudo;
- gerena;
- inchada;
- jurema;
- maçaranduba.
- pau-de-rato;
- sabiá.

O informante 01 cita :

Aqui o que a gente usamos aqui é a **istaca**. Aí, vareia muntcho. Nós temos aqui a istaca de **algaroba**, de **sabiá**, de **jurema**, **candeia**. **Canela-de-véio** é pra istaca também, é muntcho boa, muntcho risistente ela.

Outros informantes demonstraram conhecer as várias espécies de madeira com que fazem a cerca para o curral, empregando formas às vezes sinônimas das já apontadas:

Agora só tá usano é a **istaca** e o **arame**. Antigamente, quando fazia o roçado, fazia cerca de madeira. A **canela-de-véio** não ingrossa. Agora tem uma madeira que ingrossa muito, que é a **algaroba**. Tem a **cerca de vento**. (Inf. 02)

A madeira é um pau que chama **canela-de-véio**, é a maderinha fina, certinha, risistente, tirada na catinga mesmo, daqui da região. Aqui tem uma cerca, a gente chama **cerca-de-vento**, é... ela é im pezinha assim. É bem feita, bem fechadinha, quase que num vê nada... É feita cum essa madeira mesmo, **canela de véio**. (Inf. 03)

Essa madeira fina aí chama **canelero**. Já as **istaca** chama de **inchada**, chama **aroeira**, desses poste aí que tem as casa aí chama **braúna**. Tem vários tipo de madeira, tem o **carrancudo**. O que nós mais usava aqui era a cerca de madeira, mais, de acordo cum os tempo aí, as época, a madeira se acabô, aí a gente usa o **ripão**. (Inf. 04)

Istaca, morão. A madeira mais comum que tem aqui é a **algaroba**. Tem outras, a **gerena**, **calombi**, **pau-de-rato**. (Inf. 05)

Jurema, maçaranduba, agaroba, sabiá. São essas os poste que sigura o arame farpado. (Inf. 06)

Algaroba está registrada, em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), no verbete **alfarroba**: planta, de origem árabe. Cunha (1982) apresenta-nos a lexia **algaroba** como proveniente “do árabe *alfarroba*, de al -harruba, pelo cast. *algarroba*, planta da família das leguminosas. XIV”. Pôde-se perceber que esta árvore, além de ser a matéria-prima mais comum para a confecção da cerca dos currais e propriedades, fornece pequenas vagens que compõem a mistura denominada **núcleo** pelos vaqueiros, oferecida ao gado, quando este está confinado.

A forma **sabiá**, que designa um tipo de madeira muito utilizado para as cercas, citada anteriormente pelos informantes 01 e 06, não corresponde ao significado com que é registrada nos dicionários consultados. **Sabiá**, aqui, não se refere a um tipo de pássaro. Não se constatou a razão do emprego de tal forma pelos vaqueiros, principalmente por não se ter percebido uma descrição comum do tipo de madeira.

Para **jurema**, Ferreira (1995) registra: “arbusto ou arvoreta armada de espinhos, da família das leguminosas (...), madeira dura, pouco utilizável”. Houaiss (2001) registra-a mais especificamente como

árvore (*Pithecellobium tortum*) da fam. das leguminosas, subfam. *mimosoídea*, nativa do Brasil (PA ao RJ), de caule tortuoso, com casca malhada, ramos em ziguezagues, armados, madeira usada em marcenaria e obras internas, de folíolos delicados, flores esverdeadas e vagens coriáceas, escuras e arqueadas; angico-branco, jacaré, vinhático-de-espinho.

E quanto à sua etimologia: “do tupi; formado de *yu* 'espinho' + *rema* 'em que vasa'; f.hist. 1782 *jerema*, 1817 *gerêmma*, 1865 *jurema*”. Cunha (1982) apresenta-nos **jurema** como “uma planta da família das leguminosas, *jerema* 1782, *geremma* 1817 etc. Do tupi, mas de étimo indeterminado”.

Queiroz (1988) traz, no seu glossário botânico, o emprego de **jurema** como uma arvoreta muito espinhosa. É comum a referência a esta forma, na literatura sertaneja, por ser esta árvore pertencente ao meio seco da caatinga e de grande serventia ao sertanejo, não apenas do Nordeste, conforme o que se vê em Rosa (1956): “Depois de madrugada, de guardado eu bebia um chá de **jurema**, me restabelecesse todos os ânimos.”

Ferreira (1995) traz a forma **candeia** como designação comum a várias plantas da família das compostas, gêneros *Lychnophora*, *Piptocarpha*, *Vanillosmopsis* e *Vermonia*. Vê-se em Houaiss (2001)

árvore de até 10 m (*Piptocarpha rotundifolia*), nativa do Brasil (BA até MG, SP, GO), de folhas coriáceas, flores aromáticas roxas e aquênios glabros; infalível, macieira-do-cerrado, paratudo. A madeira é própria para marcenaria e carpintaria, e as folhas e flores são medicinais, de efeito anti-sifilítico (...) árvore de até 6 m (*Vanillosmopsis erythropappa*), nativa do Brasil (BA até MG, SP), de folhas oblongas, flores amarelo-pálido ou cor de palha; ocorre esp. no cerrado; cambará. A madeira é branca e própria para a construção naval.

Queiroz (1988) traz esta forma com a mesma acepção identificada nos dicionários citados.

O emprego de **canela-de-véio** ocorre para um tipo de madeira fina, mas resistente, também comum na região, o que talvez explique, por metáfora, a sua designação. Nos dicionários consultados, verificou-se a forma **canela** para designar a árvore de cujo tronco ou casca se retira a especiaria de mesmo nome. Sua etimologia encontra-se em Cunha (1982):

do fr.ant. *canele*, hoje *cannelle* (1^a met. sXII), der. de *canne* 'cana' + suf. *-elle* em função da forma de canudo que toma, depois de seca, a casca da árvore da canela; Corominas observa que o it. *cannella* pode documentar-se desde 1194 no b.-lat. de Gênova; especiaria, teria sido trazida do Oriente pelos italianos, sendo, em seguida, levada à França, de cujos portos iria para Portugal; a acp.1 pelo lat.cien. gên. *Canella* (1756); lat. **cannella*, em vez de *cannùla,ae* 'pequena cana'; ver *can(i)-*; f.hist. sXIV *canela*, sXIV *canella*, 1712 *canela* 'canudo de fiar'.

Em Ferreira (1995) e em Houaiss (2001), tem-se **canela-de-velha** como “árvore (*Miconia serialis*) da fam. das melastomatáceas, nativa do Brasil (Amaz.), com madeira própria para a construção civil, casca tanífera, folhas oblongas, flores em cimeiras terminais e bagas globosas”.

Quanto à literatura de cunho regional, apenas em Queiroz (1988) vê-se registrada a forma **canela-de-véio** (canela-de-velho) com a acepção identificada na fala dos vaqueiros; também conhecida como quebra-facção, é uma planta da família *Compositae* (*Asteraceae*).

O tipo de cerca que se observou com o nome de **cerca de vento** equivale a uma cerca feita com troncos finos porém bastante resistentes, na maioria das vezes, da madeira **canela-de-véio**, justapostos de forma a quase impedir a visão através da cerca.

Canelero (caneleiro), segundo o que se observou, refere-se a uma madeira também muito fina e encontra-se em Ferreira (1995), com a acepção de “um pássaro cor de canela”. Observa-se o registro de **canelinha**, nesta mesma obra, como “arbusto ou pequena árvore das família das lauráceas (*Ocotea pulchella*), de folhas pequenas e baga pequena, dipsóidea, canela-do-brejo”, coincidente com a acepção empregada pelos vaqueiros.

Inchada designa um tipo de madeira mais grosso, utilizado como **estaca** ou **mourão** para o suporte da cerca.

Mourão ou **moirão**, segundo Ferreira (1995), refere-se a “um pau que sustenta o arame nos alambrados e cercas”. Houaiss (2001) apresenta a acepção: “cada uma das estacas mais grossas ou postes nas estacadas, à qual são fixadas horizontalmente varas mais finas, formando uma cerca” para a lexia **mourão**. E ainda “de orig.contrv.; entre outras hipóteses insatisfatórias, tem sido ligado ao esp. *morón* 'monte de terra ou pedra', talvez de orig. pré-romana, assim como à cognação de *morena*, à de *mouro*, à de *mouchão* etc.; f.hist. 1008 *Mouran* top., 1262 *mouron*, 1716 *mourão*”.

Com relação a esta forma, encontra-se, na obra de Cunha (1982): “estaca na qual se sustenta a videira, esteio grosso ao qual se amarram reses. 1813. De origem incerta”.

Souza (1959) traz o registro de **moirão (mourão)** como “esteio grosso, roliço, firmemente fincado no solo, onde se amarram os bois chucros, para tratá-los ou para iniciar a doma, para a utilização em carro-de-bois.”

“Pau que se finca em terreno para marcar, suster etc.” é a acepção que Ferreira (1995) registra para **estaca** e também a que se observa na fala dos vaqueiros. Em Houaiss (2001), lê-se **estaca** como “peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo, para usos diversos (suporte a um objeto, para formar estacada etc.)”. Cunha (1982) registra **estaca** como “peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo para a sustentação. XIV. *Estaga* . XV. Do gót. *Stakka*.”

A forma **aroeira** é de uso corriqueiro entre os informantes e é uma árvore que faz parte do cenário das regiões secas do Brasil. É uma árvore ornamental, da família das *Anacardeáceas* (*schnus molle*), de madeira útil, cuja casca possui várias propriedades medicinais,

cujos frutos, drupáceos contêm matéria tintorial rosa, de acordo com Ferreira (1995) e Houaiss (2001). Sua etimologia está em Cunha (1982) e refere-se a “uma planta ornamental, da família das *Anacardeáceas*. *Daaroeyra XV*, *adaaroeyra XV*, do ár. *daru* ‘lentisco’ + ‘eira’; na forma atual, houve aférese do *da-*, confundido com a proposição: daaroeyra: da aroeira”.

Queiroz (1988) traz, relativo a **aruera (aroeira)**: *Schinus terebentifolius*. Rad. família anacardiáceae. Planta bastante popular.

Baraúna (braúna) está registrada em Ferreira (1995) como uma árvore típica do Nordeste brasileiro, da família das anacardiáceas (*Schinopsis brasiliensis*), muito comum na caatinga, chega a atingir 12 m de altura, de folhas aromáticas, ramos espinhosos, flores alvas e muito pequenas e frutos alados. A madeira é duríssima e muito usada na construção externa, serve para dormentes. Também chamada de **canela-baraúna**. Em Houaiss (2001), vê-se, além desta mesma acepção, o registro de outros nomes para este tipo de madeira:

braúna-do-sertão, braúna-parda, coração-de-negro, ipê-tarumã, maria-preta-da-mata, maria-preta-do-campo, parova-preta, pau-preto, pau-preto-do-sertão, paravaúna, parovaúna, perovaúna, quebracho, quebracho-colorado, quebracho-vermelho, ubirarana.

Cunha (1982) a registra como de origem tupi: *ibi rá una*, *imi ra* (árvore)+ *una* (preto, negro). *brauna* 1765, *brahúna* 1817 etc.

Em Queiroz (1988), tem-se o registro do mesmo emprego apresentado por Ferreira (1995) e Houaiss (2001).

O vaqueiro emprega **ripão** para designar aquela estaca ou mourão que se compra em depósitos de madeira, já em condição de uso, no tamanho e forma adequados para a confecção da cerca. Muitos alegam, com tristeza, a necessidade de se comprar o ripão pronto, hoje em dia, devido à falta da madeira na caatinga. Ferreira (1995) e também Houaiss (2001) nos apresentam a forma **ripa** como um pedaço de madeira comprido e estreito, fasquia, verga, sarrafo. A etimologia de **ripa** diz de sua provável origem gótica: “*ribjô*, ‘costela’, do séc. VII: através do arcaico *ripia* (do espanhol *ripia*, 1269)”: “pedaço de madeira, comprido e estreito, sarrafo”, conforme se vê em Cunha (1982).

Souza (1959) faz referência a **ripa** como uma madeira longitudinal usada para o suporte dos carros-de-boi.

O que se observa é que tanto **ripão** quanto **estaca** e **mourão** equivalem a um tipo de corte da madeira utilizado para a sustentação dos fios de arame na cerca e não a madeira propriamente dita.

As formas **jurema** e **gerena** equivalem a um mesmo tipo de madeira, de acordo com Houaiss (2001) e o que se pôde documentar dos vaqueiros..

Dos dicionários consultados apenas Houaiss (2001) registra **calumbi**, cujo emprego é muito comum entre os vaqueiros da região, como planta da espécie angiosperma, da família *Mimosa malacocentra*, também conhecida como unha-de-gato. E o autor traz a sua etimologia como “orig.contrv, do tupi *caá-r-omby* 'a folha azul, o anil'.”

Com relação a **calumbi**, variante de **calombi**, Queiroz (1988), em seu glossário botânico, registra: “planta da espécie *Acácia paniculata Willd*, da família *Leguminosae, arboreta*. Nomes populares: rompe-gibão e unha-de-gato”.

Pau-de-rato é também uma madeira bastante utilizada para a confecção da cerca na região. Queiroz (1988) a registra como um arbusto da família das leguminosas, da espécie *Caesalpinia microphylla M*. Planta ornamental, também chamada **catigueira** ou **catanga-de-porco**:

Eu num tava nem cum prego virge no bolso do jaleco. Eu sempre acostumava levá... andá, sempre andá, mas nesse dia eu num tava, puxei o facão e fiz um prego desse **pau-de-rato**, que chamam **catanga-de-porco**, aí fiz um prego assim, fiz uns três e aí... (...) (Manoel Barreto dos Santos, vaqueiro Manoel, 67 anos, Coronel João Sá)

É no verbete **catigueira** que Ferreira (1995) registra **pau-de-rato**:

arbusto (*Caesalpinia pyramidalis*) da família das leguminosas, muito comum da Bahia ao Piauí, de flores amarelas, cujo fruto é uma vagem. Sobrevive em lugares pedregosos e, durante a seca, serve de alimento para o gado. Também chamada de pau-de-porco, **pau-de-rato** e catanga-de-porco. **Catigueiro** é também aquele que habita a caatinga.

Com relação a **maçaranduba**, vê-se, na mesma obra,

árvore da família das *sapotáceas*, *Manilkara elata*, produtora de madeira de lei de cor vermelha, dura e resistente, muito utilizada para construção externa”, o que Houaiss (2001) completa: “árvore de até 35 m (*Manilkara elata*), nativa do Brasil (BA, ES, RJ), de folhas com brilho metálico e madeira vermelha, usada em obras externas, estacas, vigas e mastros; aparaiú, gararoba, maçaranduba-de-leite, maçaranduba-de-marinha, maçaranduba-verdadeira, maçaranduba-vermelha.

A etimologia de **maçaranduba** está, em Cunha (1982), registrada como “planta da família das sapotáceas, *moçorandigba*, 1584. Massaranduba, 1711. Do tupi *mosarani’ iua*”.

5. 2. 2. 6. 2 Fechamento da propriedade ou do pasto

Quando se comenta sobre a proteção da propriedade ou do pasto, os vaqueiros enfatizam a importância de se fazer uma **porteira** bem feita e destacam a diferença entre uma **porteira** e uma **cancela**. Na verdade, eles diferenciam os conteúdos semânticos referentes a **porteira**, **cancela** e **conchete (colchete)**:

O mais conhecido é a **cancela**. Agora tem aquele também que faz do próprio arame farpado que chama **conchete**. A **cancela** é de madeira, é feita de tábuas. A **portera** é feita com o pau, **pau de corrê**. (Inf. 01)

A **portera** usa dois morão, um aqui e outro ali furado, agora tem aqueles **varão**, de madeira, que o freguês corre assim de um lado pro outro. (Inf. 02)

Abri aqui é a **cancela**. Antigamente, era a **portera**. Hoje, é a **cancela**. A diferença é grande, né. Porquê o pau da **portera** (...) tinha que abri todo e um boi vinha e batia. Às vezes tava prendendo um gado brabo, ele **espapocava** em cima da pessoa. Ele via a **portera** aberta. A **cancela** logo já é ligera. Acabô de entrá, acabô de batê, pronto! Ela é milhó, é mais segura (...) e a **cancela** fecha toda de vez. (Inf. 03)

A gente, pra fechá, a gente usa **conchete**, **cancela**. A **cancela** é de ripão e o **conchete** é do próprio arame.” **Portera** é de morão, de pau de corrê. (Inf. 06)

Segundo o que se observa, a **porteira** é feita com dois mourões que esticam os fios de arame, um de cada lado; já a **cancela** é um trançado de paus de madeira, que podem ser dispostos em forma de xis ou de cruz; o colchete constitui-se de alguns fios ou apenas um fio de arame farpado, que, com um anel ou gancho, prende-se ao mourão.

Ferreira (1995) traz a acepção de “portão de entrada em propriedades rurais, **cancela**” para a forma **porteira**. Em Houaiss (2001), tem-se **porteira** como “largo portão, não muito alto,

que fecha a entrada de fazenda, sítio etc.; **cancela**.” Sua etimologia, conforme Cunha (1982), está relacionada a **porta**, do lat. *porta -ae*. XIII.

“Porta gradeada, em geral de madeira e de pequena altura, **porteira**” é o que Ferreira (1995) registra acerca de **cancela**, ao que Houaiss (2001) acrescenta: “grande na extensão mas de pequena altura, muito usada em fazendas, sítios etc., **porteira**. Em Cunha (1982), **cancela** vem registrada no verbete *cancello*, que se refere a uma grade nobre, nas portas de audiência dos juízes, tribunais etc. Do lat. *cancelus*. XVI. O mesmo que **porteira**.

O que se verifica, portanto, é que a distinção entre **porteira** e **cancela**, feita pelos vaqueiros da região, não está registrada nos dicionários consultados.

Quanto a **colchete**, registra-se, tanto em Ferreira (1995) como em Houaiss (2001), o que diz respeito a um gancho de metal, usado em utensílios, roupas etc. O que, conclui-se, é adequado ao emprego documentado.

Verificou-se também o emprego de **varão** para a designação do pau de madeira que se usa cruzado entre os dois apoios (mourões) da porteira.

Varão, com a acepção com que é empregada pelos vaqueiros, está registrada em Ferreira (1995), dentre outras acepções, com o significado de vara grande.

Souza (1959) apresenta o emprego de **varão** com o significado de uma parte do cabeçalho do carro-de-bois, que sustenta eixos.

5. 2. 2. 7 As dificuldades

A maioria das atividades diárias do vaqueiro envolve situações de perigo e imprevistos. Com relação aos problemas e dificuldades mais comuns enfrentados pelos vaqueiros, na região, o que se verificou foi a constante preocupação com a presença de animais peçonhentos como cobras e aranhas; as doenças do gado para as quais ainda não se tem o recurso da vacinação, como o quarto-fofo, por exemplo, e a aspereza da vegetação – a caatinga oferece resistência à sua penetração e a seca é predominante, a maior parte do ano, nesta condição climática. A chuva, quando é farta, ocorre por quase três meses, normalmente de maio a julho, mas isso não acontece todos os anos. É quando os habitantes providenciam o armazenamento da água da chuva, seja em tanques de cimento, para onde escoam a água das calhas, seja cavados na

terra, numa espécie de açude. Nessa época também se aproveita para plantar, especialmente o feijão e o milho. Os outros meses do ano são de seca.

O vaqueiro, na sua lida diária, está exposto a diversos infortúnios, cujos exemplos estão apontados nas formas lexicais em destaque nas falas:

Uma das coisa mais comum sempre ele correno na catinga acuntece muntchas veiz, ele caí, **istrepá** em ponta de pau. Muntchas veiz o toro também, ele é muntcho bravo ali, (...) já acunteceu de **furá o cavalo**, pegá o vaquero. **Perdê até o animal** também. Já hove caso de vaquero **perdê o olho...** (Inf. 01)

... numa pega de boi... o vaquero tinha discido numa cacimba, tipo uma fossa pra tirá água. Todo incorado...O cavalo caiu e ele **caiu de cabeça...** já tava morto. (Inf. 01)

Ele **caiu uma queda**, no terrero. O boi impinô com ele e ele **quebrô uma perna**. E dispois ele foi fazê uma carriage num burro, numa carroça, ele **quebrô a perna** de novo. (Inf. 02)

A forma **istrepá** aparece aqui com um valor semântico que extrapola o que está registrado em Ferreira (1995) e Houaiss (2001): “estregar: ferir com estrepes (pedaços de vidro partido, puas de ferro etc., que encimam os muros para impedir que sejam escalados)”. Cunha (1982) registra **estregar** no verbete **estrepe**, como “‘espinho’, ‘pua de madeira ou ferro’ XVI. Do latim *stirps* –is.

Estregar, conforme empregada na fala da comunidade vaqueira, corresponde a ferir com galhos secos, espinhos ou farpas, composição típica da vegetação de caatinga, comum na região.

A dificuldade é de acordo us tempo. Quando a coisa tá **apertada**, como tava, há uns quinze dias pa trás, o vaquero andava aqui apertado. Mas agora num tá nem um tanto, antes era pur causa da **seca**, mas agora chuveu, melhorô. (Inf. 02)

Vê-se que a forma **apertada** foi empregada, neste caso, para designar uma situação difícil, que exige uma providência urgente, a necessidade de transporte do gado devido à escassez de pasto, durante o período da seca, por exemplo.

Ferreira (1995) traz, no verbete **aperto**, a acepção referida pelos vaqueiros: “ato ou efeito de apertar-se, angústia, aflição, situação difícil, abertura, apuro”. O que se vê também em Houaiss (2001).

Conforme manifestação do informante 04, outra questão que preocupa o vaqueiro é o parto. Para um dos imprevistos que podem ocorrer com a vaca, nesta situação, os falantes empregam **dispachá**:

As veiz o animal pariu e tá cum pobrema de **dispachá**... É botá a placenta pra fora. As veiz a gente luta com sal mineral é pra ivitá que chega a esse caso.

Conforme a acepção registrada em Houaiss (2001), **despachar** é um regionalismo do Brasil, de uso informal, que significa dar à luz, parir. E este mesmo autor traz a sua etimologia como “do provençal antigo *despachar* 'id.' e, este, do francês antigo *despeechier* (sXIII, atual *dépêcher*), derivado, com mudança do pref., do fr. *empeechier* < lat.tar. *impedicare* 'travar', de *pedica* 'laço que prende os pés', der. de *pes*, *dis* 'pé' ”.

Pôde-se observar que **dispachá** é também empregada em Queiroz (1988), mas com a referência ao parto em sentido geral:

No outro dia fui ispiá se tava normal, se a vaca tinha se **dispachado** bem, então, deixei lá, digo: esse, num vô tirá ele da vaca não! (José Francisco dos Santos, vaqueiro Zé do leite – 61 anos. Fazenda Cabo Verde, Cícero Dantas. Bahia.)

Outros depoimentos esclarecem as preocupações cotidianas dos vaqueiros com relação às doenças e ao ataque de animais que podem levar a rês à morte:

As coisa sempre... agora... acuntece quando aduece um animal, aí fica difice, a gente procura um veterinaro que cunhece muntcho. (Inf. 03)

Todo tipo de duença aqui a gente elimina com remédio. O pirigo aqui mesmo é só a cobra, a jararaca, aquela coral, que é pirigosa... (Inf. 03)

Coisa que eu acho mais triste assim é quando aduece uma rês, quando morre. (Inf. 05)

5. 2. 2. 8 As crenças e superstições

Para finalizar os depoimentos sobre o campo lexical relativo ao trabalho com o gado, devido à necessidade de se dar seqüência à análise que aqui se propõe, nunca, neste caso, pela escassez de dados, conclui-se esta parte com a transcrição de narrativas de alguns episódios inusitados, que envolvem superstições e lendas, vivenciados pelos informantes, situações que, muitas vezes, chegam a constituir diversão ao seu trabalho diário. Os casos contam da bravura deste homem sertanejo, diante da imprevisibilidade característica da profissão de vaqueiro:

(...) Esse boi tem uma **maçã**. É difíce de se pegá. A maçã é uma pedra que tem no bucho. (...) Eu já abri e tem cabelo de todos animal no mundo tem dentro dela. Ela é pretinha... É difíce, né todo animal não. Agora aquele que tivé aquilo, é difíce de pegá. Esse boi é **ideado**. Coisa da natureza mesmo. Dá trabaio pra pegá, porque ele fica munto sabido. (Inf. 03)

(...) Nu otro dia, a gente saía deiz, doze, vinte vaquero pro mato, aí dizia assim ‘eu vô pegá esse boi premero. Nós fomo pegá o animal, o cavalo quebrô o pescoço... e **o boi foi imbora** na hora, aí é que eu fui **inrabá** o boi mesmo... (Inf. 03)

Quando um bizerro corre, é tipo uma **diversão**, a gente corre atrais. Aposta se vai pegá, sigurá ele. (Inf. 05)

A forma **maçã**, com a acepção empregada pelos vaqueiros da região, está documentada em Queiroz (1988) como

pequeno corpo, semelhante em formato à maçã, que pode ser encontrado no interior do organismo de bois, vacas bezerros e outros animais. Possui, junto aos vaqueiros, as mais diversas designações e significados. Sua descrição varia conforme sua origem, parte do animal onde é encontrado, forma e constituição. Maçã, fruta, pedra, ovo, caroço, pacote, bolo, bolo de cabelo, bolinho, bolsinha, tabuazinha, pedra de vazá, pinha, lâ, são algumas das designações encontradas. (...) ... afirma-se também que se forma a partir dos pêlos que são deglutidos pelo animal, em função do seu hábito de lamber; ou mesmo ser proveniente do bagaço do ouricuri. Muitos vaqueiros dizem que tal corpo é incorado – revestido de couro – e forrado de pêlos. Alguns chegam a afirmar que sua constituição é a própria carne.

Os vaqueiros da região de Teofilândia atribuem à **maçã** ou **mançã** um significado místico, acreditando ser este corpo gerador de força e bravura e tanto o animal que o possui

quanto o vaqueiro que o guarda são acometidos por este poder e dificilmente vencidos. Dizem que esse corpo nasce com o animal.

Houaiss (2001) registra **maçã** como “bezoar ('pedra') encontrado no estômago do gado bovino e do jacaré”.

Quanto ao emprego de **ideado**, Queiroz (1988) traz como exemplo, em seu texto, a fala do vaqueiro Antônio Alves Moreira, vaqueiro Antôim Taioca, 67 anos, Jeremoabo, Bahia:

Diz que a nuvia tinha uns trapai aí, eu num sei... Sei que trapai ela teve, porque se acabô-se nesse dia, tá intendo? Agora, eu num sabia... sei o Padre-Nosso! Mas que me diziam que com faca, tirano o sangue, discubria... e ela era **ideada** mermo! Tinha um mistero, né? Finado meu pai m'insinava que gado assim, tirano um sanguinho...

E, em glossário da mesma obra, vê-se: rês que tem idéa ou maçã. O mesmo que misterioso. Diz-se também do vaqueiro que tem poderes para idear reses. A que são atribuídos os sinônimos curado, imendracado, impautado com o cão, mandingado, preparado, preparado cum as coisa, veiacó.

5. 2. 2. 9 O futuro da profissão

Ao serem questionados sobre o futuro da profissão de vaqueiro, na região, a maioria revela um sentimento misto de orgulho e tristeza: orgulho por fazer a história da região e, conseqüentemente, do país – e a maioria tem consciência disso; tristeza, por temer o desaparecimento da tradição – a vestimenta, o aboio, a vaquejada etc. – e, conseqüentemente, da profissão. Durante a gravação dos relatos, ficou transparente a emoção que toma conta do vaqueiro, ao tratar desse assunto:

Tem pessoa ... que tem dez numa casa e só tem um vaquero. Aqui muntos que é vaquero, que toma conta de fazenda, num ganha dinheiro, ganha um quarto de bizerro. Tem munto vaquero aqui porque **quem tem três, quatro rês já é vaquero.** (Inf. 01)

É **tradição de família**.(...) Sempre vai passano de pai pra filho, pra neto, pra bisneto. Na minha família mesmo é uma **descendência** que sempre lutô como vaquero. (Inf. 01)

Daqui a uns ano, **a catinga mesmo** tá acabano, só tem mesmo **pastaria**. Daqui a uns cinco, deiz anu, esses minino novo que tá vino aí, eles num vão sabê nem o quê que é um **gibão**, uma **pernera**... Só aquela que o pai dexá pindurado num tronco... (Inf. 03)

É porque a profissão de vaquero aqui... A maioria dos patrão num dá valor aos vaquero não (...) **Meu pai foi vaquero mais de trinta ano**, morreu, dexô nós nessa vida (...). É gostá, tê amô ao gado, é, é munto bom a gente mexê cuns animal assim. (Inf. 03)

5. 2. 3 Instrumentos para o manejo com o gado

O campo léxico referente aos instrumentos de trabalho do vaqueiro, nesta região, é rico e extenso. Apesar de alguns terem sido destacados como indispensáveis para o dia-a-dia do manejo com o gado, todas as formas lexicais recolhidas nos inquéritos foram aqui transcritas e analisadas. O acervo foi aqui organizado em subcampos, visando à melhor organização e entendimento. Estão presentes na fala do vaqueiro do sertão baiano, relativas aos instrumentos de uso diário, as formas lexicais:

1- Para impulsionar o gado:

- taca;
- ferrão;
- ispora;
- vara-de-ferrão;
- guiada.

2- Para aprisionar o gado:

- corda;
- corda-de-coro;

- corda-de-garupa;
- laço;
- peia;
- chinha.

3- Para controlar e conduzir o gado:

- argola;
- furniga;
- cabresto;
- arriadô;
- canga;
- cambão;
- cabrana;
- careta.

4- Para marcar o gado:

- sinal;
- ferro-de-marcá.

5- Para retirar o chifre do gado:

- ferro-de-mochá;
- ferro-de-ismochá.

Tais ocorrências estão distribuídas conforme o campo léxico relativo à sua função e utilidade.

5. 2. 3. 1 Para impulsionar o gado

Verificou-se o emprego de **taca, ferrão, ispora (espora), vara-de-ferrão e guiada** para a designação do que se utiliza para fazer o gado andar, mudar a sua direção, orientar a sua marcha.

A forma **taca** é bastante comum na fala do vaqueiro. Considerada objeto imprescindível à rotina do vaqueiro, designa uma espécie de chicote feito de couro trançado, contendo uma haste rígida e uma ponta maleável, para bater no lombo do boi ou do cavalo com o objetivo de estimular a sua marcha:

Aqui a gente cunhece como **taca**. É toda de coro. O vaquero sem uma taca no braço ele tá disarmado, num tem defesa nenhuma, pra batê num cavalo, batê num toro, pra ispanotá um animal, pra andá mais rápido... (Inf. 01)

Nóis usa a **taca**, que a gente chama **a taca** e a **ispora** no caso. (Inf. 03)

Com a **taca** o vaqueiro também impulsiona o gado para subir na embarcadeira e ganhar o caminhão, para o seu transporte, conforme o que se documentou do informante 01:

É, sempre a gente usa uma taca, um ferrão. Pra cum quê ele não quêra chegá até o transporte e voltá.

O que se verifica, em Ferreira (1995), que mais se aproxima do emprego observado na fala vaqueira, com relação a taca, é a referência à expressão “meter a taca em”, que corresponde a “meter o pau”. Houaiss (2001) registra a acepção “fasquia de madeira em forma de bordão e presa ao pulso por uma correia, empregada para castigar os escravos; mangual, relho.” E sua etimologia corresponde a “orig. contrv., ‘talvez palavra expressiva, lembra o golpe’; há quem considere ser f. afer. de ataca (< regr. de atacar) ou regr. de tacar; cp. tacho.”

Souza (1959) registra as formas manguá, macaca, muxinga e chiqueirador com o mesmo valor semântico de taca.

O APFB, carta 155, traz o seu emprego como “açoite para animais”, em todas as zonas do estado, exceto o Baixo Médio São Francisco, o que ocorre também em todo o estado de Sergipe, segundo o ALS, carta 155, com o mesmo significado.

Para instigar o animal, especialmente o gado, quando não quer andar, usa-se, na região, além da taca, o ferrão.

Tem o ferrão, que quando o boi num qué entrá, fica amuano, aí fura ele com ferrão e aí ele anda pa frente. (Inf. 05)

Ferreira (1995) bem como Houaiss (2001) registram ferrão como “ponta aguda de ferro, aguilhão”.

Queiroz (1988) traz essa forma com o mesmo significado que o encontrado em Ferreira (1995):

Aí pegô o boi. Mas na passage do Tombado, lá no Lamarãozinho – um lugá chamado Lamarãozinho – tinha vento, tinha um vento... o boi correu de novo! Aí eu cumecei dá nesse boi de **ferrão**, brigá, batê o cavalo na cabeça dele. (Pedro Samuel de Andrade, vaqueiro Pedro de Zú, 45 anos, Inhambupe)

Em Souza (1959), **ferrão**, sinônimo de **vara-de-ferrão**, designa o instrumento com que o carreiro tange os bois no carro-de-bois. É feito de uma ponta de ferro bem aguçada que se crava na extremidade mais fina da vara.

O depoimento do informante 02, transcrito abaixo, constitui exemplo da riqueza vocabular do vaqueiro da região, quando apresenta outra opção para a referência a este instrumento:

Tem deles que usa até uma **guiada**. Quando vai cum gado que tem deles que é remetedô, muntos carrega uma **guiada**. É uma varinha curta cum prego na ponta. Quando o boi foge, eles tem uma corda-de-garupa.

Com relação a **guiada**, Ferreira (1995) a apresenta como variação de **aguilhada**, que corresponde a vara comprida, com ferrão na ponta, usada para tanger bois, o que Houaiss (2001) complementa com: “us. para picar os bois, guiando-os ou estimulando-os no trabalho, aguilhadas”, cuja etimologia é “lat.vulg. **aquileata* (red. de *pertica* **aquileata* 'vara com aguilhão') ou lat. *aculeáta* 'bastão provido de aguilhão', der. do lat. *aculèus, i* 'aguilhão, ferrão”.

Queiroz (1988) registra **guiada** como o mesmo que **ferrão**. Souza (1959) registra o seu emprego, no interior da Bahia, para designar “uma vara curta e grossa, com um grande ferrão na extremidade mais delgada, usada pelos vaqueiros para topar os bois bravos e zangados que arremetem” e topar é feri-los de frente com o aguilhão, acepção que equivale ao emprego que se observa na região em estudo.

5. 2. 3. 2 Para aprisionar o gado

Têm-se aqui as formas lexicais **corda**, **corda-de-coro** (corda-de-couro), **corda-de-garupa**, **laço**, **peia** e **chinha** com a função de prender o gado.

Corda-de-garupa aparece, neste caso, como um instrumento de outras utilidades, além de aprisionar o gado: laçar, amarrar, puxar o animal, atividades tão comuns à rotina do vaqueiro. Correspondendo a **corda**, sendo, inclusive, de mesmo feitio, é aquela corda que a pessoa, quando na garupa de um animal, carrega consigo, como uma reserva, para eventuais necessidades.

Ferreira (1995) e Houaiss (2001) apresentam **corda** como sinônima de **laço** utilizado pelos campeiros típicos do Sul do país. Cunha (1982) traz a seguinte etimologia para a forma **corda**: “‘cabo de fios vegetais unidos e torcidos uns sobre os outros’ ‘fio que vibra em alguns instrumentos’ XIII. Do lat. *chorda*, deriv. do gr. *chorde* ‘tripa, corda musical feita com tripas’”.

A **corda**, conforme o que se verificou na fala dos vaqueiros, feita antigamente de cipós ou de tiras de couro entrelaçadas – hoje confeccionada de náilon – é o mais importante instrumento na rotina do homem que lida com o gado e chega a ser até um símbolo do seu trabalho, assim como o aboio.

A **corda** também, tem aquele laço que a gente chama a **corda de coro**. O vaquero que é vaquero mesmo ele aprecia a corda de coro. (Inf. 01)

A **corda**. Pra fazê a **corda** também é de coro. Tem de **caruá**. É uma coisa que eles tira do mato pra fazê corda, é do mato mesmo. (Inf. 02)

Ele usa a **corda** pra laçá, pra dirrubá é no braço mesmo. (Inf. 02)

Usa a **corda**, a **corda-de-coro**. Hoje, a maioria é tudo de náilo, mas eu ainda tenho corda de coro lá na roça, há mais de 20 ânu que eu usava ela. (...) Eu gosto de lembrá pra mostrá os minino. (...) Agora ela é mais risistente porque ela pode moiá, fazê tudo e o coro, quando moiava ele, podia ficá mais fraco e **torá**. (...) A de coro é milhó, é mais macia, a de náilo machuca a mão. (Inf. 03)

Vale aqui atentar para o emprego da forma **torá** (torar), que corresponde a quebrar, arrebrantar, partir, na fala dos vaqueiros, acepções encontradas também em Ferreira (1995) e Houaiss (2001) como “fazer em pedaços (toros), cortar, partir”. A etimologia de **torar** está

registrada em Cunha (1982) como pertencente ao verbete **toro**: “tronco de árvore abatida, ainda com a casca. Do lat. *torus* –i. XIV ”.

Corda remete, a partir das falas em que se documenta a utilidade de tal instrumento, ao campo semântico de **peia**, segundo se observou:

A gente pega o boi, dirruba ele, **peia**, dirruba e capa. (...) (Inf. 03)

Apia ela com uma **corda, de coro**. (Inf. 05)

A forma **apia** é empregada aqui com o significado de prender, o que se percebe acima, referindo-se a **peia**, que é, conforme já se viu em Queiroz (1988), o ato de prender as patas do animal, imobilizá-lo, o que não corresponde ao significado de “descer”, já bastante conhecido da fala interiorana do Brasil.

Caruá, que se observou designar a matéria-prima para a fabricação da corda utilizada pelos vaqueiros, está registrada em Houaiss (2001), **caroá**, como planta da família dos angiospermas (*Neoglaziovia variegata*).

Em se tratando da forma **laço**, foi geral a sua definição como instrumento de uso diário e indispensável às atividades do vaqueiro. O **laço**, o mesmo que **corda**, é feito de couro – os mais antigos – ou de náilon; serve para pegar o gado, derrubá-lo, arrastá-lo, amarrá-lo e alguns admitiram fazer parte da vestimenta do vaqueiro. Ferreira (1995) apresenta **laço** como arma de apreensão, de couro trançado, de 15 a 25 m de comprimento, com um nó corredio numa das extremidades”. Em Houaiss (2001), **laço** refere-se, dentre as várias acepções registradas, a

corda forte, esp. de couro trançado, com até 25 m de comprimento, que tem um nó corredio numa das extremidades e é us. para colher bois e cavalos em movimento; laço ('corda forte') trançado com quatro tiras de couro, típico dos trabalhos pastoris gaúchos.

E, na mesma obra, quanto à sua etimologia, “lat.vulg. **laceus*, por *laqueus*, i 'nó, laço, qualquer armadilha para caça, cilada, empecilho, embaraço'; f.hist. sXIV *lacos*, sXIV *lazo*, sXV *llaço*, sXV *laços*”.

Nas zonas Encosta da Chapada Diamantina, Chapada Diamantina, Serra Geral, Zona de Jequié, Zona de Vitória da Conquista, Zona do Cacau, Nordeste do estado, Litoral Norte,

Recôncavo e Extremo Sul, do estado da Bahia, segundo o *APFB*, **corda** está registrada com o mesmo significado que o empregado pelos vaqueiros, carta 143. Também em Sergipe, *ALS*, carta 129, isso se verifica, mantendo o mesmo emprego, nas zonas Agreste de Lagarto, Sertão do Rio Real e Litoral Sul Sergipano.

O informante 03 demonstra, em sua fala, como o **laço** lhe é familiar no dia-a-dia:

A gente puxa ele na **chinha**. A gente laça ele, passa o **laço** na barriga do animal, a gente **chinha** ele.

O que se vê com relação a **cincha** ou **chinha**, conforme empregam os vaqueiros, é uma forma de laçar o gado pela cintura, com uma corda de couro, para arrastá-lo ou imobilizá-lo.

Segundo Ferreira (1995), a forma **chincar** é uma variante de **cinchar**, que significa “apertar com o **cincho**”, uma espécie de aro com que se aperta a massa do queijo, para dar-lhe forma e espremer o soro. Do esp. plat. *cinchar*: ter o animal preso pelo laço e este preso à cincha, arrastar pela cincha. Em Houaiss (2001), com alguma variação, tem-se **cinchar** como colocar a **cincha**: “peça de arreios constituída de tira de couro ou pano forte (barrigueira) que passa por baixo da barriga do animal e de um travessão para segurar a sela ou o lombilho; chinha. Do esp. *cincha* (1140) 'id.', do lat. *cingula*, *ae* 'cilha; cintura, cingidouro,' de *cingere* 'cingir' ”. Cunha (1982) traz esta forma no verbete **cincho**: “circo, cintel, frangelha, empreita de pau, XVI. Cincho, XIV. Do lat. *Cingulum*”.

O *APFB*, carta 145, documenta as formas **cincha** ou **chinha**, designando a peça do arreio que passa pela barriga do animal para segurar a sela ou a carga, nas zonas do Baixo Médio São Francisco, Encosta da Chapada Diamantina, Zona de Feira de Santana, Nordeste, Litoral Norte, Recôncavo, Zona do Cacau, Zona de Vitória da Conquista, Zona de Jequié, Serra Geral e Extremo Sul do estado. O mesmo significado registra o *ALS*, cartas 149 e 150, com o emprego no Sertão Sergipano do São Francisco, Sertão do Rio Real e Litoral Sul Sergipano.

5. 2. 3. 3 Para controlar e conduzir o gado

A este subcampo semântico pertencem as formas **argola**, **furmiga** (formiga), **cabresto**, **arriadô** (arriador), **canga**, **cambão**, **cabrana** e **careta**.

Colocamos a **argola** pra amansá, pra montá, pra passeio, purquê aí domina eles melhó. Coloca a argola e coloca a corda, aí você maneja ele com a **corda**. (Inf. 05)

Pôde-se observar, ainda, em se tratando de instrumentos para o controle e condução do gado, o emprego da forma **argola**, também freqüente na fala vaqueira da região, para a identificação do aro que se coloca na venta do animal e por onde se passa a **corda**, como mecanismo de controle do mesmo. O uso da **argola** facilita não apenas o seu transporte, quando puxado pelo vaqueiro, como também outras atividades, como castrar, marcar, vacinar etc.

“Anel metálico para prender ou puxar qualquer coisa”, assim Ferreira (1995) traz registrada a forma **argola**, conforme se vê também em Houaiss (2001): ár. *al-gulla* 'colar, cadeiaia'; f.hist. 1364 *argola*, sXIV *argolla*, o que também se observa, em Cunha (1982).

Verificou-se ser comum o emprego da forma **furmiga** paralelamente ao de **argola**, fato que se constatou como exclusivo da fala dos vaqueiros. As duas formas são empregadas para uma mesma designação, de acordo com o que nos contam os informantes:

É venta. É uma parte munto sensível, ela ismurece o boi. O animal fica dóci. Tem uma **argola** que põe na venta que chama **furmiga**. Inxiste mais nomes, mas a gente cunhece aqui como **furmiga**. (Inf. 01)

Tem a **furmiga** também pra pô nas venta e sigurá. (Inf. 01)

Tem otra peça que a gente coloca nas venta, a gente chama de **furmiga**. É uma **argola**. Aí o animal vem de qualqué jeitcho, vem leve mesmo. Aí o animal perde a força todinha. Ele fica dominado. Se ele freá, ele vai sinti. Se ele acumpanhá, a dô diminui. (Inf. 03)

Cabresto está presente na fala do vaqueiro para designar tanto uma argola que se coloca na narina do gado, neste caso sinônima de **formiga**, quanto um pedaço de pau, comumente roliço, que se coloca também no orifício feito na venta do animal. Em ambos os casos, com o uso da **corda**, o objetivo é o mesmo: manejar o animal, ter o domínio de sua direção. Parece ser o **cabresto** mais comum para boi de carga.

Assim, tem-se o exemplo em resposta à questão “Qual o nome do ferro que se coloca na venta do animal para levá-lo de um lugar a outro?”:

Que furava a **venta**, botava um **cabresto** pra dominá o boi. Aonde anda de boi de carga. (Inf. 02)

Ferreira (1995) registra **cabresto** como “espécie de buçal (arreio da cabeça e pescoço do cavalo) mais grosso, com todos os componentes da cabeçada, exceto a embocadura, uma espécie de freio, o boi manso que serve de guia para aos touros”. Em Houaiss (2001), tem-se “arreio de corda ou couro que é uma espécie de cabeçada ou buçal sem freio ou embocadura e que serve para prender o animal à estrebaria, estacionamento etc. ou para controlar sua marcha”. Ambos os casos, fazem referência à forma como **cabresto** é empregada na fala vaqueira. Ainda em Houaiss, “Do lat. *Capistrum*, *i*, 'mordaça, cabresto, freio, brida', com metátese do *-r-*; f.divg. erud.: *capistro*; f.hist. 1344 *cabresto*, sXIV *cabresto*”. Cunha (1982) apresenta **cabresto** relativa a arreio, freio. XIII. *-bestro*. XIV. Do lat. *capistrum*.

Em Souza (1959), a forma **cabresto** aparece com o significado de

pequena corda de couro cru, de regra trançada, que une, pelos chifres, os bois da mesma junta do carro-de-bois, comum na Bahia e em Sergipe. Diz-se também de um ferro em forma de U que se põe na ponta do cabeçalho, para o engate da corrente que liga ao carro as juntas de tração propriamente ditas, também chamado biqueira, focinheira, nariz, em São Paulo e Mato Grosso.

Os vaqueiros, ao serem inquiridos acerca da forma como amarrar o gado para curar ou tirar leite, indicaram ser comum o uso de uma espécie de trançado de corda – **arriadô** – nomeado também de **corda**, que, quando da **peia** do animal, colocado nas pernas dianteiras e traseiras do animal, ao mesmo tempo, impede a sua movimentação, podendo ser feito de corda de couro ou de náilon:

Nóis cunhecemo aqui como **arriadô**. Você faz um xis na perna da vaca, passa ela cruzano tipo um xis e marra a perna, pra ivitá um coice... (Inf. 01)

Com **corda** mesmo. (Inf. 02)

Em Ferreira (1995) e Houaiss (2001), **arriar** está registrada, dentre várias acepções, como “o ato de deitar ao chão, descer, abaixar”, aproximando-se do significado com que é empregada pelos vaqueiros. E, ainda em Houaiss, vê-se: “segundo Corominas, de mesma orig.

que *arrear*, com signif. mar. específico 'baixar vela, cabo, âncora etc.>'; doc. em esp., cat. e port., prov. divg. hsp. de *arrear* (< do lat.vulg. **arredare* 'adornar, enfeitar', de orig. germ)". Sua etimologia está também em Cunha (1982) como originário do "cast. *arriar*, 'abaixar, descer', XVI, deriv. do lat. *arredare* 'preparar, dispor', arrear".

O **arriadô** é, na realidade, uma forma de utilização da **corda**, geralmente em feitiço de xis, para imobilizar o animal pelas pernas.

Há, segundo os depoimentos dos vaqueiros, alguns mecanismos para impedir que o gado fuja de um pasto a outro ou de uma propriedade a outra. São comuns, na região, a **canga**, o **gancho**, o **cambão**, a **cabrana** e a **careta**. As duas primeiras formas parecem se referir a uma peça de madeira, em forma de U, que se encaixa no pescoço do gado, sem folga, e suas extremidades alongadas o impedem de correr; o **cambão** refere-se a uma peça também de madeira que é encaixada ou amarrada às patas dianteiras do animal e ao pescoço; a **cabrana** constitui-se de uma corda, geralmente de couro, que amarra a cabeça às pernas dianteiras do animal; e a **careta**, como a própria forma sugere, é uma espécie de cobertura de couro, para a cabeça, que impede o gado de ver e, assim, ele não tem segurança para se movimentar. Está clara esta distinção nas falas abaixo:

Usa, pro animal que a gente chama aqui a vaca, o boi ladrão. Então a gente usa pô o **gancho**, uma **canga** de madeira, põe no pescoço. (...) E tem também a **cabrana**, é marrado do chifre pra mão do animal. Não tem como ele saltá. (Inf. 01)

É um tal **cambão**, pa atrapaiá o boi não andá. (Inf. 02)

O **cambão** é uma peça de pau. A gente coloca no pescoço e ele vai andano cum o **cambão** dentro das mão pra num corrê. Purque se ele corrê, o **cambão** bate nas mão, ele trupeça e num aumenta, sabe? (Inf. 03)

Nóis bota, as veiz, bota um **gancho**, faiz um **gancho** de pau e bota, ota hora a **cabrana**, da cabeça, da ponta pra mão. (...) Bota uma corda na **ponta** dele e marra na mão. (Inf. 04)

Chama a **cabrana**. Coloca uma corda na cabeça e da cabeça marra na mão, cum a cabeça baixa, aí ele num consegue corrê pa pulá a cerca. (Inf. 05)

E o boi, a gente usa incaretá ele. Tem a **careta**, a gente bota a **careta** com um chucalho no pescoço, que, se ele fô dento de uma catíngã, a gente num qué usá cachorro, aí vê pur onde que ele vai correno, e o chucalho tocano. A **careta** é um coro, bota na frente. O animal anda só cum faro, num vê nada. (Inf. 04)

Tem a **careta**, a careta ele só anda pa frente. Ele não vê nada na frente, só vê dos lado aí na hora que tem alguma entrada, quando ele vem vê, já tá dos lado, aí num dá tempo mais dele voltá, vai direto. (Inf. 05)

A forma **gancho** está registrada em Ferreira (1995) como “peça recurva de material resistente, para suspender quaisquer pesos”, o que se vê em Houaiss (2001) como “haste recurva de metal ou de outra substância resistente, que se usa para suspender pesos ou pendurar objetos”. Quanto à sua etimologia, tem-se, nesta última obra, “celta **ganskio*, base do irl. ant. *gesca* 'ramo pequeno, galho de árvore'; f.hist. 1522 *ganchinho*, 1562 *gancho*”.

Cambão, segundo o que se pôde observar, refere-se a um mecanismo semelhante ao da **canga**.

A fala “É um tal **cambão**, pa atrapaiá o boi não andá”, do informante 02, constitui a sua resposta, quando foi interpelado acerca da madeira que se usa no pescoço para o gado não pular a cerca.

Lê-se, em Ferreira (1995) e Houaiss (2001), a acepção de **cambão** relativa ao que se verifica na fala vaqueira: “Pedaço de pau que se dependura no pescoço das reses bravias e as impede de correr”, o mesmo apresentando Queiroz (1988). Quanto ao significado de **cambão**, vê-se em Cunha (1988), no verbete **cambiar**, a referência a “pau que se junta ao cabeçalho do carro-de-bois puxado por mais de uma junta, 1844”.

Em Ferreira (1995), vê-se **cabramo** e não **cabrana** como “peia com que se amarra o pé do animal bovino, caprino etc. a um dos chifres, para que não fuja”, ao que Houaiss (2001) acrescenta, no verbete **cabramo**:

peia ou correia que é presa ao pé e ao(s) chifre(s) de bovino, ovino, caprino etc., para impedir-lhe a fuga ou marcha; acabramo. Derivação: por extensão de sentido: corda, correia ou peia us. para amarrar bovino, ovino, caprino etc. pelo(s) chifre(s), a um poste, estaca etc.; acabramo.

Quanto à etimologia registrada em Cunha (1982), tem-se: “peia com que se amarra o pé do animal bovino, caprino etc., XVI. Do lat. *capulamine*, de *capum* ‘rabo’”.

Queiroz (1988) registra **cabrama** como uma variante de **cabramo**, com o mesmo emprego.

Quanto ao utensílio **careta**, o que se verificou foi esta forma registrada em Houaiss (2001) com uma acepção próxima àquela que se emprega na fala vaqueira: máscara, caraça. A etimologia de **careta** está no verbete **cara**, em Cunha (1982), com referência a rosto. XIII. Do lat. tardio *cara*, deriv. do grego *kara*. **Careta** equivale a um trejeito do rosto, 1813.

Queiroz (1988) traz **careta** como designação de “artefato de couro que se coloca na testa do boi, tapando-lhe os olhos”, o que é coincidente com o emprego que se verifica na comunidade vaqueira pesquisada.

Adiante alcancei ele, sentei o cavalo nele, foi inté... aí panhê o rastro dele outra vez. (...) ... aí depois saltei nele, saltei na perna dele, impurrê ele, ele num caiu. Lutei muito inté onde derrubei ele, piei, aí botei um cambão, uma **careta** nele, um chucaio e truxe. (Vital Pereira dos Santos, Vaqueiro Manoel – 67 anos, Coronel João Sá)

5. 2. 3. 4 Para marcar o gado

Ainda com relação aos instrumentos mais comuns para a lida diária com o gado, os vaqueiros relataram, para a tarefa de identificação do gado, ser muito comum o uso do **ferro-de-marcas** e do **sinal**. O **ferro-de-marcas** é utilizado em brasa, para marcar o couro do gado com as letras iniciais do nome do dono do gado. O **sinal** – que também pode ser um ou mais de um corte que se faz na orelha do gado e que, segundo a quantidade, identifica o seu dono – é mais frequentemente reconhecido como uma plaquinha plástica com o número do registro e a inicial do nome do dono, que se coloca na ponta da orelha do animal, à semelhança de um brinco.

Sinal, segundo Ferreira (1995) e Houaiss (2001) refere-se a “impressão deixada por alguém ou algo, marca, traço”. Quanto à sua etimologia, tem-se, nesta última obra: “b.-lat. *signális*, e, 'que serve de signo, de sinal', posteriormente substv.; f.hist. 1130 *sinal*, sXIII *sinaes*, sXIII *signa*”.

Como exemplos de relatos acerca da utilidade do **sinal**, documentou-se:

Inxiste criadores que usam marcá na orelha. Eles fazem tipo um **ganchuzinho**, um V. Chama-se **assiná** o animal. É um, dois, três **cortizinho** ali. Um corte é de fulano, dois de otro. (Inf. 01)

É interessante a utilização da forma **assinar** para indicar o processo de marcar o gado com um **sinal** que identifique o seu pertencimento pois sabe-se que tal emprego é relativo ao ato de registrar o nome, nomear, identificar.

E o informante 02 acrescenta, quando em resposta à questão “Como se chama o ferro que se usa para marcar o boi com as letras iniciais do nome do dono do gado?”

É cum **ferro** mermo.

Marca até na orêia, é o **sinal**. Tem deles que põe uma plaquinha, tem deles que corta a ponta da orêia.

E, ainda, com relação à mesma questão:

É ferro mesmo, **ferro de marcá**. (Inf. 03)

Chama ferro mesmo. É **ferrá** o boi, ferrá a vaca. (...) Esse boi é meu, olha o **ferro** aí. (Inf. 04)

Na orêia, que a sinhora vê ali, as cabra é tudo marcado na orêia, é **sinal**. As veiz, algum filho é otro sinal.(Inf.04)

Chama **ferro**. Serve para separar o dono. (Inf. 05)

Colocamos na orelha tipo um plástico, é o **rezistro** do boi. (Inf. 05)

Em Ferreira (1995) vê-se a acepção da forma **ferro** “a marca deixada pelo ferrete no couro do gado” como correspondente àquela empregada pelos vaqueiros. Para Houaiss (2001), **ferrete** substitui **ferro**, nestes casos, sendo empregada com o mesmo significado que o anterior. **Ferrar** corresponde a **ferretear**, marcar com ferro quente, conforme se registra em Queiroz (1988).

5. 2. 3. 5 Para retirar o chifre do gado

Observa-se o emprego da forma **ferro** também para a designação de outro instrumento bastante comum ao dia-a-dia do vaqueiro: o **ferro-de-mochar** ou **ferro-de-ismochá**, que é útil no procedimento de retirada dos chifres do gado: após ter sido esquentado e ainda bem quente, é colocado no que restou do chifre do animal que foi iscornado, que teve seus chifres cortados, fazendo-se uma espécie de cauterização, conforme relato de vaqueiros, alguns já anteriormente mencionados neste estudo.

Como resposta à questão “Como se chama o ferro que serve para mochar o boi?”, obteve-se:

Aqui é o **ferro** mesmo, **ferro-de-mochá**, quema. (Inf. 03) **Ferro-de-ismochá**.
Aí quema e as ponta num sai. (Inf. 05)

Ferro-de-ismochá. Aí quema e as ponta num sai. (Inf. 05)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável que qualquer trabalho de pesquisa cujo *corpus* seja o léxico demanda do pesquisador características, em princípio, contraditórias: a perseverança e a exaustão.

O percurso da pesquisa do léxico pode ser, ao mesmo tempo, instigante e desestimulante. Instigante porque a dinamicidade do *corpus* leva a uma seqüência de descobertas que desencadeia um aumento do desejo de cada vez mais descobrir e ir além. Desestimulante porque, neste caminhar, deve-se contentar com o próprio caminho em si e com o que este oferece, visto que não há um ponto final de chegada. E não se pode fazer desta questão um motivo para se desistir da empreitada.

Foi exatamente essa mescla de sentimentos que se pôde experimentar ao longo deste estudo. Desde o conhecimento da comunidade a ser inquirida até a análise dos dados, o pesquisador foi dominado por uma grande ansiedade, gerada pelo desejo crescente de pesquisar e descobrir, mesmo tendo a certeza de que seria ideal o ponto final da conclusão.

Diante de tão complexo e fugaz objeto de estudo – a fala – houve momentos em que o pesquisador foi dominado também por um sentimento de impotência diante do extenso universo apresentado à sua pesquisa até ser levado à conscientização da infinitude de seu trabalho.

Assim, pode-se considerar esta pesquisa como uma fase da investigação do léxico de uma comunidade específica de falantes cujo acervo lingüístico é extremamente rico, vivo e dinâmico mas se encontra sob ameaça de extinção. Justifica-se, portanto, ser este estudo apenas uma etapa desta busca, que, ao invés de se caracterizar como um produto acabado, torna-se, a partir deste momento, um estímulo a um novo caminhar.

A investigação realizada trilhou os caminhos da observação, documentação e descrição, estas constituindo as etapas principais para as metas aqui propostas.

A documentação dos fatos lingüísticos, mesmo que de forma parcial, permitiu o conhecimento da riqueza vocabular do vaqueiro do sertão da Bahia, e, certamente, constituiu uma contribuição à compreensão da formação do português do interior do país.

A descrição das formas lexicais observadas na fala do vaqueiro da região de Teofilândia refletiu, em alguns aspectos, um universo lingüístico próprio, apesar de esta não ter sido a situação predominante. Algumas formas como **bizoro**, **gambarra**, **furmiga**, **bananinha**,

segundo o que se pôde perceber, após a consulta às obras de referência, foram constatadas como de emprego próprio da comunidade dos vaqueiros, conforme se exemplifica abaixo:

Aqui no nosso sertão, inxiste uma duença que é cunhido como **bizoro**. Dentro da ponta do animal, inxiste uma parte que aqui é cunhido como subuco. (Inf. 01)

A febre aftosa tem. Num tá inxistino agora cum esse negócio de vaciná duas vez por ano. Na aftosa, dá a **gambarra**, é uma carne que dá no casco. (Inf. 02)

É venta. É uma parte munto sensível, ela ismurece o boi. O animal fica dóce. Tem uma **argola** que põe na venta que chama **furmiga**. Inxiste mais nomes, mas a gente cunhece aqui como **furmiga**. (Inf. 01)

Tem uns mais afiado, uns menus afiado, sabe? Tem o chifre **bananinha**, que é mole, não é colado na cabeça, é mole. (Inf. 05)

Outras formas lexicais como **marruás**, **recria**, **sedém**, **assiná** foram empregadas com outro significado, diferente daquele com que foram documentadas nas obras consultadas. E ocorrências como **pernera**, **aboio**, **moco**, **taca** parecem ser comuns à profissão de vaqueiro em todo o território nacional, não se restringindo à região do inquérito, o que pode constituir incentivo a novas pesquisas em outras regiões do país.

Com o apoio teórico diversificado, com o qual este estudo contou, em razão de ser o léxico o seu foco de interesse, obteve-se da Dialetologia o seu ponto de partida e da Semântica e da Lexicologia os instrumentos para a análise a que se procedeu, alcançando, inevitavelmente, pontos de contato com a Sociolinguística e a Etnolinguística, quando do maior conhecimento da comunidade.

A análise semântico-lexical procedente dos dados recolhidos na pesquisa condicionou-se ao caráter ilimitado da forma lexical empregada pelo falante, a qual não define todas as concepções e interpretações que este faz do conceito referido, confirmando, assim, a complexidade e a dinamicidade do estudo do léxico de uma língua.

A Lexicologia constitui, hoje, a proposta concreta da realização do estudo científico do léxico, visto que seus objetivos abarcam a descrição, análise e classificação das formas lingüísticas de determinada língua, inclusive a sua criação, adquirindo, assim, pontos de contato com outras ciências do estudo da língua, como a Morfologia, a Semântica e a Etimologia.

A prática lexicológica vigente se fez presente neste estudo, a partir do momento em que se buscou entender o emprego da forma lexical no seu ambiente conceitual-significativo, na compreensão da relação entre o emprego que o falante faz do léxico de sua língua e o seu contexto sociocultural.

Com a certeza de que do conceito de cultura fazem parte o homem e o meio físico em que este atua, a opção pela delimitação regional faz com que o caráter sociocultural deste estudo do léxico fique evidente.

O conteúdo lexical obtido é proveniente da referenciação, da prática da função referencial da linguagem e, por assim ser, é determinado pelo conhecimento de mundo do falante, o que dá à fala o caráter arbitrário e idiossincrático, apesar da subordinação ao sistema lingüístico convencional. Tornou-se inevitável, nesta abordagem, a referência ao significado, cujo estudo, ainda hoje, caracteriza-se pela imprecisão e imprevisibilidade e está presente em todas as formas de conhecimento, tornando-se necessário ao seu estudioso um perfil, ao mesmo tempo, pretensioso e despojado.

As teorias da Semântica, disciplina que perpassa todas as outras no que se refere ao estudo científico da língua, resguardada de limitações e determinismos, porque tem o significado como seu *corpus*, aqui muito influenciaram, pelo próprio perfil deste tipo de estudo: maleável e ilimitado.

O modo como os falantes vaqueiros empregam a forma lexical sob análise mostra aspectos peculiares à sua competência e ao seu desempenho lingüísticos, respectivamente, o conhecimento e o emprego do léxico de sua língua.

Estudar o léxico de determinada língua é desvendar o próprio falante, visto que a situação sociocultural deste está naquele representada. O léxico do vaqueiro, que se concretiza em sua fala, reflete o seu conhecimento sobre o mundo e é, por isso, extremamente rico.

O significado atribuído pelos falantes vaqueiros à forma lexical sob análise mostrou aspectos peculiares à sua existência, à sua relação com o meio social e físico, numa região em que viver é sinônimo de sobreviver. Ao se conhecer a forma como o vaqueiro age sobre o sistema lingüístico em que está imerso, adentra-se no seu universo cultural, admitindo-se como indissolúvel o par língua e cultura.

Além disso, pôde-se perceber a importante atuação do vaqueiro, na sua comunidade, como um disseminador e guardião das tradições relacionadas à sua profissão, fato bastante

valorizado, na região, visto que a extinção deste tipo profissional parece estar cada vez mais próxima, na realidade pesquisada.

Os pontos de contato com a Sócio-etnolingüística foram justificados quando a fala tornou aparente a situação social do informante, que, inserido numa categoria profissional importante para a economia local, é porta-voz de uma classe, de uma realidade social específica.

Uma pesquisa deste porte revela ao documentador um arcabouço cultural único, por mais que o *corpus* em questão já tenha sido investigado. O fator ineditismo estará sempre presente, em se tratando do caráter dinâmico do objeto de pesquisa.

Hoje, quando se chega a este ponto desta pesquisa, aceita-se sabiamente a idéia de que é inútil impor à investigação do léxico os limites da finalização. O léxico é como um corpo vivo e o seu estudo está sujeito à mudança e à evolução porque ele é a face do seu falante e se este não muda, não cresce e, se não cresce, morre.

Com todos os entraves e dificuldades a esta realização, fica, aqui, a pretensão de se fazer desta pesquisa o incentivo à continuação e/ou busca de novos caminhos rumo à descrição e preservação da fala do habitante do interior do país, no resguardo de nossa identidade sócio-lingüística-cultural.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; FIGUEIREDO, Maria Beatriz Tozetti. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. *Signum*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. nº 5. Londrina, 2002. p. 9-50.
- ALTINO, Fabiane Cristina. Avaliação dos procedimentos metodológicos: uma conversa sobre a conduta do inquiridor. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima; MOTA, Jacyra Andrade (Org.). *Documentos I*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004. p. 55-62.
- ALVAR, Júlio. Guaraqueçaba mar e mato. In: ARRUDA, Linalva Mello. *Sociedade, cultura e língua*. Ensaios de sócio e etnolingüística. João Pessoa: Shorin, 1990. p. 02-11.
- ALVAR, Manuel. *Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual*. Madrid: Gredos, 1969.
- ALVES, Ieda Maria et al. A pesquisa em terminologia: aspectos da variação nas línguas de especialidade. *Projeto Integrado de pesquisa CNPq Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo*. Universidade de São Paulo. 2000.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. Série Princípios.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 2.ed. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO. 2006. Disponível em <<http://www.abccaracu.com.br/br/index.htm>. Acesso em 08 dez. 2006.
- BASÍLIO, Margarida et al. Derivação, composição e flexão no português falado: condições de produção. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. v.III. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 364-372.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p.11-20.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
- BUENO, André Paula. *Bumba-boi maranhense em São Paulo*. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Vaqueiros e cantadores*. 2. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2005.
- CARDOSO, Suzana. Designações para “cria da ovelha” e a história do português do Brasil. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2 ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p.125-140.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. *A dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARVALHO, Edileusa Silva. *O canto do vaqueiro: poesia tradicional sertaneja nos versos do aboio no município de Itaberaba*. 2005. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras. Universidade Federal da Bahia.

- CARVALHO, Nelly Medeiros de. *Terminologia e lingüística: aspectos ideológicos, lexicográficos e metodológicos*. II Simpósio. Brasília, 1990.
- CASTRO, Ivo. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994. Tradução de Carmen Morán González
- CINTRA Geraldo. Filologia bandeirante: registro de entrevistas. In: MEGALE, Heitor. (Org.) *Filologia bandeirante: estudos 1*. São Paulo: Humanitas, 2000. p. 163-169.
- CINTRA, Luís F. Lindley. *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá Costa Editora, 1983.
- CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES DO MINISTÉRIO DO TRABALHO. Disponível em <http://www.google.com.br>. Acesso em 17 dez. 2006.
- COSERIU, Eugênio. Conferência apresentada no I CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO E ETNOLINGÜÍSTICA. 1978, João Pessoa. *Fundamentos e tarefas da Sócio e da Etnolingüística*. (Cópia mimeografada.)
- COSERIU, Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. Trad. de Frederico P. de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 2004.
- EMBRAPA. Forrageiros na alimentação do gado. Disponível em <<http://www.cnpqg.embrapa.br>>. Acesso em 17 out. 2006.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. São Paulo. v. 24. nº 3. 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário AURÉLIO da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1995.
- FERREIRA, Carlota et al. Sergipe e Bahia: algumas diferenças lexicais. In: FERREIRA, Carlota et al. *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994. p.111-123.
- FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Manuela de Barros et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. (Org.). *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.
- Folclore brasileiro. Disponível em <<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/aboioderoa.htm>>. Acesso em 02 out. 2006.
- GABAS JÚNIOR, Nilson. Lingüística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. vol.1, São Paulo: Cortez editora, 2001. p. 77-103.

- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. 2. ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1980.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss. 2001. Disponível em <<http://www.houaiss.uol.com.br>>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2005. Disponível em <http://www.google.com.br>. Acesso em 10 out. 2006.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Procedimentos metodológicos nas entrevistas definitivas: o entrevistador. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Org.). *Documentos I*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004. p.45-54
- LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Oxford: Basil Blackwell, 1969.
- LABOV, William. *Modelos sociolingüísticos*. Madrid: Cátedra, 1972. Tradução de José Miguel Marinas Herrerias.
- LABOV, William; WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução de Marcos Bagno.
- LARA, Luis Fernando. Término y cultura: hacia una teoría del vocablo especializado. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007. p.341-369.
- LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v.II. Campo Grande: Ed.UFMS, 2004. p.19-30.
- LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de estilo acadêmico: monografias, dissertações e teses*. 2. ed. Revisão e sugestões de Isnaia Vieira Santana. Salvador: EDUFBA, 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. *Desvendando máscaras sociais*. 2. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1992. p. 41-62.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 6. ed. Tradução para o português de Jorge Morais Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- MELLO, Linalda de Arruda. *Sociedade, cultura e língua*. Ensaios de sócio e etnolingüística. João Pessoa: Shorin, 1990.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2 ed. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1992.
- Missão de pesquisa folclórica. Disponível em <http://www.sampa.3.prod.am.sp.gov.br/ccsp/missão/mostram.asp.m1=aboio>. Acesso em 02 out. 2006.
- MOTA, Jacyra Andrade. Avaliação de procedimentos metodológicos: questões de prosódia e de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas metalingüísticas e leitura de texto. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida Lima (Org.). *Documentos I*. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: ILUFBA – EDUFBA, 2004. p. 39-44.

- MOTA, Jacyra Andrade. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 239-259.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto Editora, 2006.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- OGDEN, C.K. e RICHARDS I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.
- OLIVEIRA, Fátima. Semântica. In: FARIA, Isabel Hub; PEDRO, Emília Ribeiro; DUARTE, Inês; GOUVEIA, Carlos A. M. (Org.). *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Caminho, 1996. p.333-379. Coleção universitária. Série Lingüística
- OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da lingoagem portuguesa (1536)*. Edição de Torres e Assunção. Lisboa: Academia Portuguesa de Ciências, 2000.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p 17-46.
- PIEL, Joseph Maria. Pobreza e riqueza no espelho da língua. In: *Estudos de lingüística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. p.23-28.
- PORTO, Costa. *O pastoreio na formação do Nordeste*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura. Os cadernos de cultura. 1959.
- QUEIROZ, Washington. *Histórias de vaqueiros: vivências e mitologia*. Salvador: Bureau Gráfica e Editora, 1988.
- Raças bovinas. Disponível em <http://www.valeuboi.com.br/vaquejada.htm>. Acesso em 02 out. 2006.
- Radar animal. Disponível em <http://www.google.com.br>. Acesso em 16 out. 2006.
- Registro de Plantas Hospedeiras (Cactaceae) e de Nova Forma de Disseminação de *Diaspis echinocacti* (*Bouché*) (*Hemiptera: Diaspididae*), Cochonilha-da-Palma-Forageira, nos estados de Pernambuco e Alagoas. Disponível em <http://www.google.com.br>. Acesso em 17 out. 2006.
- REY, Alain. A terminologia entre a experiência da realidade e o comando dos signos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007. p.323-340.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1956.
- ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Introdução. Questionário Comentado. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura - Instituto Nacional do Livro, 1965.
- ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.
- SANDMANN, Antônio José. 6. ed. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1997.
- SANTOS, Denise Gomes Dias. Mini-curso Lingüística e Etnografia do VI CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS da Universidade Estadual de Feira de Santana. 2002. *Sobre linguagem e cultura – a pesquisa etnolingüística*. (Cópia mimeografada)
- SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOUZA, Bernardino José de. Vocabulário do carro de bois. *Revista Brasileira de Filologia*. vol. 5. t. I e II. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959. p. 129-208.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

UNESP. Sistema Nou Rau: biblioteca digital. Doenças de gado. Disponível em <http://www.biblioteca.unesp.br>. Acesso em 02 out. 2006.

UNESP. Sistema Nou Rau: biblioteca digital. Medicação de bovinos. Disponível em <http://www.biblioteca.unesp.br>. Acesso em 16 out. 2006.

VELARDE, Manuel Casado. *Lenguaje y cultura*. Madrid; Sintesis, 1991.

WHORF, Edward Sapir. *Language: an introduction to the study of speech*. Nova Iorque: 1949.

ANEXOS

ANEXO I - QUESTIONÁRIO SOBRE O LÉXICO DO VAQUEIRO DO SERTÃO BAIANO

A. O GADO

A.1 Partes do corpo

- 1- Quando o boi não tem chifres, como ele é chamado?
- 2- Como é chamado o chifre do boi? Quais as partes do chifre?
- 3- Quais os diferentes tipos de chifre o senhor (você) conhece?
- 4- Como é chamada a parte da frente do corpo do boi?
- 5- E a parte de trás?
- 6- Como é chamada a ponta do rabo?
- 7- Aqui, na região, qual o nome que o nariz do boi tem?

A.2 Características físicas, tipos e raças

- 8- Como se sabe que uma vaca está para dar cria?
- 9- Qual a diferença entre bezerro, garrote e boi (touro)?
- 10- Qual a diferença entre uma novilha e uma vaca?
- 11- Como se chama a vaca que está nos dias de criar?
- 12- Que nome se dá para a vaca que não cria?
- 13- Como é chamada a vaca que dá bastante leite?
- 14- E a vaca que não dá leite?
- 15- Como se chama o filhote da vaca quando ele ainda está na barriga dela?
- 16- Como se chama o animal quando já é mais velho e está pronto para o abate?
- 17- Quais as raças de gado que o senhor (você) conhece?
- 18- O que é um boi chitado?
- 19- O que é um boi jaguanês?
- 20- O senhor (você) sabe o que é um boi fumaço, sapiranga, retinto e chumbado?
- 21- Como é chamado o gado que não é bom de leite e só serve para dar carne?
- 22- Como é chamado o animal ruim para engordar?
- 23- Qual o tipo de fêmea que se compra para a engorda?
- 24- Qual o tipo de macho que se compra para a engorda?

A.3 Comportamento do gado

- 25- Como é chamado o gado que foge, fica longe do gado manso e acaba ficando muito bravo?

A.4 Doenças do gado

- 26- Existe alguma doença que dá no chifre do animal?
- 27- Como se faz para combatê-la?
- 28- Quais as doenças mais comuns no bezerro quando ele ainda é bem novinho?
- 29- Quando o boi não tem uma orelha ou ela é caída, como ele é chamado?
- 30- Quais as doenças mais comuns no gado?
- 31- Como elas são tratadas?
- 32- Qual é a mosca que provoca bicheira no gado?
- 33- Que remédio é usado para curar bicheira? O senhor (você) conhece outro?
- 34- Quais são as doenças que dão no casco?
- 35- Como são tratadas?
- 36- Quando alguém passa algum remédio para secar uma bicheira ou o umbigo, o que a pessoa está fazendo?

A.5 Alimentação do gado

- 37- Aqui, na região, qual é a alimentação mais comum para o gado?
- 38- Que tipos de capim o senhor (você) conhece?
- 39- Como é chamado o lugar onde se põe água para o gado beber?
- 40- Como se chama o lugar onde se põe comida para o gado?
- 41- Quando o gado come capim, o que se diz que ele está fazendo?
- 42- Que nome se dá à criação de gado num lugar pequeno e feita com ração?
- 43- O que se põe no cocho para o gado lambar?
- 44- Que outro nome tem a comida que se põe no cocho?

B. O VAQUEIRO

B.1 A rotina do vaqueiro

B.1.1 A profissão

- 45- Conte como é a sua rotina de vaqueiro.
- 46- Quais os problemas mais comuns na profissão de vaqueiro?
- 47- Como eles são resolvidos?
- 48- Vaqueiro é uma profissão comum nesta região? Por quê?
- 49- Como se chamam as peças de roupa que o vaqueiro usa?
- 50- Qual o material mais usado para fazer a roupa do vaqueiro?
- 51- O que é uma vaquejada?
- 52- Como os vaqueiros participam dessa festa?
- 53- Como é chamado o homem que trabalha com o gado?
- 54- Existem mulheres que fazem este tipo de serviço?

- 55- Por que o senhor (você) escolheu esta profissão?
- 56- O senhor (você) se lembra de um caso triste que aconteceu na sua vida com o gado?
- 57- O senhor (você) se lembra de um caso alegre e divertido que aconteceu?
- 58- O que o senhor (você) acha do futuro da profissão de vaqueiro, aqui, nesta região?

B.1.2 O manejo com o gado

- 59- Qual o nome que se dá à briga do vaqueiro com o boi para prendê-lo?
- 60- Como é chamado o transporte do gado de um lugar para o outro?
- 61- Qual o meio de transporte mais usado com o gado?
- 62- Como se chama a rampa usada para o embarque do gado no caminhão?
- 63- Como é chamada a parte do caminhão onde fica o gado?
- 64- Qual o nome do grupo de pessoas que transportam o gado de um lugar pro outro, montados em animais?
- 65- Como se chama o homem que vai à frente do gado?
- 66- E aquele que fica atrás dos animais?
- 67- E aqueles que vão do lado dos animais?
- 68- Como é chamado o lugar nas estradas por onde essas pessoas passam?
- 69- E onde essas pessoas param pra passar a noite?
- 70- Como são chamados os gritos que os peões dão durante a condução do gado?
- 71- Para que servem esses gritos?
- 72- Qual é o lugar onde se costuma comprar e vender o gado?
- 73- Como se chama cada um dos grupos de bois, de cabeças de gado que são comprados ou vendidos?
- 74- O que é dar rodeio no pasto?
- 75- Como é chamado o trabalho de separar uma rês da outra para formar lotes ou para curar?
- 76- Em que tipo de animal o peão monta para trabalhar com o gado?
- 77- Qual a diferença entre esses animais e os outros?
- 78- Como são chamados esses animais?
- 79- Quando um animal é ruim para a lida com o gado, como ele é chamado?
- 80- Como é chamado o lugar onde o gado é reunido para curar, apartar, marcar etc.?
- 81- E o lugar por onde o boi tem que passar pra se juntar aos outros como se chama?
- 82- Onde se prende o boi pra ser castrado?
- 83- Para entrar numa propriedade ou num pasto, o que é preciso abrir?
- 84- Qual a madeira mais usada, aqui na região, pra se fazer cerca?
- 85- Como se chama o tipo de porteira feito com lascas de madeira e arame?
- 86- Qual é a madeira usada para o arame da cerca ficar esticado?
- 87- Quando o pasto é dividido em partes menores, para aproveitar melhor a área, como esses pedaços são chamados?
- 88- Como é chamado o gado quando é criado preso?
- 89- Como se chama o lugar por onde o boi foge, quando se afasta da boiada?
- 90- Como é chamada a operação para tirar os chifres do boi?
- 91- Por que ela é realizada?

B.1.3 Instrumentos para o trabalho com o gado

- 92- Como se chama o trançado de couro que serve para bater no cavalo ou no boi pra ele andar mais depressa?
- 93- Como se chama aquilo que o peão leva a cavalo e serve para pegar um animal, derrubá-lo ou arrastá-lo?
- 94- O que se usa para amarrar as patas do animal, para curar ou tirar leite?
- 95- Como se chama aquela roda que o peão faz com laço e serve pra laçar o animal?
- 96- Como se chama o ferro que é usado pra marcar o boi com as letras iniciais do nome do dono do gado?
- 97- Qual é o nome da plaquinha que se coloca na orelha do animal?
- 98- Para que serve?
- 99- Como se chama o ferro que se coloca na venta do boi pra levá-lo de um lugar para o outro?
- 100- O que é usado pra se prender na venta do animal pra ele obedecer?
- 101- Com o que se cutuca o gado pra ele entrar no caminhão ou na mangueira?
- 102- Como é chamada a peça de madeira usada no pescoço do gado pra ele não pular a cerca?
- 103- O que se coloca na cabeça do gado pra puxá-lo de um lugar pro outro?
- 104- Como se chama o ferro usado para mochar o boi?
- 105- O que o peão usa no pé pra cutucar o cavalo pra ele andar?

ANEXO II - QUADRO DE OCORRÊNCIA DE ALGUMAS FORMAS LEXICAIS

Formas lexicais	Nº. da Questão	Informante					
		1	2	3	4	5	6
aboiano	60, 61	x	x	x	x	x	x
aboio	70	x	x	x	x	x	x
africano	38						x
algaroba	84	x				x	x
angolano	38						x
apartá	75	x	x			x	
argola	100			x		x	
arriadô	94	x					
babosa	31.33	x					
balança	72			x			
balanção	72	x					
bananinha	3					x	
besocriol	31.33	x	x				
besol	31.33		x		x		
bicho	26					x	
bizerro	15	x	x	x		x	x
bizoro	26	x			x		
boi em pé	73	x					
boi pa criá	21		x				
boi pesadô	16						x
boi pra corte	21	x					
boi pra peso	21					x	
boiada	73	x					
botá cal no currá	35						x
brabo	25						x
branco	3	x					
braquiara	38						x
braúna	84				x		
broca	26		x				
buflo	17	x		x			
buzerá	17		x				
cabrana	102.103	x			x	x	
cabresto	102.103		x				
cabrunco	26						x
calombi	84					x	
cambão	102.103		x	x			
caminhão boiadero	61	x		x	x	x	x
campeá o pasto	74	x					

cana	37						x
cancela	83	x		x			x
candeia	84	x					

Formas lexicais	Nº. da Questão	Informante					
		1	2	3	4	5	6
canela-de-véio	84	x	x	x			
canelero	84				x		
canga	102	x					
canhoto	3	x					
capim-de-corte	38					x	x
capim moído	37					x	
careta	103			x		x	
carrancudo	84				x		
carregadera	62		x		x		
carreta	63		x				
caruara	28		x			x	x
cavalo de campo	76			x			
cavalo de corê boi na pista	77				x		
cavalo piqueno e rápido	76					x	
cercado	88		x				
chumbado	18	x	x				x
ciscá o currá	45					x	
cochera	39,40.			x			
cocho	39,40.	x		x	x		x
cocho de cimento	39,40.	x					
cocho seco	39,40.						x
coice-do-gado	66	x					
conchete	83	x					x
confinamento	88	x		x			
corda	93,94,95	x	x	x	x	x	x
corda (de coro)	93,94,95	x					
corda-de-garupa	93,94,95		x				
corê a fazenda	45	x					
corredô	89			x		x	
cortizinho na orelha	97	x				x	
criado	16		x				
criôlo	17	x					x
criulina	35		x				x
cumitiva	64	x		x			
dá campo	45		x				
de coro fino	22						x
diantera, diantero	4	x				x	x
direito	3	x					
dirruba do gado	51		x				
divisô	63	x					

Formas lexicais	Nº. da Questão	Informante					
		1	2	3	4	5	6
febre aftosa	34		x				x
ferro	96		x		x	x	
ferro de marcá	96			x			
ferro-de-ismochá, de mochá	104	x		x		x	
fugitivo	25	x		x			
furmiga	99,100.	x		x		x	
gado de recria	21		x				
gambarra	34		x				x
garrote	24		x				
gerena	84					x	
gibão	49	x	x	x	x	x	x
giletero	17	x					
girassol	37					x	
gripano	38						x
guiada	101	x	x		x		
holandês, landês	17	x	x			x	
imbarcadera	62			x			
imbarcadô	62	x				x	x
incorado	49	x	x	x	x	x	x
iscorná	90	x					
ispora	105			x			
istaca	86	x					
istrada de chão	68						x
jaleco, jaleque	49	x	x	x	x	x	x
jiqui	80,81,82						x
jurema	84	x					x
laço	93,95			x			
ladrão	25					x	
lepecide	27					x	
letchera	13	x				x	x
lombo do burro	60,61	x					
lombo do cavalo	60,61	x					
lote	73	x	x				
luva	49	x	x	x	x	x	x
maçaranduba	84						x
maçoroca, maçaroca	6	x				x	x
maduro	16						x
maiada	87	x					
mal-da-ponta	26						x

Formas lexicais	Nº. da Questão	Informante					
		1	2	3	4	5	6
manga	87	x					
manguero	87	x					
mangueruzinho	87			x			
maninha	12	x	x	x		x	
maniva	37		x		x		
manquera	28	x					
maravilha	31				x		
matadoro	72			x			
místico	17						x
boi pa criá	21		x				
palha-de-arroiz	37						x
palha-de-fejão	37	x					
palha-de-milho	37	x					
palma	37		x				
palmatória	37	x			x		x
pangaré	79				x		
pangola	38					x	
pangolão	38					x	
pastinho	87		x				
pasto	87					x	x
pau-de-rato	84					x	
petchera	49					x	
petchurá	49			x			
pé-de-pau	69			x	x		
pé-duro	79	x				x	
pega do boi brabo	59	x					
pelage	30					x	
pernera	49	x	x	x	x	x	x
pesado	16						x
pinhero	3						x
pintadinho	18	x	x				x
pintado	18	x	x			x	x
ponta	2	x	x		x	x	
presa	39	x					x
quarto de milho	76		x				
quarto fofo	28	x					x
quarto inchado	28	x					x
quina-quina	27,31,35				x		
ração	44	x					x
rancharia	69		x				

Formas lexicais	Nº. da Questão	Informante					
		1	2	3	4	5	6
rezistro	97,98					x	
rimueno	41			x		x	
ripão	86	x		x	x		
rojão	60		x				
ruim de leite	14	x					x
ruminano	41	x					
sabiá	84	x					
sal	43	x	x			x	x
sal mineral	43	x	x			x	x
sal naturá	43	x	x			x	x
sedém	6	x					
sempre-verde	38						x
separadô	63	x					
sinal	97	x			x		
sinsal	37	x					
tabapuã	17	x					
taca	92	x		x		x	
tangeno	60, 61	x	x	x	x	x	x
tanque	39		x				
tarafa	87			x			
tocado a cavalo	61			x			
traseira, trasero	5	x				x	x
vaca de leite	13		x				
vacina	31						x
vaquerice braçal	45						x
vaquero	53		x				
vareda, vereda	68	x		x			
varijera	32					x	
veiaco	25	x	x	x	x		x
venta	7	x	x	x	x	x	x
verme	30	x					
vermeio	20	x	x			x	x

ANEXO III - DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Vaqueiro João Cordeiro de Almeida (Inf. 04), 56 anos.



Vaqueiro Fernando Marinho (Inf. 03), 57 anos
Ao fundo, a vegetação de caatinga, típica da região



Vaqueiro José Clóvis de Jesus, (Inf. 05), 14 anos, apresentando-se encourado.



A documentadora e o cavalo preparado para a apartação.



O cocho onde são colocadas a comida e a água para o gado.



Imbarcadô, embarcadera ou carregadô, carregadera.



A taca, utilizada para açodar o gado.



Cerca-de-vento.



A careta, para impedir a visão do boi e obrigá-lo a seguir o caminho certo.



Tanque ou presa (represa).



O vaqueiro Manoel dos Passos Oliveira Silva, O Passinho aboiador, (Inf. 06), 44 anos, expressão máxima do aboio na região.